

REVISTA DA SEMANA

Nº. 45

4-11-44



CR
1,5
EM TO
O BRA

No texto: "Muiraquitã" — Flagrantes do Municipal



Saúde hoje... felicidade amanhã



Há mais de 85 anos que a Casa Squibb vem trabalhando no campo da medicina. Sempre colocou ao alcance de todos produtos medicinais fabricados de acordo com os mais altos padrões possíveis. Qualquer produto que ostente o Selo da Casa Squibb merece inteira confiança, seja soro ou vacina para o hospital, produto vitamínico, dentifrício ou preparado medicinal para o lar.



SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

O DESENVOLVIMENTO DA SAÚDE PÚBLICA NAS AMÉRICAS — Uma Mensagem de E. R. Squibb & Sons...

Diabetes

NÃO há muitos anos, médico algum teria profetizado que chegaria em breve o dia em que um diabético gozaria livremente o exercício fora de casa... indo para o seu trabalho diário... e vivendo como o fazem pessoas normais. Mas, isso foi antes da descoberta da Insulina.

Hoje, graças aos progressos da medicina, o diabético que segue a dieta prescrita, toma o devido cuidado, pratica higiene e usa Insulina de acordo com a prescrição, pode levar uma vida normal e contar com uma existência longa e útil.

A diabetes, porém, é insidiosa e deve ser mantida sob controle pela coope-

ração do doente e do médico. Eis porque estão sendo largamente disseminadas entre os povos das Repúblicas das Américas, como parte da grande e nova campanha em prol de melhor saúde estipendiada pelos respectivos governos, informações sobre os sintomas e o tratamento da diabetes.

Não há preparados de insulina melhores do que os feitos pelos Laboratórios Squibb. Uniformes, estáveis e notavelmente isentos de substâncias que produzem reação, os produtos de insulina Squibb são reconhecidos pela classe médica como representando o mais alto padrão de qualidade.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

NO PAÍS DAS SOMBRAS

O reino dos mortos tem as fronteiras ilimitadas, como a própria Eternidade. Nele vivem os exilados de todos os mundos, os fugitivos de todos os planetas do Universo. Ninguém lhe percebe o começo, nem o fim — e a mesma Filosofia se detém, assustada, diante das linhas imaginárias que lhe circuitam a grandeza.... Há milhões de anos que a humanidade tenta saber algo do que passa naquela região invisível, onde moram os nossos mortos e por onde adeja a nossa saudade.... Todos temos alguém sobre cuja sorte meditamos diariamente, sentindo que as lágrimas nos brotam dos olhos à medida que os pensamentos escasseiam no cérebro.... Os filósofos e os médicos ainda não lograram remédio para a fatalidade da Morte. Montanhas de livros se têm escrito acerca do grande mistério do Fim — e, do alto delas, nada mais divisamos que a inani-
dade das coisas e a fragilidade dos seres....

Recordar — eis o grande lenitivo dos que trazem, no coração, a imagem de um morto querido. Recordar é dar vida ao morto, é ressuscitar as sombras, é insuflar a chama da realidade no cadáver de um sonho.... Eis por que o verdadeiro cemitério somos nós mesmos, os que temos mortos para chorar, sombras para esquecer.... Ir ao campo santo, que é? Que nos dizem aquelas pedras frias, aquelas lousas tumulares, diante das quais o pensamento humano se detém — ferido e inerte, confuso e impotente? A única voz que ali ressoa é a da nossa angústia. O grande grito que ali se levanta é o do nosso desespero. O silêncio dos campos santos mata as flores mais vivas da filosofia humana. O' Spinoza, ó Descartes, ó Malebranche — que é feito de vós? Também sois pedra, como as montanhas, pó como as estrelas do deserto? Que resta de vós, senão os vossos livros — cárceres de papel, onde se prendem as idéias para que a Morte não as destrua também?

Não! E' preciso crer — porque, se tudo acabasse no tumulto, a Vida seria um es-
carneo, e a Divindade — um monstro. Não é possível separar, para sempre, os pais —
dos filhos, os filhos — dos pais.... Se todos são do mesmo sangue, como pode morrer
um e sobreviver outro? Quem nos consola, na face dos mundos, da desgraça de perder
um filho? A mudez das coisas, a indiferença das irvores, a inércia das montanhas — não
seriam crimes diante de uma mãe debruçada sobre um túmulo de criança? O Deus, não
estarias gerando blasfemos nas cidades e nos campos, se deixasseis sem remédio a dor da
orfandade, ou a tristeza da viuvez? Se o Nada fosse o epitáfio definitivo das criaturas,
o Nada seria o poder supremo — o que re-
pugna à inteligência universal, e ofende a har-
monia das coisas. Tudo é tão belo, na Terra!
Olhai os campos em flor, os regatos em re-

pouso, e imponência das pedras altíssimas, e doce voejar das aves, o lírico respirar da
brisa na hora sonhadora do crepúsculo.... Tudo indica o toque de um artista máximo,
o influxo de uma vontade soberana. Só os cemitérios nos enchem de horror. Por que?...
Por que?...

E' que a Morte desfigura os nossos entes queridos com a ferocidade de um tigre, a
inconsciência de uma fera. Rouba-lhe a voz, com que nos chamavam; fecha-lhes os olhos,
com que nos viam; ata-lhes os braços, com que nos acariciavam.... E os torna pálidos
de cera, e frios como um desengano... Grande prestidigitadora universal, quem vos fez
assim feroz e implacável? O mesmo que criou as flores e os pássaros?... O mesmo que
coloriu as manhãs de rubro e tingiu os poentes de cinza? O mesmo que polvilhou de
mundos o panorama do Universo? Esse contraste entre as belezas do que vive e os hor-
rores do que se acaba — é que a Filosofia não aclara e a História não explica....

A saudade dos vivos é a ressurreição dos mortos. Dentro da nossa alma também
há silêncio, mas um silêncio fecundo, em cujo seio palpitam as criações do nosso afeto,
os milagres do nosso amor. No dia dos mortos, não basta deitar flores sobre
os seus túmulos, urge reviver, à custa de lágrimas, as suas imagens.... O pranto é capaz
de operar prodígios. Não fossem as lamentações de Marta, e Lázaro não se teria levantado
do túmulo....

Choremos, amigos. A lágrima é uma emanção da Eternidade — como a luz e a fé.
As feras e as pedras não choram.... *beati qui lugent*.... O pranto é uma benção. Só não
o entende, quem renunciou à suprema religião da saudade. A alegria tem a bulha pró-
pria dos eventos transitórios. Só a dor é eterna. Só a lágrima é fecunda....

Dia dos mortos.... Haverá algum que o não seja? Será necessário uma data es-
pecial em que os choremos? A romaria ao Campo Santo é um ato piedoso, porém, maior
é a piedade do que traz, em si mesmo, o cemitério.... Há um silêncio enorme na alma
dos que têm mortos para chorar. Os céus da oração sempre luzem nela, e o sussurro
das reminiscências é como o vento lugubre que agita os ramos dos ciprestes.

Dia dos mortos.... Dia dos vivos.... Que são os vivos senão os mortos de amanhã?
Que são os mortos senão os vivos de ontem? —
...Vivos e mortos, todos marchamos para um país
de sombras, onde se percebe, muito ao longe, co-
mo uma música, a voz harmoniosa de Deus....

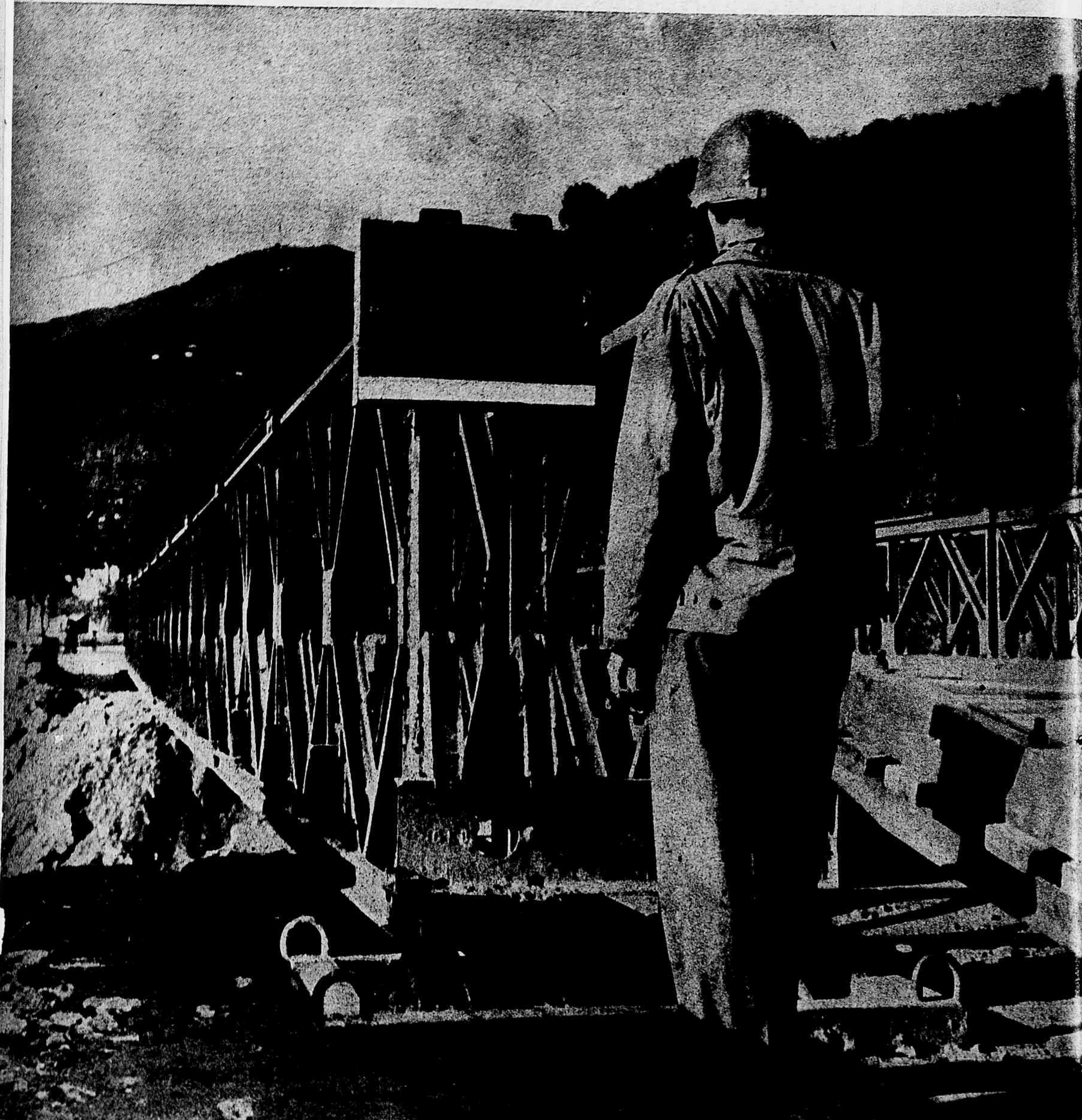
BERILO NEVES





ESTADO MAIOR NAZISTA APRISIONADO — O MAJOR-GENERAL ALEMÃO ERICH ESTER (QUARTO DA ESQUERDA) DISCUTE COM O TENENTE-CORONEL NORTE-AMERICANO J. E. FRANCH (SEGUNDO DA DIREITA) OS TERMOS DA RENDIÇÃO DE 20.000 HOMENS NAZISTAS CERCADOS PELAS FORÇAS DOS ESTADOS UNIDOS NO SUDOESTE DA FRANÇA. A RENDIÇÃO DOS NAZISTAS EM QUESTÃO OCORREU NO DIA 17 DE SETEMBRO.

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA ITÁLIA — A PONTE QUE APARECE NA FOTOGRAFIA, CHAMADA "CARIOCA", FOI CONSTRUÍDA PELAS FORÇAS DA ENGENHARIA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, NUM SETOR DO NORTE DA ITÁLIA, AFIM DE FACILITAR O AVANÇO DO QUINTO EXÉRCITO.





FAZEM FOGO OS CANHÕES BRASILEIROS — UM CANHÃO BRASILEIRO DE 105 MILÍMETROS ENTRA EM AÇÃO, APOIANDO O AVANÇO DA INFANTARIA NO NORTE DA ITÁLIA. A GUARNIÇÃO DESSA PEÇA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA COMPÕE-SE DOS SEGUINTE COMBATENTES: TERCEIRO SARGENTO JOÃO CASAGRANDE, DE S. PAULO; CABO ARÃO ROSA DA ROCHA, DO RIO DE JANEIRO; SOLDADOS JOÃO DA SILVA PEREIRA, OLAVO DA SILVA BARBOSA, JOSÉ CABRAL TEIXEIRA, ALBERTO GARCIA DO VALE, OSWALDO ALVES DE MORAIS E O MUNICIADOR FRANCISCO DE PAULA, DO RIO DE JANEIRO; SOLDADOS MARIO ALVES TORRES, DE MINAS GERAIS, E SOLDADO ALFREDO CHAVES, DE NITERÓI, ESTADO DO RIO. ESSA PEÇA FOI UMA DAS PRIMEIRAS DA F. E. B. A ENTRAR EM AÇÃO CONTRA OS NAZISTAS, NO DIA 16 DE SETEMBRO (Fotos d INTÉR-AMERICANA).

5

Alguns dos acontecimentos definitivos desta guerra foram desenvolvidos no Extremo Oriente, onde teve início verdadeiramente o conflito que acabou por absorver a quase totalidade do mundo, como o "incidente" sino-japonês, que desde 1935 vem sangrando a velha terra dos dragões e dos pagódes.

O "incidente" significava apenas o começo da expansão imperialista dos dirigentes militares do Mikado, dos fanáticos traídores súditos de Hiroito, que mais tarde se desdobraria no sonho fantástico da conquista do Oriente, submetendo-o ao seu domínio.

Muitos outros "incidentes" iriam se verificar com o correr do tempo, o da invasão da Abissínia pelos fascistas de Mussolini, a invasão da Espanha pelos Falangistas, e posteriormente a de toda a Europa pelos nazistas alemães. O mais interessante é que havia uma articulação entre o avanço nazista em direção ao Cáucaso e o avanço nipônico na Ásia.

O petróleo do Cáucaso e a conquista da Pérsia, com o posterior avanço sobre a Índia, é um velho sonho do imperialismo germanico desfeito em 1918 e novamente em 1943 com as batalhas de Stalingrado e El Alamein.

Os exércitos germanicos e niponicos deveriam se encontrar na Índia, estabelecendo assim o completo domínio alemão e japonês, na Europa e na Ásia.

O fracasso da Wehrmacht veio naturalmente abalar de modo sério as esperanças e ilusões dos senhores da guerra de Tóquio.

Entretanto, a partida não estava ainda perdida e seria possível estabelecer o domínio na Ásia e na Oceania, controlando o Pacífico.

Para isso dispunha o Japão de meios, com um formidável exército apto para a luta nas selvas malásicas, uma das maiores e mais modernas esquadras do mundo. Faltava-lhe um parque industrial mais desenvolvido e fontes de matérias primas.

Pearl Harbor foi o primeiro golpe dos japoneses para a conquista da Oceania. Naturalmente a Austrália seria a "meta optada" dos exércitos niponicos.

O sucesso lento mas continuo das armas japonesas na China; a interceptação da Estrada de Burma, a ameaça sobre Kohima, a conquista de Málaca, Indo-China Francesa, das grandes ilhas da Malásia e dos principais arquipelágos da Oceania, proporcionando ao Japão as matérias primas imprescindíveis para o desenvolvimento da guerra, colocavam-no na Ásia em situação correspondente à da Alemanha na Europa, nos tempos da sua maior expansão. A destruição quase total das esquadras americana e britânica, atacadas de surpresa e traiçoeiramente, parecia garantir por muito tempo o domínio nipônico no Oceano Pacífico.

Entretanto, a extraordinária capacidade de produção dos Estados Unidos e da Inglaterra viria depressa desfazer as esperanças do Japão.

Uma por uma, as ilhas grandes e pequenas da Oceania estão sendo dominadas pelos invencíveis fuzileiros de Tio Sam. O Japão foi perdendo gradativamente os pontos conquistados com enorme sacrifício. Golpes esmagadores estão sendo assestados na sua esquadra e na sua aviação, visivelmente minguantes.

Dada a natureza do teatro de luta no Pacífico, em que as comunicações e abastecimentos das tropas dependem quase exclusivamente da frota de superfície, cada uma das batalhas navais perdidas pelos japoneses representa um passo certo no caminho da vitória aliada, com a marcha dos exércitos americanos rumo a Tóquio.

A esmagadora derrota que a esquadra japonesa vem de sofrer frente à americana, na área das Filipinas que estão sendo invadidas, é talvez definitiva para o desenvolvimento da guerra.

Com o esmagamento da Alemanha, cujo território está sendo invadido a leste e a oeste, o aniquilamento da esquadra japonesa vem aproximar extraordinariamente o fim da guerra com a extirpação de todos os regimens totalitários, europeus e asiáticos.

A GUERRA EM MARCHA



6 JOCKEY CLUB MUNDANO

A REUNIÃO DE DOMINGO ULTIMO NO HIPODROMO DA GAVEA CONSTITUIU MAIS UMA BRILHANTE VITORIA PARA O TURF BRASILEIRO, QUE JÁ SE FIRMOU ENTRE NÓS COMO O ESPORTE DA ARISTOCRACIA. DURANTE ESSE "MEETING" O FOTOGRAFO DA "REVISTA DA SEMANA" COLHEU OS INSTANTANEOS QUE ILUSTRAM ESTA NOTA.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 4-11-944 -- N. 45

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 140

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANISADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

No País das Sombras (Berilo Neves).....	3
Crise (A. S. M. Hutchinson).....	15
O Par de Luvas (Barry Pain).....	23
Coincidências (Larry London).....	33
Jonathas Serrano (Escragnolle Doria).....	34
Livros Novos (J. L.).....	38/39

REPORTAGENS:

Jockey Club.....	6
O Direito Autoral e o Espiritualismo.....	8/9
Inauguração do Hotel Serrador.....	11/14
Muiraquitã no Municipal.....	19/22
Procopio interpreta Molnar.....	29/32
Figuras e Fatos.....	35
A Semana da Economia.....	40/41

FEMININAS:

Modelos Rita Hayworth.....	24/25
Nos Bastidores Femininos.....	28
Outros Modelos.....	44

CURIOSIDADES:

Você tem vocação para detective?.....	16
Coisas do Brasil.....	17
A guerra dá vida nova á arte britânica.....	42/43

SEÇÕES:

A Guerra em Marcha.....	4/5
A Semana em Revista.....	10
De Música (Roberto Lyra F.).....	37

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	18
O Salão visto por Alvarus.....	26/27
"Charge" de Raul.....	48

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	49/50
----------------------------------	-------

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

A nossa Capa

Belo tipo feminino esse de Ann Savage, que hoje aparece na sobrecapa. Seu mais fascinante sorriso parece endireçar-se ás nossas leitoras, como traduzindo um convite faceiro para que



sejam percorridas as demais páginas desta edição, onde, realmente, podemos oferecer-lhes um contingente apreciável de boa leitura, de ilustrações palpitantes. Duas dessas reportagens focalizam outros tantos acontecimentos teatrais da estação: Procopio Ferreira, cujo reaparecimento vem de fazer-se no desempenho de uma antiga peça de Molnar, e "Muiraquitã", espetáculo levado a efeito, repetidas vezes, no Teatro Municipal. De pai com esse noticiário, nossos leitores ainda encontram, neste número, reportagem fotográfica da Semana da Economia, da inauguração do Hotel Serrador, contos, novelas, e os comentários principais destes sete dias, em "A Semana em Revista".

Numeros atrasados desta Revista em Sergipe

PROCURAR A
LIVRARIA REGINA

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

O DIREITO AUTORAL

O "CASO" HUMBERTO DE CAMPOS E OS LIDERES DA OPINIÃO PUBLICA

(São Paulo, Outubro, reportagem de J. CARLOS PADILHA)

De palpitante impressionismo, o debatido caso forense se tem mostrado sob os mais variados aspectos, cada qual mais diferente, cada qual mais distanciado um do outro segundo os diversos pontos de vista expendidos num sentido mais ou menos dispersivo, senão mesmo contraproducente. Por isso, aos termos conhecimento de que, em São Paulo, certo jurista e escritor havia publicado um tratado sobre DIREITOS AUTORAIS, nos demos pressa em incumbir pessoa de nossa imediata confiança no sentido de ouvir o autor do referido livro sobre a momentosa questão. Procurado o Dr. Pedro Orlando,

SR. PEDRO ORLANDO, CULTOR APRECIADO DE NOSSAS LETRAS JURIDICAS E ORIENTADOR DE "EDIÇÕES NOVA JURISPRUDÊNCIA", QUE NOS CONCEDEU AUTORIZADAS OPINIÕES SOBRE O MOMENTOSO PROBLEMA DO DIREITO AUTORAL APÓS MORTE, A PROPÓSITO DO RECENTE "CASO" LITERARIO DE HUMBERTO DE CAMPOS, QUE TANTO REPERCUTIU EM TODOS OS CIRCULOS SOCIAIS.



apreciado cultor de nossas letras jurídicas e orientador de "EDIÇÕES NOVA JURISPRUDÊNCIA", prontificou-se imediatamente a nos esclarecer, por intermédio de nossos serviços de reportagem, alguns pontos do ruidoso caso forense, e, já agora, à luz da doutrina espiritualista. Disse-nos vir acompanhando, com o mais vivo carinho e crescente interesse, o desenrolar da contenda perante a justiça brasileira, podendo adiantar, segundo sua mesma observação, que o feito se irá esclarecendo, pouco a pouco, até chegar à suprema instância, quando então terão de ser ventiladas e supridas certas lacunas e falhas para as quais, até certo ponto, teriam concorrido os próprios advogados das partes em pleito.

Diante disto, tentamos algumas perguntas.

— *Pensa que alguma coisa já deveria ter sido elucidada num sentido mais conclusivo?*

— Exatamente, respondeu-nos. Partindo do pressuposto de que não teriam os advogados nem ao menos pleiteado o registro das obras havidas por psicografadas, chegaríamos à evidência de que a qualquer dos dois contendores na ruidosa discussão judicial faltaria a qualidade a que chamamos "sujeito de direito".

— *Como sustentar essa maneira de apreciar o caso, pois nem sequer se houve de positivar a propriedade dos livros psicografados, dada a controvérsia havida e a dívida suscitada em torno da autoria de tais livros?*

— Explicar-me-ei com mais clareza. E', realmente, uma face de aparente dubiedade, essa, principalmente para aqueles que não teriam examinado o caso com a reclamada serenidade e indispensável firmeza, ou para os que não querem compreender o ponto nevrálgico da questão. Já se houve de focalizar a face da contenda que se volta para a expressão do "nome" como valor no Direito Autoral. Não me parece que a citação tentada por um dos advogados e, inicialmente, publicada pela REVISTA DA SEMANA tenha cabimento relevante no esclarecimento do processo ora em grau de recurso. Já vimos, em nosso livro, entregue às principais livrarias da Paulicéia e a caminho do Rio, que o nome, só por si, não representa valor patrimonial, nem dele pôde servir de objeto, fundamento ou causa. Vimos, também, que o direito de autor decorre, não somente do nome, não exclusivamente do nome, senão, notadamente, da obra, do trabalho, do livro, como produto da idéia, do pensamento, da inteligência. Por isso mesmo, não haverá dano a reparar, mas direito a defender. Sómente poder-se-ia cogitar de nome quando se tratasse de evitar-lhe a usurpação; ainda assim, apenas quando de tal fato ou em tal circunstância se pudesse determinar, ou precisar, um prejuízo certo do patrimônio do autor ou de seus herdeiros e sucessores, mas um prejuízo estimado de modo claro e inequívoco, como consequência da confusão do nome, propositadamente estabelecida ou lançada, com espírito preconcebido.

— *De que decorreria, então, de uma maneira geral, o direito de autor na hipótese suscitada?*

— Não é das coisas mais fáceis indicar, de pronto, a solução de tão complexo assunto, dada a sua feição como que subjetiva.

Já vimos que o Direito Autoral que se discute, por via de regra, não decorreria diretamente do nome, mas da obra ou do livro psicografado e até agora sem o registro legal. Poderíamos, ao invés do nome, ter em vista um pseudônimo, ao nome correspondendo, embora sem a mesma característica, mas com o mesmo valor representativo, circunstâncias que, de forma alguma levaria o público a aceitar, como se de Humberto de Campos fôsse, um livro que viesse aos leitores sob um outro nome, que não o dele, pois não devemos esquecer o império da sugestão que o nome de um escritor, querido e festejado, como ele o era, pôde e deve exercer sobre as massas de seus inúmeros apreciadores e encomiastas, no espírito do povo, ainda que sem o pendor ou a tendência de credulidade ou sem os fervores da crença. Isto mesmo já havíamos feito consignar em nosso livro "DIREITOS AUTORAIS", em que destacamos um capítulo inteiro, acerca do curioso caso judicial.

— *Quais teriam sido suas conclusões do ponto de vista do espiritualismo, como fator na consecução de obras de inteligência, estas como expressão cultural?*

— E' fator em face do qual não mais seria possível dissimular, sequer.

Examinamos, em nosso trabalho "DIREITOS AUTORAIS", a notável influência que

E O ESPIRITUALISMO

RUY BARBOSA ESPIRITUALISTA E OUTRAS APRECIACÕES OPORTUNAS

a crença espiritualista teria exercido no seio das elites intelectuais e na formação de certos períodos da vida literária de algumas das expressões gloriosas na história de nossas letras, as maiores sem dúvida, as mais altas, dentro da literatura na América Latina.

Referimo-nos, por exemplo, a Ruy Barbosa, que, em sua "Oração aos Moços", na Faculdade de Direito de São Paulo, pela voz do professor Renaldo Porchat, houve de manifestar-se com estas proposições incisivas: "A maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, é a da morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros."

"Quantas vezes não somos nós os que vamos chamar esses leais companheiros de além-túmulo e com eles renovar a prática interrompida, ou instar com eles por um alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstea de luz, um traço do que por lá se sabe, e aqui se ignora?"

... E não teria sido somente o grande Ruy uma das mais insígnies revelações em face da maravilhosa luz da crença, a caminho da mágica perfeição.

Vimos também Cruz e Sousa, sob a influência da chamada Escola Francêsa de Verlaine, Baudelaire e outros, alhear-se aos páramos do desconhecido, numa mais profunda revelação ante a magia de esquisitas figuras literárias, sob estranhos influxos simbolistas, ardentes de fé e esplendor.

Interrompemos a divagação do já conhecido publicista de "Furto Literário" e "Furto Científico".

— Poder-nos-ia esclarecer em relação à propriedade imaterial das obras ditas psicografadas de Humberto de Campos?

— Como viu, a apreciada e muito lida REVISTA DA SEMANA como outros órgãos da imprensa carioca e da capital de São Paulo tiveram ensejo de reproduzir opiniões as mais respeitáveis, conceitos os mais brilhantes, como de Nestor Massena, Paulo Hecker, Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), Maurício de Medeiros, Mario Donato e tantos outros, cujos pontos de vista resumimos em destacado capítulo do principal trabalho, onde apontamos aqueles expoentes nos vários setores da atividade contemporânea dos dignos representantes das diversas vanguardas: a dos professores de Direito; a dos juristas do sul; a dos católicos praticantes; a dos cientistas; e a dos críticos e jornalistas.

— Acredita, então, em que a justiça, por seu mais alto tribunal, se há-de manifestar pelo reconhecimento do direito da família de Humberto de Campos?

— Seria prematuro afirmar ou negar o fundamento de qualquer direito, quer quanto aos herdeiros do glorioso patricio, que ora paira em tranquilas regiões a que nos não seria dado atingir, para sondar-lhe a vontade; quer em relação aos desejos da "Editora da Federação Espírita Brasileira", que outra aspiração, por certo, não teria, segundo quer parecer, além da de aplicar os resultados obtidos pela divulgação dos livros psicografados, em obras de assistência social cristã. Seja como for, decidida a questão, sua feição meramente jurídica há-de bater na mesma tecla: a falta de registro na Biblioteca Nacional, na forma do art. 673, do Código Civil, cuja execução fôra regulamentada em tempo oportuno. Insistiríamos neste ponto, mesmo em face do critério legal proposto e constante das "Instruções" expedidas pelo Ministério da Justiça, as quais, na hipótese, poderiam ser assim resumidas: "Se duas ou mais pessoas requerem, ao mesmo tempo, o registro de uma obra, ou de obras que pareçam idênticas, ou sobre cuja autoria se tenha suscitado discussão ou controvérsia, não se fará registro sem que se tenha decidido por acordo das partes, ou perante o juízo competente, a quem cabem os direitos de autor" (Art. 11).

De tudo se infere, evidentemente, que, do ponto de vista legal, as partes em pleito deveriam ter pedido, antes de mais nada, o registro em causa; e, do ponto de vista espiritualista, as obras ditas psicografadas nem se deveriam enquadrar no direito de autor, propriamente dito, nem ser classificadas como de propriedade do apontado Francisco Xavier, mas da Editora, simplesmente.

Bastaria consultarmos o art. 651, do predito diploma legal, para que nos convencessemos do seguinte: que o editor exerce os direitos de autor quando a obra fôr anônima

ou pseudônima, caso em que, quando o autor se der a conhecer, assumirá este o exercício de seus direitos, sem prejuízo dos adquiridos pelo editor. Ora, perante a opinião pública, em geral, tanto faz dizer "obra psicografada", como obra anônima ou pseudônima, embora, de um modo particular, a obra anônima não seja o *res nullius*, pois, na hipótese pressuposta, "tem dono, e será inadmissível confiscá-la ou declara-la do domínio comum", consoante observação do preclaro Clóvis.

Ao despedirmo-nos do talentoso patricio, disse-nos: de uma coisa estou convencido: de que "na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e os mais nobres serviços humanos" (Mensagem in "REVISTA DA SEMANA" de 12-8-1944 — Humberto de Campos).

SERENADOS OS ANIMOS SILENCIARAM OS JORNAIS. NINGUÉM MAIS FALOU DO ASSUNTO. E NO ENTANTO HUMBERTO DE CAMPOS NÃO CHEGOU A MANIFESTAR-SE OU, PELO MENOS, NÃO CAIRAM EM DOMÍNIO PÚBLICO DECLARAÇÕES A ELE ATRIBUÍDAS. ISSO NÃO IMPEDE QUE O PROBLEMA CONTINUE DE PÉ, FOCALIZADO, HOJE, NESTA INTERESSANTE ENTREVISTA QUE NOS VEM DE SÃO PAULO.



a Semana em Revista

FOOT-BALL TRAGICO



"Panem et circensis" pediam os romanos decadentes, ávidos de espetáculos sangrentos, de emoções fortes, de preferência cruentas, onde os seus nervos lassos pudessem afinal se distender e vibrar, onde a sua sensibilidade embotada fôsse sacudida. Podendo comer e ter o seu espetáculo, a vida corria-lhes num mar de rosas. Nenhuma outra aspiração os preocupava.

Quem assiste à preparação, ao desenrolar de um jogo e ao resultado do mesmo, no Brasil, há de imaginar que também o nosso povo vai adquirindo a paixão cega pelo esporte, não como praticante do mesmo, o que seria até de se louvar, mas como mero espectador.

Nestes momentos não são os músculos, o sangue frio ou a resistência física de milhares de pessoas que se preparam: são os nervos, o equilíbrio dessas mesmas pessoas, de quase toda a população de uma capital que se esbandalham, de domingo para domingo.

Não é possível a ninguém, dentro da cidade, ignorar essa paixão esportiva que empolga os indivíduos e as massas. Por menos vontade que tenhamos de ouvir o jogo de foot-ball no domingo, a não ser que estejamos atacados de surdez, teremos de escutar os aparelhos de rádio de todas as casas, onde os "speakers", também atacados de histerismo, descrevem, aos gritos, os pontapés que vinte e dois homens desferem numa bola de couro.

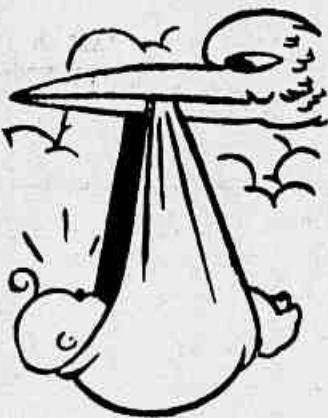
Em todos os cantos da cidade — nos cafés, nos veículos, nos repartições, nos escritórios — este é o assunto dominante e absorvente. Em torno do jogo de cada domingo alguns milhares de cruzeiros são apostados, evidenciando a paixão dos "torcedores" e a confiança cega que depositam nos pés dos jogadores do seu clube. É verdade que em toda parte se pratica esporte e que o povo se deixa absorver por essa paixão. Entretanto o foot-ball não se limita a produzir estes distúrbios no sistema nervoso dos afeccionados de cada clube. Ultimamente vem se repetindo alarmantemente uma série de mortes produzidas pela paixão do foot-ball.

Há bem pouco tempo houve o caso de um cidadão que morreu de colapso cardíaco, ao ouvir a notícia da derrota do seu clube, e recentemente, em São Paulo, um rapaz suicidou-se porque o seu clube, o Corinthians, perdeu uma partida que o impediu de aspirar ao campeonato. Antes de se matar escreveu um bilhete declarando o motivo que o levava a este ato de desespero. Todos os domingos sucedem-se as mortes, quer por ataques cardíacos quer por suicídio, em consequência de derrotas no foot-ball.

Num momento em que todas as vidas são necessárias e que está sendo jogada, não a sorte de um clube mas da humanidade, agora que a nossa mocidade está se sacrificando nos campos de batalha da Europa, não parece justo que nos deixemos absorver e dominar pelo resultado de uma partida de foot-ball.

Enfim, como não é possível evitar ou arrefecer esta paixão, poderíamos, no máximo, aconselhar aos "torcidas" exaltados e descontentes que sigam o exemplo dos "torcedores" do Bonussucesso. Se houvesse um suicídio cada vez que este clube perde um jogo, evidentemente há muito tempo não haveria mais "torcida". E nenhum vascoino veio a suicidar-se esta semana...

PRESTEZA NA INFORMAÇÃO



O telegrama, distribuído pela Agência Reuters aos jornais cariocas, é datado de 27 de Outubro, procedente de Hollywood e diz o seguinte: "Hedy Lamarr anunciou ontem que espera 'ser mãe' em junho vindouro. Seu marido, John Loder, acrescentou que a conhecida 'estrêla' ainda completará dois filmes antes da chegada do bebê". Como se vê, a notícia veio com extraordinária antecedência, porque, a rigor, só dentro de oito meses e alguns dias — na data em que o telegrama foi expedido — é que a intérprete de "Êxtase" vai receber a visita da cegonha. Ora, senhores, nada como ser artista famosa do cinema para gozar dessa facilidade de bem informar o público, pondo-o a par de todos os

mínimos detalhes do que se passa conosco. Estamos em princípios de Novembro, longe ainda do Natal; não sabemos ainda o que pode suceder até o próximo São João. Aproximadamente trinta e uma semanas se encontram a nossa frente e, no entanto, já Hedy Lamarr avisa aos seus "fans" que será mãezinha em meados do próximo ano. Ignoramos se os "fans" gostariam de tomar conhecimento do fato. Nem sempre há de ser muito agradável, para eles, certificarem-se de que a sua "estrêla" favorita, cheia de encantos físicos, dona de um par de olhos tentadores, lábios sensualíssimos e um modo especial de sorrir para o público ou para o galã de seus amores no filme — está na iminência de contemplar Hollywood com um novo "astro", fruto de sua paixão por terceiro... Nesse caso o terceiro chama-se John Loder. Quer-nos parecer que o conhecido ator inglês é marinho de primeira viagem no capítulo da paternidade. Tão depressa a esposa o fez cliente da grande nova, não esperou um dia sequer para transmiti-la aos amigos: "— Rapazes, vou ser pai... PAI, estão ouvindo bem?" E tão bem ouviram os amigos que prontamente o telégrafo mandou cá para fora a notícia. É verdade que o acontecimento está ainda por muito tempo. E tanto que Hedy Lamarr ainda terá ensejo de posar dois filmes, sabendo-se que nada menos de seis a oito semanas serão consumidas na realização de cada um. Nada impedirá que a formosura e a elegância da senhora John Loder continuem realçando diante das objetivas cinematográficas. Depois, sim. Daí em diante ela terá de afastar-se dos estúdios, até passado o São João e quem sabe se também o São Pedro, pois o telégrafo esqueceu-se de nos dar essa minúcia.

Positivamente, houve precipitação. E quem sabe se Hedy Lamarr não terá sido a primeira a reclamar o espólio? Pode acontecer tanta coisa, mas mesmo tanta, até Junho de 45...

POLITICA E GARRAFADAS



Uma enorme massa humana de 130 milhões de almas está manifestando, por intermédio do voto, a sua opinião em torno do nome do próximo presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte. Governos de força e governos de lei; governos em que o indivíduo é considerado um ente capaz de raciocinar e manter a sua vontade sem coações, e governos que fazem tábula rasa da vontade do povo. Estes os dois princípios que se chocam na maior conflagração da história do mundo. Os princípios da Democracia e os princípios do totalitarismo. Aquêles que se arvoraram dirigentes de povos, que se fizeram adorar como deuses, que desprezaram a opinião de milhares de pessoas dominadas pela força bruta, estão à beira da derrota final. As Democracias estão esmagando as ditaduras.

A enorme família americana está espalhada pelos continentes e pelos mares do mundo inteiro. Em cada praia da mais insignificante ilha da Oceania, no alto das montanhas da Itália, no próprio território da Alemanha "Invencível" de Hitler, alguns heróis americanos estão pagando com a vida este desejo de liberdade e de justiça dentro do qual foram criados. Aliás, os americanos sempre derramaram generosamente o seu sangue em defesa dos seus ideais e dos seus interesses.

Nos Estados Unidos a paixão política é uma realidade sentida e vivida por todas as camadas populares.

O telegrama que nos chegou há dias de New York mostra um aspecto inédito da paixão política na terra do Tio Sam.

Com o espalhamento que caracteriza toda propaganda nos Estados Unidos, um caminhão passeava pelas ruas com seus alto-falantes berrando pela eleição de Roosevelt. De repente um inesperado e original ataque, partido de uma janela, veio pôr em pânico os angariadores de votos.

Tratava-se da senhora Dolly Madison, que atirava sobre o caminhão uma sarajada de garrafas, mostrando o seu entusiasmo pelo partido político oposto, isto é o de Dewey.

Naturalmente, esta manifestação exuberante redundou na prisão da agressora, dependendo agora a pena a lhe ser imposta de averiguar-se se as garrafas estavam cheias ou vazias, segundo esclarece a mesma notícia.

Temos de confessar que o episódio político é bem original, apesar de termos em nossa história aquela célebre "noite das garrafadas".

DIVORCIO E TELEFONE



Tantos fatos sensacionais ocorreram nestes últimos dias, tantas e tão agitadas questões se debateram que, a rigor, o cronista não encontrou dificuldade na escolha de assunto para esta página. Passar a semana que findou em revista só pode ser difícil na seleção do que de mais apropriado para este comentário se oferece. E convenhamos: o episódio de marido e mulher que ileitaram divórcio, motivado por um aparelho telefônico, foi dos mais pitorescos. Pitoresco, apenas? Nós diríamos melhor tragi-cômico. Na verdade, o conflito doméstico surgiu em mercê do precioso aparelho que Graham Bell inventou para martírio de muitos outros. Quem sabe quantas vezes o marido tentou telefonar para casa, encontrando demoradamente o número em comunicação! Uma, duas, dez, vinte vezes, e nada! Quem sabe se outras tantas a esposa não fez o mesmo, nas experiências infrutíferas de saber quem estava falando para o escritório dele... Daí, as primeiras rusgas conjugais. E por fim o caso insolúvel, o problema de solução mais difícil que quantos anteriormente se ofereceram, o impasse final: "— Bandido! Sabe que mais? Vou para a casa de mamãe..." E ele: "— Pois vá para os infernos! Há mais tempo!". Nem tudo que se diz sai do coração, naturalmente. Quando as mulheres ameaçam os maridos de voltar para a casa de mamãe, é porque pensam em tudo menos na casa materna. E os maridos que ameaçam de reconquistar a liberdade, em casos tais, pensam numa excelente reconciliação, que não tardará muito. Há exemplos de casais que brigam, periodicamente, pensando no gostinho das pazes feitas. Uma perfeita "segunda lua-de-mel", pois não!

Mas desta vez o conflito foi muito além. Não houve reconciliação, pelo menos imediata, sendo o caso entregue aos advogados. Petição inicial para desquite... Pequenas delongas do processo... Requisitados os cônjuges a comparecer ao tribunal, prestar depoimento... E por aí adiante. Até que, enfim, estourou a bomba. E o telefone lá de casa: com quem iria ficar no momento de ser consumado o desquite? Com o marido ou com a esposa? Ele julgava-se no legítimo direito da posse do aparelho, na qualidade de homem do trabalho. Ela, por que não considerasse igualmente habilitada à preferência? "— O telefone é meu! Sou eu quem paga a mensalidade, ora essa!" "— Não quero saber disso, o telefone é meu, preciso dele para falar com mamãe todas as manhãs, essa é boa!" "— E' meu, fica comigo!" "— Não senhor, é muito meu... Senão eu choro!"

Calculem-se os apuros do pobre juiz, em face a um caso igual! Casados com absoluta comunhão de bens, nem assim era possível dividir em partes iguais o aparelho. De nada serviria à esposa ficar com o bocal ou a caixa sem o fone, como também este de coisa alguma serviria ao marido sem o restante das peças. E depois, é tão difícil arranjar novo aparelho nos tempos racionados que atravessamos! A Light está exigindo nada menos de um ano — quando há linha — para a colocação de novas instalações...

Foi quando o juiz, com muito acerto e uma pontinha de malícia que lhe assentou divinamente, resolveu a questão. De que maneira? Muito simples: transmitindo à Companhia Telefônica o desfecho do caso, pois só ela, a Telefônica, poderá saber a quem deve entregar o aparelho. No caso em aprêgo o juiz nada mais pode fazer. Ou nada mais quer fazer, o que é muito mais certo...

O final da história os jornais não contaram. Mas quem sabe se em face dos apuros em arranjar novo telefone não houve reconciliação? Sim, porque maridos e mulheres andam aos pontapés nas ruas da cidade. Uma nova linha telefônica? Não vê...

E daí ficou tudo novamente em comunicação...

UM GRANDE ACONTECIMENTO NA VIDA DA CIDADE

PALAVRAS DO PREFEITO HENRIQUE DODSWORTH: "ESTA É, SEM DÚVIDA, UMA OBRA BENEMÉRITA QUE VEM CONCORRER DE MUITO PARA A BELEZA E O ENGRANDECIMENTO DA CIDADE MARAVILHOSA" — 368 APARTAMENTOS DE LUXO, 32 DE "GRANDE LUXO" E 6 APARTAMENTOS "DUPLEX", DE "SUPER-LUXO" — E A CIDADE CONTINUA SAUDOSA DE FRANCISCO SERRADOR!



Flagrante obtido na "terrace" do novo e luxuoso hotel, vendo-se ao fundo a fachada do Teatro Serrador, outro empreendimento do saudoso cinematografista. No grupo, ao centro, David Serrador e seu filho Francisco José, em companhia de amigos e destacados elementos da cinematografia local.

Imponente a inauguração parcial do Hotel Serrador, o maior e o mais luxuoso da America Latina.

O Rio de Janeiro pode ufanar-se de possuir, agora, o mais luxuoso e ainda o maior hotel de quantos existam em toda a América Latina. Foi no penúltimo sábado de Outubro, dia 21, que se realizou a inauguração parcial desse imponente edifício, situado na praça Getúlio Vargas, no local onde existiu o cinema Alhambra. Obra ideada pelo saudoso Francisco Serrador, a quem a metrópole tanto deve, desde os primórdios da fundação da Cinelândia, ela se converteu agora em um verdadeiro monumento arquitetônico. E foi entre grandes manifestações de alegria que o grande e último presente de Serrador se entregou ao público, na pessoa do sr. Henrique Dodsworth, prefeito do Distrito Federal. Colhido pela morte imprevisível, o criador da Cinelândia não pôde concluir a última etapa de sua vida, mas seus filhos resolveram prosseguir essa obra, concretizar o grande sonho daquele que sempre trabalhou pelo progresso e engrandecimento da cidade do Rio de Janeiro. Convocando seus irmãos para a luta, David Serrador conseguiu levar de vencida a todos os obstáculos que a guerra semeou em seu caminho. E após mais de três anos de trabalhos consecutivos e sem tréguas, o Hotel Serrador é, agora, uma grande e maravilhosa realidade. Sua inauguração, mesmo parcial, revestiu-se de grande destaque e marcou o acontecimento número um deste fim de ano. É uma obra que honra, em verdade, duas gerações e fala bem alto da capacidade realizadora dos brasileiros.

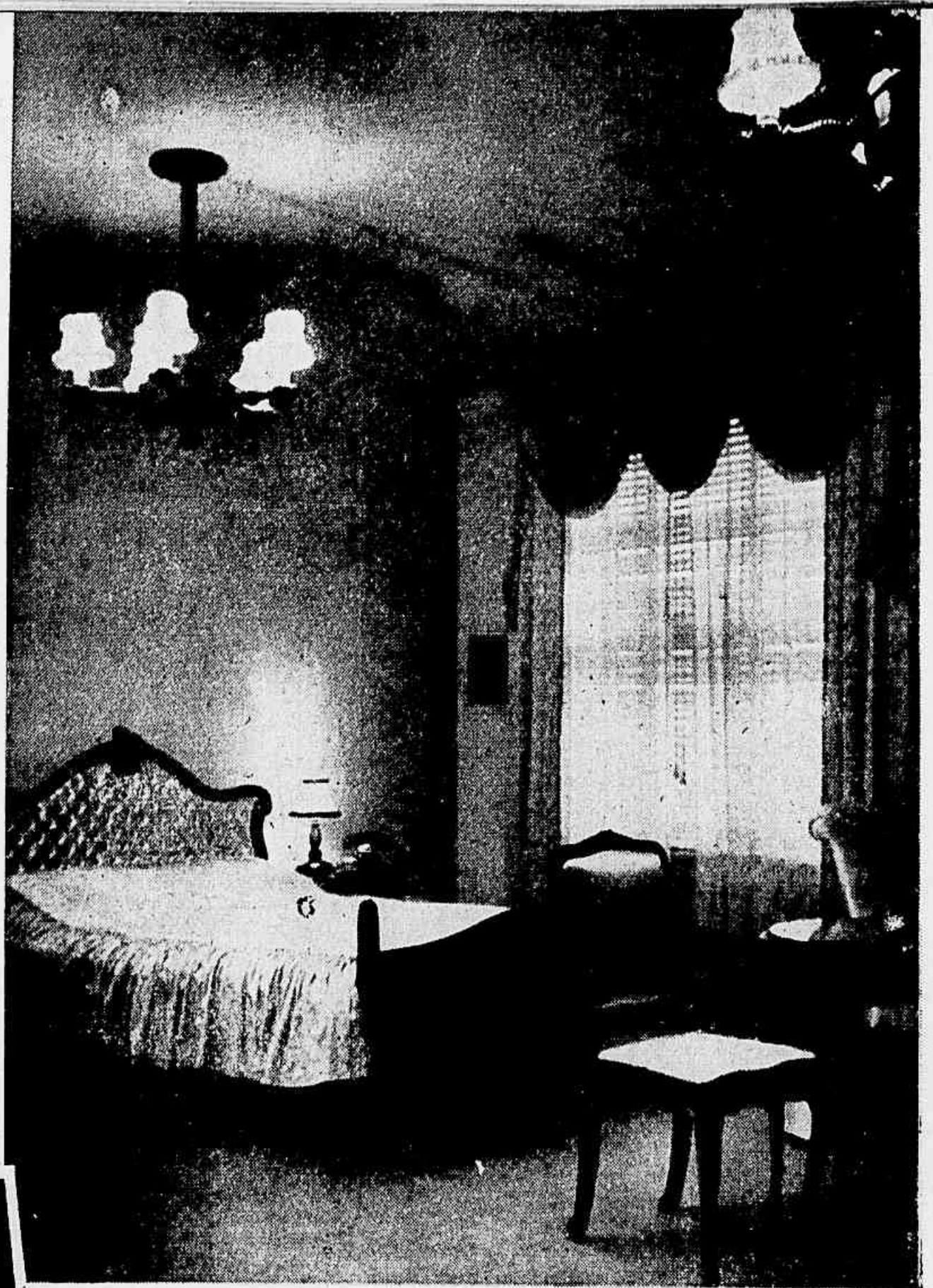
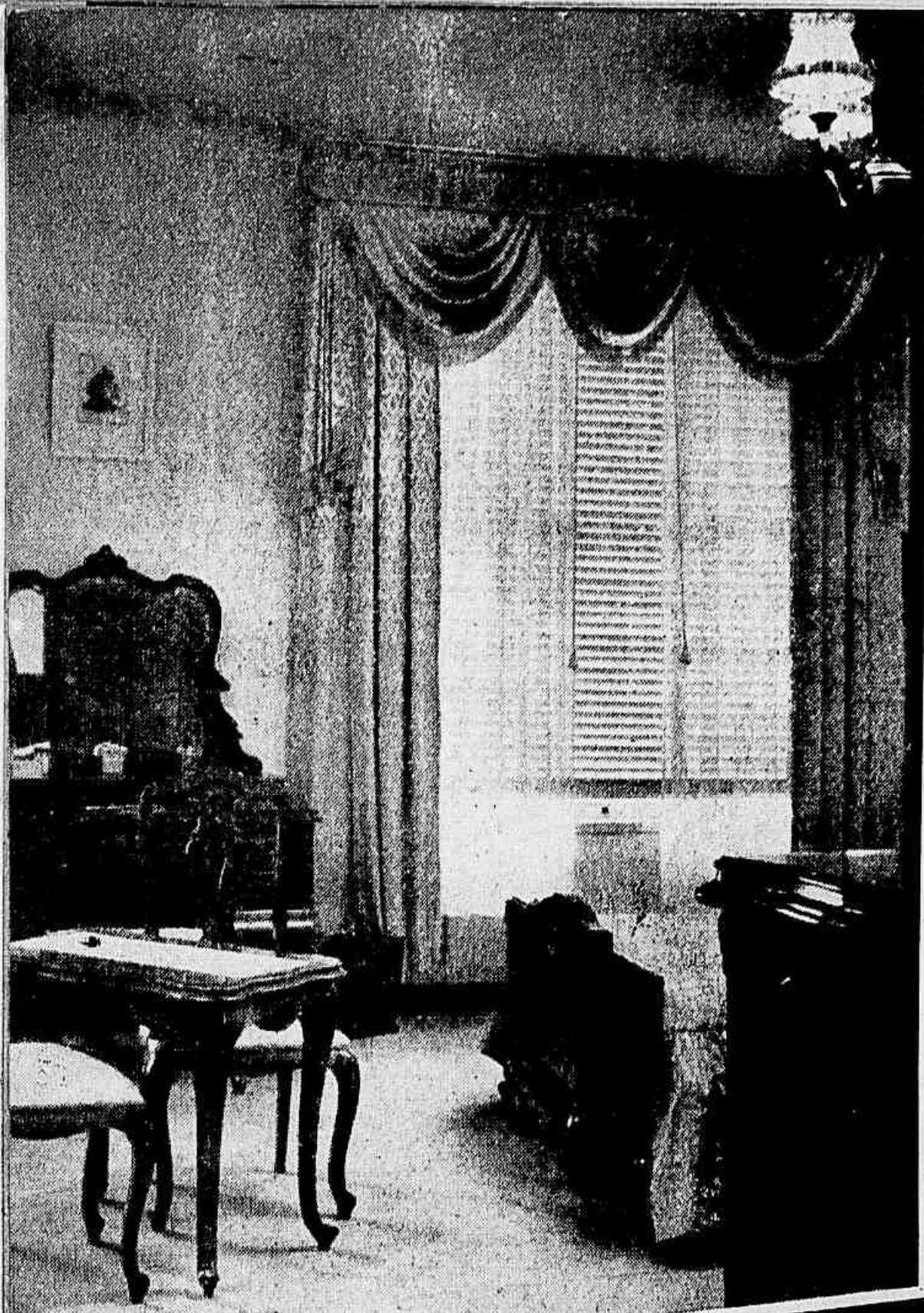
Como acertadamente disse o prefeito Henrique Dodsworth no ato da inauguração, "esta é, sem dúvida, uma obra benemerita que vem concorrer para a beleza e o engrandecimento da Cidade Maravilhosa". Por sua vez, oferecendo a inauguração do Hotel Serrador ao "colaborador número um desse empreendimento", e fazendo descerrar a bandeira nacional que cobria a placa de bronze com a efígie do prefeito, David Serrador disse: — "Palavras minhas e de meus irmãos, em oportunidades como a de hoje, são palavras de saudade e de carinho, porque mantemos viva a lembrança de Francisco Serrador, que foi o nosso grande orientador na vida e ainda, neste instante, está presente, pelo espírito, na realização que vamos levando para a frente. Mas, ao lado deste justificado sentimento de amor filial, outras sensações nos invadem agradavelmente o espírito nesta hora, porque temos a honra excelsa de falar a v. exa... sr. prefeito Henrique Dodsworth



No ato da inauguração parcial do Hotel Serrador, David Serrador oferece a cerimônia ao prefeito Henrique Dodsworth, que também se vê na gravura ladeado por Francisco Serrador Junior, Roberto Marinho, diretor de "O Globo", Herbert Moses, presidente da A. B. I., e sr. Manoel Ferreira Guimarães.



Em rápidas e eloquentes palavras, o prefeito Henrique Dodsworth agradece a homenagem que vem de lhe ser prestada e reafirma sua admiração pela obra imponente que se inaugura e com a qual o Rio foi enriquecido com um moderníssimo e confortável hotel, situado em plena Cinelândia.



A esquerda — Detalhe de um aposento do luxuoso Hotel Serrador, onde tudo é confortável, moderno e rigorosamente prático.

aus ilustres senhores representantes da imprensa e a velhos e dedicados amigos, a todos e a cada um de per si oferecendo a expressão do nosso agradecimento por nos haverem distinguido com sua amável presença a este ato de inauguração parcial do Hotel Serrador".

Em seguida todos os presentes fizeram uma peregrinação pelas dependências do grande edifício, podendo apreciar suas magníficas instalações, inclusive os apartamentos de luxo, situados no vigésimo andar, o bom gosto e finura dos detalhes e da decoração, que, segundo todos, excediam a qualquer expectativa mais otimista.

O Hotel Serrador não é somente uma obra grandiosa e monumental, do ponto de vista arquitetônico. Falta salientar seu acabamento, o material de primeiríssima ordem com que foi construído. Seria fácil concluí-lo em muito mais rápido tempo se apenas interesses imediatos de lucro fácil tivessem movido seus idealizadores e realizadores. Mas o objetivo maior foi, sem dúvida, o de oferecer à cidade um estabelecimento à altura de suas necessidades, do seu desenvolvimento e do seu progresso.

Trezentos e sessenta e oito apartamentos contendo cada um, privativamente, quarto de banho, rádio, telefone e sinalização automática, ficam à disposição dos hóspedes. Trinta e dois são apartamentos de grande luxo, havendo ainda seis apartamentos "Duplex" de "Super-Luxo". No Hotel Serrador teremos bar, barbearia, salão de leitura, instituto de beleza, instituto hidroterapêutico, grill-room, restaurantes e um completo serviço de portaria à disposição de seus moradores. Todos os apartamentos são de frente e situam-se diante das mais belas paisagens do mundo, pois o Hotel Serrador domina com a sua imponência toda a baía da Guanabara.

SERRADOR CONTINUA I

Depois de percorrermos todas as dependências desse majestoso edifício, regressamos à redação com o espírito voltado para a memória de Francisco Serrador. Aquele homem simples, ativo e empreendedor, que primeiro pensou em povoar o reduto do Convento da Ajuda e se arrojou a construir, naquele perímetro então escuro e deserto, meia dúzia de imponentes edifícios, com cinema na parte térrea; ao Serrador que se fez sócio de confeitarias, casas de chá, bonbonnières e toda a sorte de negócios para levar gente à Cinelândia, se deve ainda agora esse cometimento maior. Seus filhos são os legítimos herdeiros da fibra de homem de ação, da tempera de realizador que foi Francisco Serrador, e por isso ele continua no espírito e no coração de todo legítimo carioca. Não mais existindo o "velho" Serrador, ali se encontram os dignos herdeiros da sua maior fortuna, que é a coragem e o espírito de lutador. Por isso, cada carioca aplaudiu, de coração, a inauguração do Hotel Serrador, que nos envaldece e põe o Rio de Janeiro equiparado às principais capitais do mundo, no que diz respeito a hotéis de luxo.

Em cima — Outro detalhe de um dos modelares aposentos. Cada um deles possui, privativamente: quarto de banho, rádio, telefone, sinalização automática. A decoração dos interiores é feita em harmonia com o mobiliário. As portas, duplas, oferecendo garantia e segurança ao hóspede.

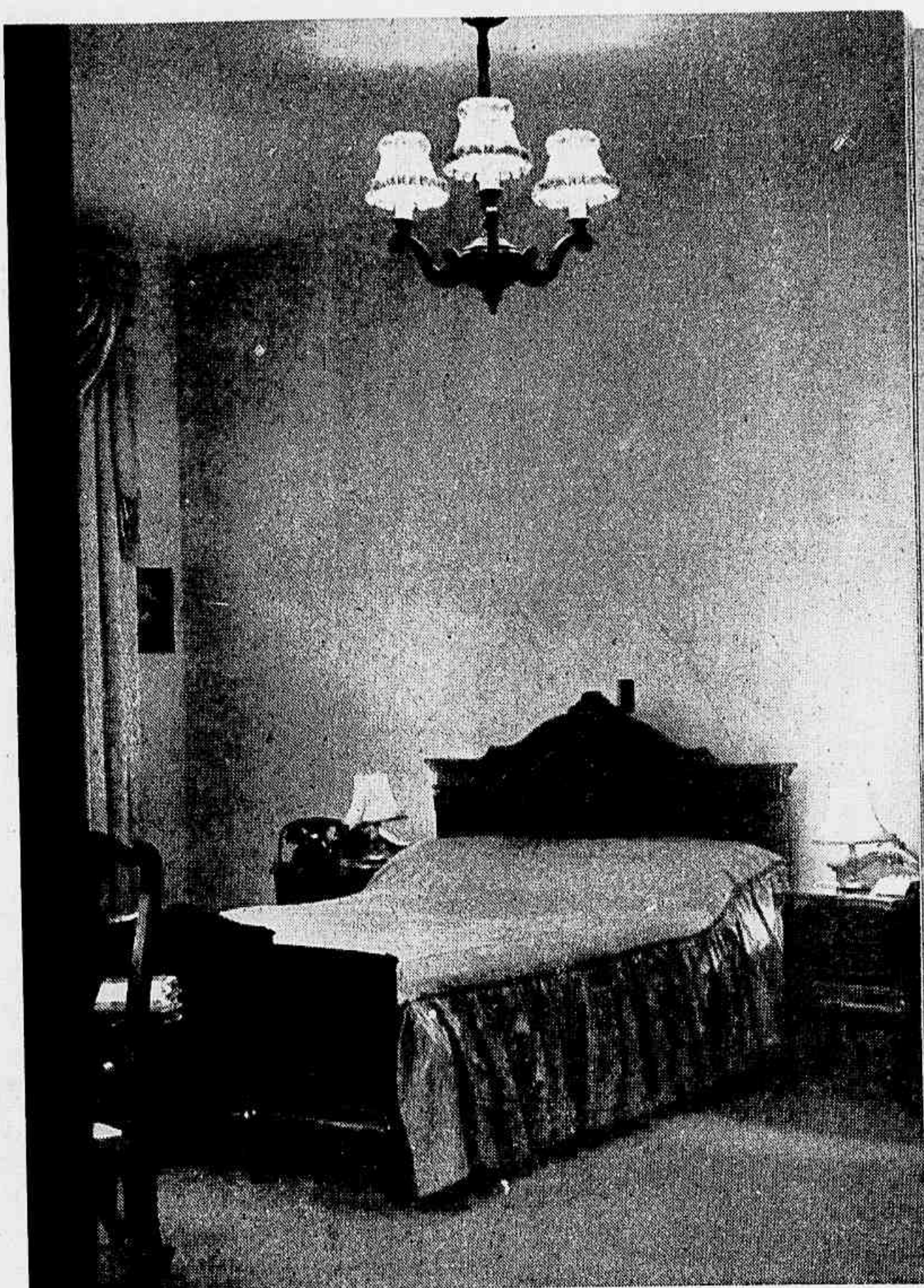
Em baixo — Aspecto do "hall" do Hotel Serrador, com o lanço de escadas para os andares superiores. Irrepreensível serviço de elevadores é colocado à disposição dos hóspedes.



O problema da falta de hotéis de classe, na capital da República, está sensivelmente reduzido com a inauguração, mesmo parcial, desse imponente edifício da praça Getúlio Vargas, dominando com a sua imponência a paisagem da cidade e dando aos hóspedes o máximo conforto.

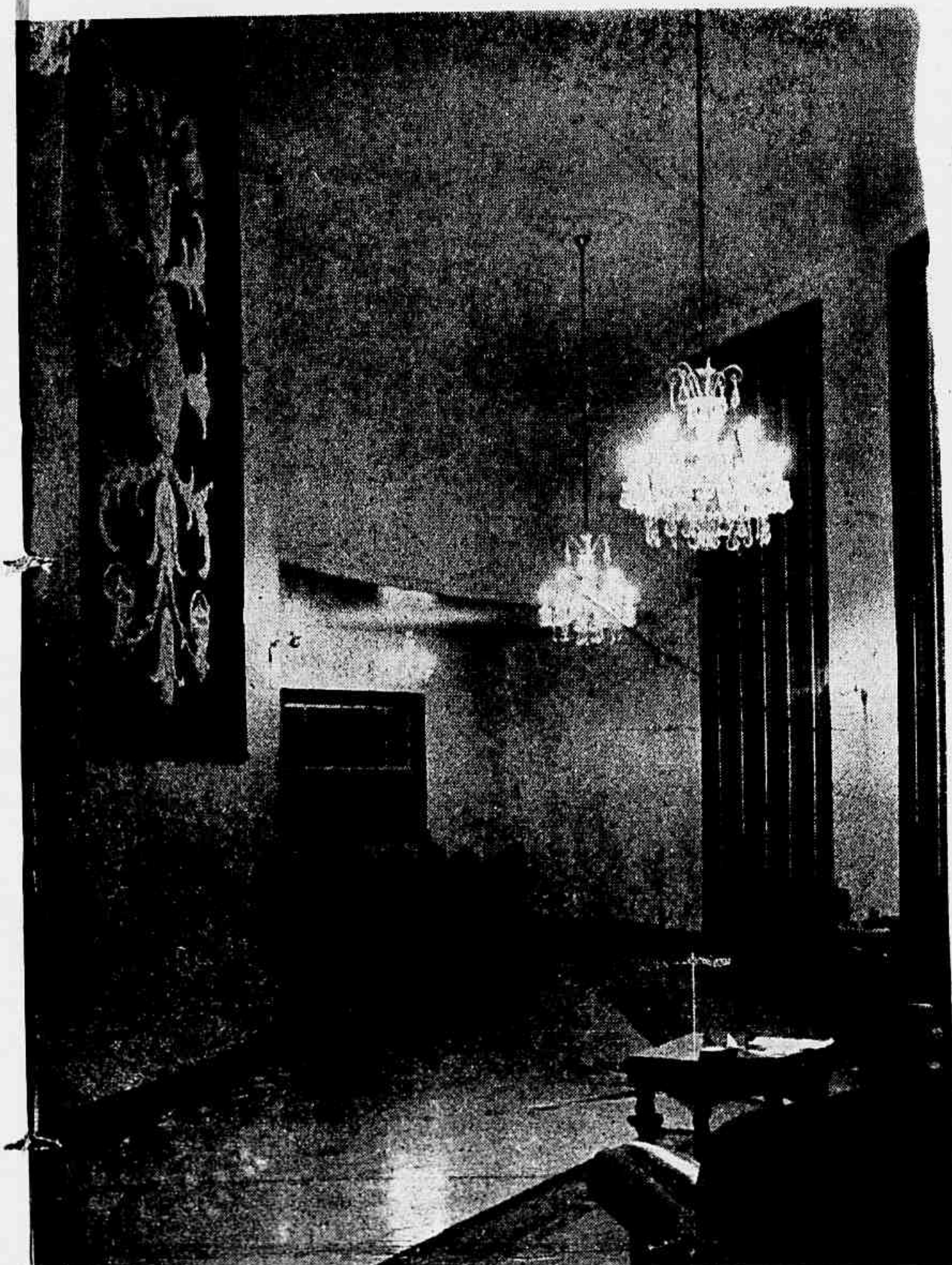
Antes de proceder à construção do Hotel Serrador, técnicos e especialistas procuraram conhecer o que de melhor e mais moderno se oferece ao público nas principais metrópoles do continente. Tudo é, assim, preparado para satisfazer mesmo aqueles que tenham se hospedado nos maiores hotéis do mundo.

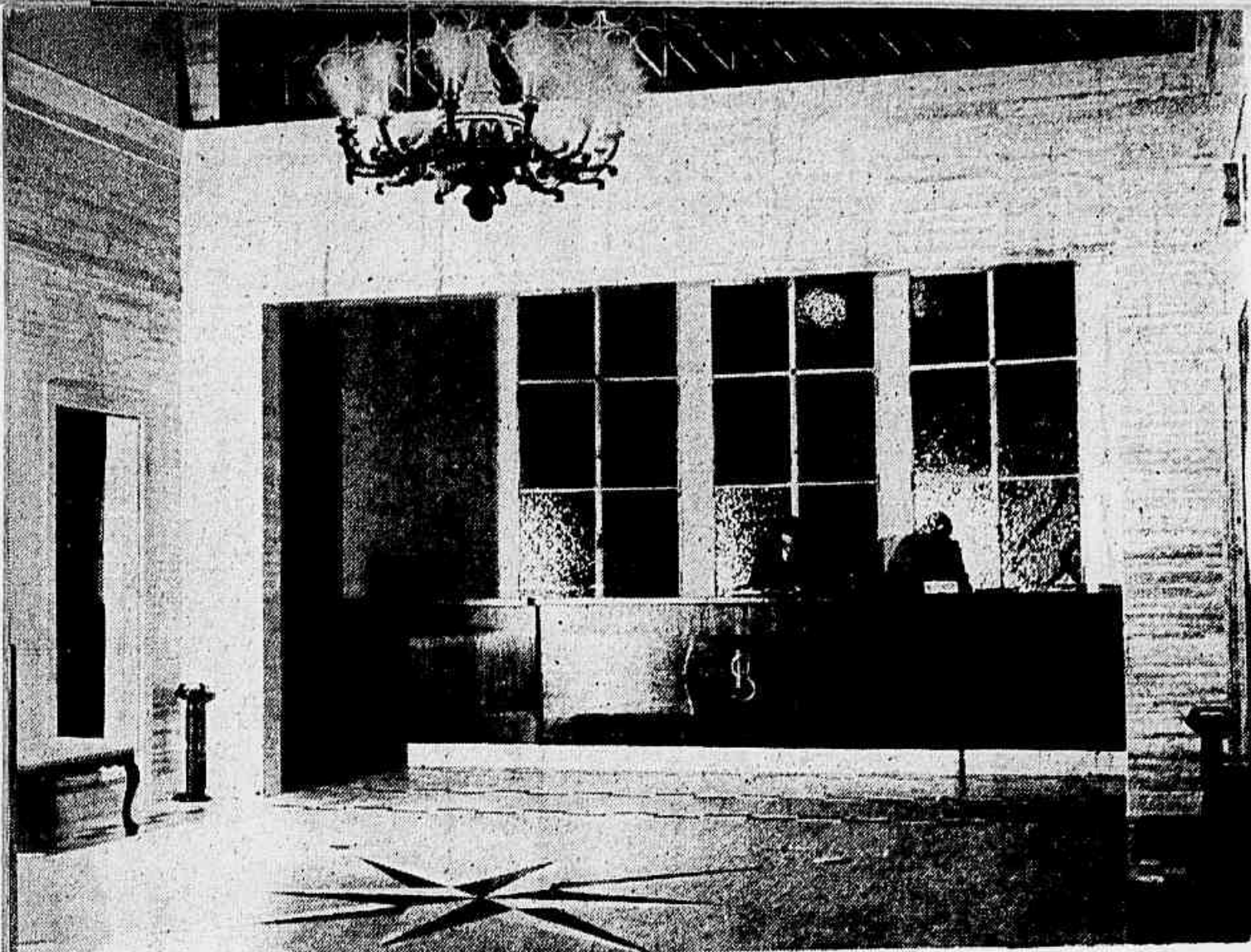
Sala de estar, na sobre-loja, onde os hóspedes encontram um ambiente convidativo para palear com os amigos, descansar dos passeios que tenham realizado durante o dia e ler as últimas edições dos jornais e revistas do Rio, dos Estados e mesmo das principais cidades do mundo.



Diversas inovações contribuem para o conforto total de quem se hospedar no Hotel Serrador. Ali tudo é amplo, espaçoso e convidativo para o repouso. Decorações simples e de real efeito, sistema de iluminação elaborado com todo o esmero. Vê-se, à esquerda, o rádio incrustado na parede.

Antes de proceder à construção do Hotel Serrador, técnicos e especialistas procuraram conhecer o que de melhor e mais moderno se oferece ao público nas principais metrópoles do continente. Tudo é, assim, preparado para satisfazer mesmo aqueles que tenham se hospedado nos maiores hotéis do mundo.





Na portaria do Hotel Serrador está localizado um completo serviço de informações, para melhor servir os hóspedes. Requisição de passagens, preparação de roteiros para excursões, telefonemas internacionais, remessa de encomendas, de tudo se incumbem os funcionários especializados.



A seleção dos quadros e objetos de arte, que se distribuem por todas as dependências do edifício, mereceu, por parte dos visitantes da inauguração, as melhores referências. Tudo é allado a um espírito de harmonia e bom gosto, como se pode observar deste simples detalhe.

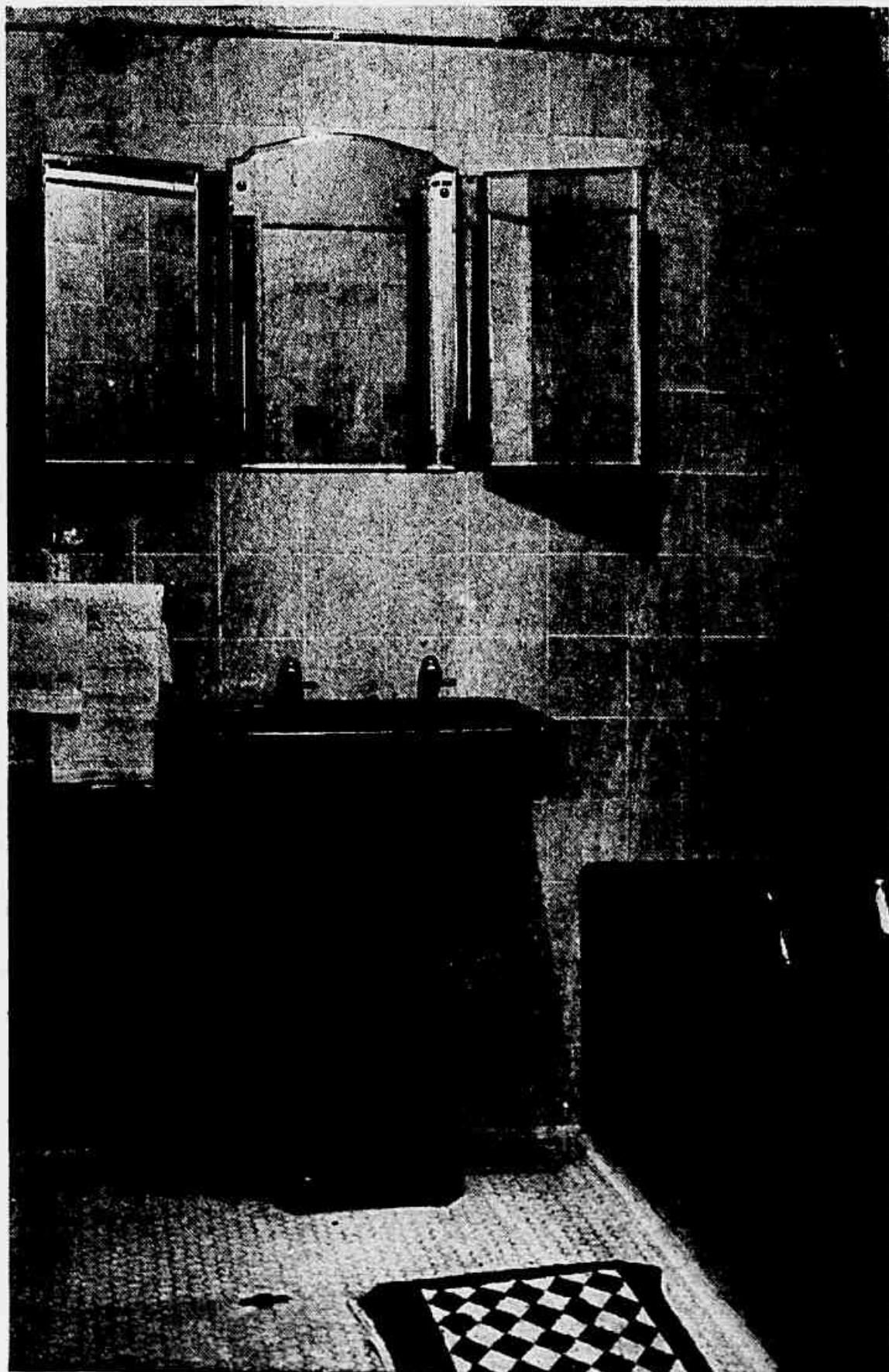


Móveis confeccionados especialmente para o Hotel Serrador, decorações a caráter, presidida por um espírito de requintado bom gosto, disposição das peças com absoluto equilíbrio, tudo, enfim, que ofereça ao hóspede conforto e bem estar ali se encontra.



O Hotel Serrador não é somente uma obra grandiosa e monumental do ponto de vista arquitetônico. O que vale, sobretudo, salientar é o acabamento magnífico e o material de primeira ordem com que foi mobilado, como se conclui desse ângulo de apartamento e dos respectivos móveis.

Quartos de banho são sempre as peças que requerem maiores desvelos. Estes, do moderníssimo hotel que a Cidade Maravilhosa vem de ganhar, fazem jús a um superlativo. Mármore legítimos, instalações completas, todos os detalhes observados. O efeito é, realmente, soberbo.



NÃO É UM CHOQUE QUE CAUSA
PERTURBAÇÕES MAS A SUA
BRUSCA INTERRUPTÃO...

ADAPTAÇÃO DE UMA NOVELA DE A. S.
M. HUTCHINSON)

CRISE

— Não concordo.
Mario Cabral levantou os olhos e encarou o interlocutor.
— Está no seu direito. Porém é a pura verdade...

Júlio Ribeiro sorriu:
— Conheço a sua fama...
— Fama que eu não fiz nada para merecer...

— Como assim?
— Acusam-me de gostar dos paradoxos. Ora, não há coisa que mais deteste do que um paradoxo...

— Entretanto você tem que confessar que está discutindo um assunto que não é de sua especialidade e, ademais que a sua opinião é muito original...

— Quanto ao fato da minha opinião ser original não vejo como isso possa ser usado como argumento contra ela. E, quanto ao fato de não sei esta a minha especialidade, não significa que eu não possa ter a minha opinião a respeito...

— Não contesto. Reservo para mim o direito de discordar dela, tão somente.
— Concedido. E discutamos outras coisas... O assunto já está ficando caceté...

A conversa, desde esse momento, prosseguiu na maior cordialidade. Júlio, porém, apesar de negar enfaticamente ter visto a menor parcela de bom senso na opinião do amigo, ficava preocupado com o que este lhe dissera. O choque, na opinião de Mario, não implicava consequências desastrosas. Era a interrupção abrupta, a percepção brusca de que tudo passara, que fazia a pessoa voltar a si, e, então, sair da perturbação. Se continuasse indefinidamente o estado de choque não haveria prejuízo. Muito pelo contrário. Um choque forte faz com que todas as faculdades de certos indivíduos se agucem, funcionem com uma rapidez incrível, tornando a pessoa excepcionalmente lúcida, se bem que inatural. Era, sem dúvida, uma tese interessante. Mas...

— Bem, eu vou indo, disse Mario. Já está ficando tarde...

— E' cedo ainda...

— Não. Amanhã eu tenho que passar no consultório muito cedo. Não posso, não...

Despediram-se. Júlio acompanhou o amigo até à porta, onde ficou de pé, uns momentos, acompanhando-o com os olhos. Depois, voltou, fechando-a atrás de si. Estava só. A esposa fora para o sul da França, passar o verão. Ele iria somente mais tarde, quando o seu trabalho lhe desse algum tempo livre.

Um vento fresco soprava. Júlio fechou as janelas do andar térreo e subiu para o primeiro andar. Já tinha despido a roupa e enfiado um cómodo pijama quando lembrou-se que esquecera fechar a porta dos fundos. Desceu as escadas, e encaminhou-se para a cozinha. Estava só em casa. De repente o telefone começou a tocar. Júlio teve um sobressalto.

— Ué! Será que eu estou ficando nervoso?

Atendeu o telefone.

— 143-56570.

— Desculpe. Foi engano.

Amaldiçoando o idiota que o perturbara passou a chave na porta e subiu para o primeiro andar.

Dentro de alguns minutos dormia profundamente.

Era, a principio, uma cóz somente. Depois, era também som. Ele não sabia explicar. Depois de alguns instantes verificou que o som era uma voz e a cóz era vermelho: Sangue! E a voz dizia: Socorro! Socorro!

Júlio acordou assustado e acendeu a luz do quarto. Tudo estava quieto. Era um silêncio perturbado somente pelo barulho do relógio na mesinha de cabeceira. Passou a mão pela testa, e tentou lembrar-se do que o teria feito acordar. Sim, lembra-se. Tivera um sonho. Um pesadelo horrível.

Vira muito sangue e ouvira a voz de sua mulher gritando por socorro. Sua esposa que estava de viagem para o sul da França...

Tendo Julio adormecido novamente o sonho não voltou a perturbá-lo! Mas,



muito longe dele perto de Cannes, um trem descarrilou vinha; a toda velocidade e de repente numa curva fechada por um descuido do maquinista o trem descarrilou. Ninguém pôde dizer mais tarde como fôra. Logo em seguida pegara fogo mas o fato foi que em breve chamas vermelhas e avidas lambiam a madeira que estava e queimava-se enquanto a assistência tentava salvar os passageiros. Havia gritos de mulher, choros de criança, e a multidão de passageiros, como um rebanho aflito, e apertava, se chocava, corria para cima e para baixo, desordenadamente. Era um verdadeiro pandemônio.

Duas horas mais tarde O telegrafo expedia a notícia com a lista de nomes dos mortos no acidente.

Era cedo ainda para ser a criada. Julio não podia ainda quem fosse. Quem o perturbaria àquela hora da manhã? Levantou-se, de pijama, apressadamente, e encaminhou-se para a porta. Desceu as escadas lentamente, enquanto a campainha continuava a tocar, insistente.

— Já vai! Já v'!

Com ar sonolento e mal humorado abriu a porta. Um rapaz do departamento de Correios e Telégrafos entregou-lhe um telegrama e pediu um recibo.

Não. Não é possível, era a minha vida tudo que eu tinha nesse mundo! Morta? No telegrama não diz. Quando telegrafaram estava passando muito mal; a estas horas com certeza estará morta, fria, gelada. Quando eu chegar não ouvirei mais a sua voz. Ela está fria, fria, fria!!!

O rapaz do telegrafo pensou logo que fôra alguma pessoa da família que morrera. A expressão do homem não deixara dúvidas. Era alguma pessoa querida que morrera...

Júlio não parou para refletir. Subitamente, como se fosse movido por uma força estranha, como se alguém lhe dirigisse os movimentos, ele começou a fazer as malas. Não pensava em nada. Colocava tudo em ordem dentro da valise, maquinalmente, sem refletir...

Porque aceitara aquele convite para trabalhar na Inglaterra durante as férias, por que pensara no lucro imediato, por causa da filha? Da menina que agora estava sem mãe? Se tivesse ficado onde estava nada teria acontecido, estariam felizes àquela hora... Morta!

Precisava, em primeiro lugar, obter o dinheiro necessário para a viagem. O contrato que ele assinara estipulava que os seus honorários seriam distribuídos na base de um salário semanal e uma soma mais elevada por ocasião da conclusão do serviço. Enquanto fazia as malas decidira.

— Vou até o escritório, spanho o dinheiro e sigo imediatamente para a agência onde se compram os bilhetes. Tomarei o próximo avião. Ou, melhor, mando reservar a passagem de uma vez e mais tarde então levo o dinheiro. E' isso.

Procurou no catálogo o número da casa.

Alô? E' da Agencia Cook? Preciso de uma passagem no proximo avião para Cannes. Como? Não, uma pessoa só. Obrigada, está muito bem. Quando parte? As seis da tarde? Muito bem. E, diga-me, até quando pode ser reservada essa passagem? Até o meio dia? Muito bem... Meu nome? Julio Ribeiro... Não J-u-l-i-o R-i-b-e-i-r-o. Isso mesmo. Bem, eu passarei aí antes do meio dia.

Meio dia. E' estranho como palavras sem importancia evocam o passado que volta de repente! Meio dia! Ao meio dia estavam todos os domingos na praia. Estavam numa segunda-feira, nas segundas-feiras costumavam almoçar mais cedo.

Ele vinha do escritório, engolia o almoço às pressas e voltava para tratar dos casos que

(Continúa na pag. 36)

VOCÊ TEM VOCAÇÃO PARA DETECTIVE?

UM CRIME NO TEMPLO



1 No estúdio de Zeno Ventura, praticante do ocultismo, o Inspetor Hannibal Cobb ajoelha-se perto do corpo de Vesta, a exótica esposa de Ventura. Junto ao relicário, atrás do corpo, jazia um livro vermelho com a seguinte legenda: "Passaporte para o Paraíso". O Inspetor Cobb apanhou estudando-o com curiosidade. Suas páginas, escritas em sanscrito, eram adornadas com sinais cabalísticos. Olhou em torno do quarto, para a posição do braço de Vesta, para a pequena mesa sobre a qual estava a divindade, para uma cadeira virada. Cobb ficou meditando sobre o intrincado caso.

2 Hannibal constatou que Vesta fora instantaneamente morta por uma bala que lhe penetrou na tempore direita. Sua mão direita apertava a imagem de uma deusa cujos olhos eram duas esmeraldas, trabalho lavrado em ouro maciço. Notou então Cobb a papoula oriental junto ao corpo de Vesta e embora faltassem algumas pétalas nenhuma delas era vista no aposento "Estranho, muito estranho", murmurou o Inspetor. Deu uma volta pelo aposento, voltou para junto do corpo da vítima, estudou as manchas de sangue no tapete, cheirou o incenso no ar, e anotou todos os detalhes.



3 O Inspetor Cobb suspeitava do marido de Vesta, Zeno Ventura, e pediu-lhe para explicar-lhe o que havia acontecido. "Quando abri a porta — observe que a porta está a alguma distancia do relicário" — disse Zeno, "Vi minha esposa ajoelhada em frente ao relicário. Antes que pudesse imaginar o que havia acontecido apontou o revólver para a bér, depois para a cabeça — e disparou. Corri para ela, mas neste momento sou a campainha da porta. Percebi então que a minha Vesta estava no paraíso. Não toquei em nada, não, em coisa nenhuma. Corri então para a porta da frente para ver quem tocara a campainha e..."

4 "...dei entrada à bôa amiga miss Holmes" disse Ventura, cumprimentando-a grotescamente. Mas Evelyn Holmes, amiga de Vesta, tinha uma história diferente para contar. "Inspetor!" exclamou. "Esta fêra levou-a ao suicídio. Estou certa disso! Vesta confessou-me que ele a estava enlouquecendo, forçando-a a ajuda-lo nas suas magias loucas e absurdas. Foi ele mesmo quem a matou. Hannibal olhou para Ventura e disse tranquilamente 'Ele a matou'. Que pieta estranha mostrou ao Inspetor que Vesta não se suicidara mas fora morta pelo marido? Vêja a solução deste caso no proximo número."

COISAS DO BRASIL

Dois flagrantes tipicamente brasileiros, embora colhidos em regiões distintas e cada qual mais eloquente, os que se vêem nesta página. Ao alto, cabôclo do norte fluminense, de Cambucy, entregue á sua faina diária, preparando o "ganha-pão" e de f'sín mia alegre, den tando uma bô dose de felicidade, da qual nem sempre desfrutam os citadinos... Na gravura inferior, a igr.ja de Nosso Senhor do Bomfim, foto batida á distancia, em dia de procissão. Detalhe curioso: a procissão, transportando a imagem do Senhor milagroso, é realizada com o propósito de suplicar que tenham fim as atrocidades da guerra e que a Paz pela qual todos ansiamos seja uma completa realidade, quanto antes.

Dest'arte, o cabôclo fluminense, entregue á sua bonançosa e pitoresca vidinha, e os fieis baianos, o primeiro alheio ás tormentas da guerra e os segundos implorando a Paz, valem por um duplo e eloquente testemunho do quanto é bôa, simples e tranquila a nossa gente. Ela vive para os seus afazeres, quer o pouco de compensação que estes possam dar-lhe, não cubiçam terras alheias, jamais fôram alimentados por falsos ideais de conquista, porque tudo é assim, simples, singelo e bom, em terras brasileiras.

17

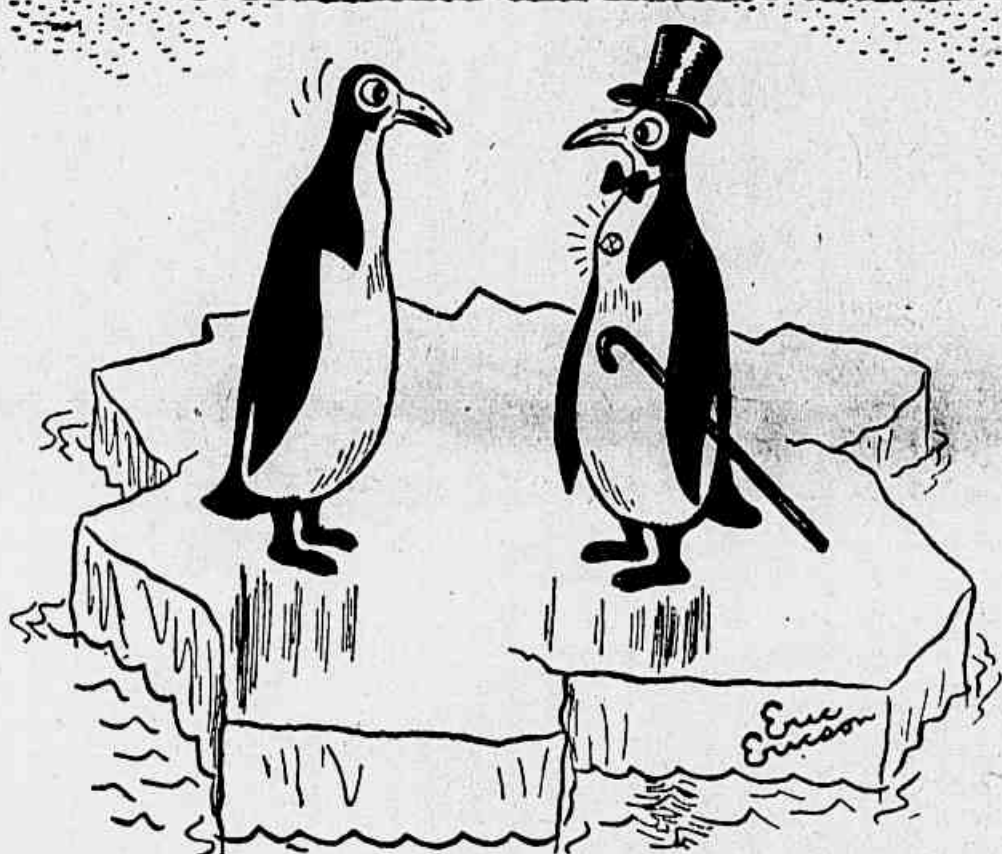




QUEIRA DESCULPAR-ME, MINHA SENHORA, NÃO É ESTE O CHAPÉU COM QUE ASSISTIU NA MINHA FRENTE O "VENTO LEVOU"?



SIM, É O MEU CHAPÉU, ELE ESTAVA CAÇOANDO DE MIM.

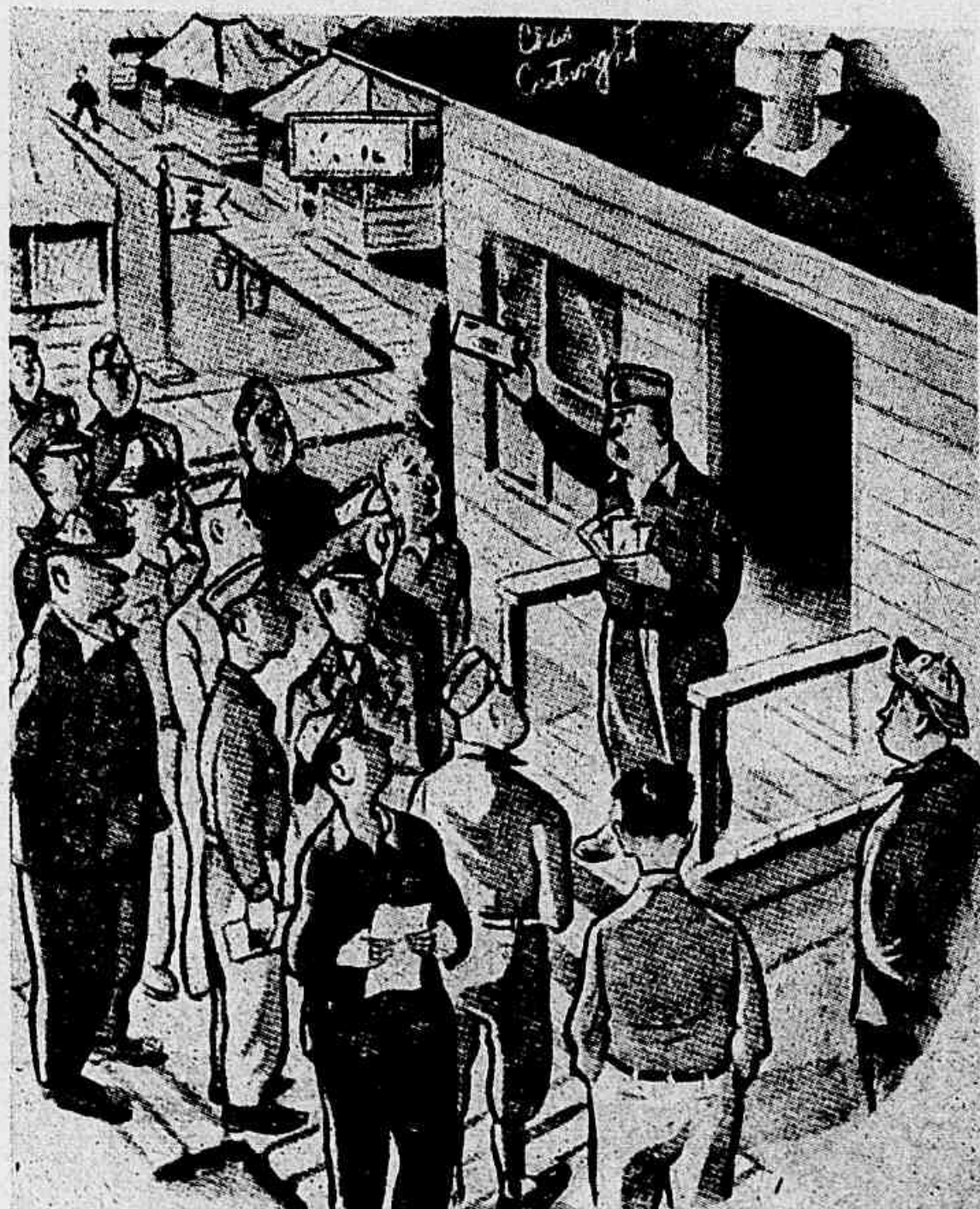


COMO CONSEGUIU OS ACESSÓRIOS.

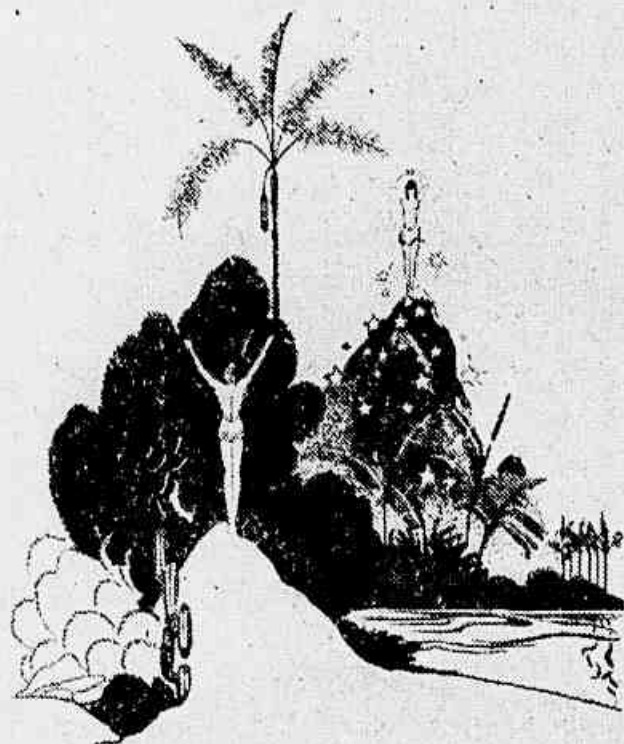


MAS DONA AUGUSTA, QUANDO LHE PERGUNTEI COMO ESTAVA PASSANDO FOI APENAS PARA CUMPRIMENTA-LA.

DE BOM HUMOR



ALGUM DOS SENHORES É "O SOLDADO DOS OLHOS CASTANHOS QUE DANÇA DIVINAMENTE NO CABARET ALEGRE"?



MUIRAQUITA

ESPECTÁCULO DA OALA

EM BENEFÍCIO DA ESCOLA CRISTINA O DA
ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA INFÂNCIA

TEATRO MUNICIPAL

OUTUBRO DE 1944

MUIRAQUITA NO MUNICIPAL

ESTAS SÃO AS ESCRAVAS DO QUADRO "ALADIM E A LAMPADA MARAVILHOSA". DA ESQUERDA PARA A DIREITA; TERESA ALENCASTRO GUIMARÃES, ANITA CASTRO LOPES, LILISS MACIEL RIBAS, MARILIA TOSTES, MARILIA E LAURILIA SANTOS JACINTO.

Continuando a série de espetáculos que vêm sendo realizados todos os anos, patrocinados e organizados por figuras da mais alta projeção, em benefício das instituições de caridade e na qual tomam parte senhoritas e rapazes da nossa sociedade, está sendo apresentado no Teatro Municipal mais um espetáculo do gênero, intitulado "Muiraquita", compreendendo nove quadros: "Amanhecer do Brasil", "No Tempo dos Vice-Reis", "Eterna Primavera", "Bahia", "Aladim e a Lampada Maravilhosa", "Pássaros do Brasil", "Sinfonia do Café", "Exposição", e "Lenda do Muiraquitã".

Pela variedade dos quadros e dos assuntos, pelo movimento e número de figurantes, o espetáculo do Teatro Municipal obteve o mais completo êxito. Cenas regionais, do Brasil caboclo, sinfonias e a terra deram um cunho regionalista a certos quadros, como a Cena da Congada do quadro "No Tempo dos Vice-Reis", com música de Ari Barroso, a "Lenda do Muiraquitã", com cenário de Mário Conde, música de Eleazar de Carvalho e figurinos de Oswaldo Motta.

O quadro "No Tempo dos Vice-Reis", com cenários de Gilberto Trompowsky e Fernando Valentim, reconstituiu os tempos do Brasil Colônia, suas figuras políticas ou românticas como o Vice-Rei Dom Luís de Vasconcellos e Souza e Thomaz Antonio Gonzaga, o Dirceu de Marília.

"Eterna Primavera" (Valsa), "Aladim e a Lampada Maravilhosa", "Pássaros do Brasil", constituíram uma nota de graça, movimento e delicadeza.



SENHORITA ROBERTA MACEDO SOARES, COM UMA CARACTERIZAÇÃO DE "PRINCESA", NO QUADRO "ALADIM E A LAMPADA MARAVILHOSA".





"Muiraquitã", o novo espetáculo do Teatro Municipal, foi organizado em benefício da Pequena Cruzada e da Associação Protetora da Infância.

Fizeram parte da Comissão Organizadora as Sras: Ministro General Gaspar Dutra, Ministro Almirante Aristides Guilhem, Ministro General Mendonça Lima, Ministro José Roberto de Macedo Soares, Prefeito Henrique Dodsworth, Regis de Oliveira, Dr. Fernando Falcão, Ernesto G. Fontes, George Grey, Dr. Oswaldo Cruz.

A poetisa Stella Leonardos da Silva Lima, que já tomara parte nos espetáculos anteriores, contribuindo com o seu talento, a sua beleza e graça para abrilhantá-los, é a Commère de "Muiraquitã", dizendo seus próprios versos. Stella Leonardos, que tem dedicado todo o carinho a estes festivais de caridade, é um nome que já ingressou nas nossas letras com os seus versos inspirados.

Ary Barroso, Eleazar de Carvalho e Humberto Teixeira compuseram as músicas para os diferentes quadros da peça. Compositores de méritos reconhecidos, cujas músicas têm alcançado sucesso fóra das nossas fronteiras, a sua presença e colaboração não podiam deixar de fazer de "Muiraquitã" uma das melhores peças da série.

Os cenários ficaram a cargo de Mario Conde, Gilberto Trompowsky e Fernando Valentim.

A coreografia é de Yucco Lindberg.

Oswaldo Motta desenhou todos os figurinos concorrendo assim para o esplendor do espetáculo.

Não seria possível citar os nomes de todos aqueles que nele tomaram parte dado o grande número dos que interpretaram os diferentes quadros.

No quadro, "No Tempo dos Vice-Reis", tomaram parte entre outros: Senhoritas: Ruth Woelward, Maria-Helena Vechio, Lucia dos Santos Jacintho, Gilda Rezende, Vitoria Carneiro de Mendonça, Sylvia Regis de Oliveira, Senhores: Walter Willemsens Heilborn, Sylvio Burlamaqui Mee, Mario de Azevedo, Dr. Carlos Cairo, João Wmilio Rezende Costa, José Eugenio de Macédo Soares, Zacharias do Rego Monteiro, Luiz dos Santos Jacintho, Dr. Oliveira Henri Leonardos e Fernando de Lacerda Abreu. A senhora Dolabella Mammana foi a Commère desta quadro.

"Aladim e a Lampada Maravilhosa", com os seus trajes orientais, a Princesa, as favoritas, as escravas, escravos e servas, constituiu uma nota original no espetáculo.

Os versos deste quadro são da autoria da poetisa e escritora Maria Eugenia Celso. Foram personagens principais: Roberta de Macedo Soares, a Princeza, Fanor Cumplico Jr., Aladim, Mauricio Sulam, sultão, e Sylvio Burlamaqui Mee, o Gênio. Zacharias do Rego Monteiro teve a seu cargo o canto. Dinah Cardoso Martins interpretou a Deusa de Jade.

Interessantes meninas foram as interpretes do quadro "Pássaros do Brasil", com cenário de Mario Conde.

Festival de arte e de caridade, contando com a delicada colaboração de artistas de renome e com a graça e talento dos interpretes, "Muiraquitã", constitui uma festa para os nossos olhos e para os nossos sentidos.

STELLA LEONARDOS DA SILVA NUMA FANTASIA ORIENTAL COM QUE APARECE NO QUADRO "ALADIM E A LAMPADA MARAVILHOSA".



O LUXO E A POMPA DO ORIENTE SÃO APRESENTADOS NO QUADRO "ALADIM E A LAMPADA MARAVILHOSA", EM QUE TOMAM PARTE ALGUMAS DAS MAIS LINDAS JOVENS DA NOSSA SOCIEDADE.

SENHORITAS — AIDA CANECA E MAGALI SANTERRI FERREIRA (SENTADAS) E NORMA LEONARDOS DA SILVA LIMA E YARA MARUÍ DA SILVA TAVARES. NO QUADRO "ALADIM E A LAMPADA MARAVILHOSA".



SENHORA DOLABELLA MAMMANA, QUE INTERPRETA O PAPEL DA SENHORA ROSA VAIA, NO QUADRO "NO TEMPO DOS VICE-REIS", COM O RIQUISSIMO VESTIDO QUE APRESENTA.

VITORIA CARNEIRO DE MENDONÇA E HENRY PETTER, NO PAPEL DE MARIA EUGENIA "A BELA", E VICENTE PERES (GRAVURISTA-BOTANICO), DO QUADRO "NO TEMPO DOS VICE-REIS", UMA RECONSTITUIÇÃO DO BRASIL COLONIAL.





ALGUMAS FIGURANTES DO QUADRO "BAHIA" UM DOS MAIS MOVIMENTADOS E DE CARATER MAIS REGIONAL ENTRE OS QUE SÃO APRESENTADOS NO ESPETÁCULO DO TEATRO MUNICIPAL. AS FANTASIAS RIQUISSIMAS DÃO RELEVO À GRAÇA E BELEZA DAS SENHORITAS QUE NELE TOMAM PARTE.



ALGUMAS "ROSAS" DO QUADRO "ETERNA PRIMAVERA", VALSA, GRACIOSAMENTE APRESENTADA, COM ESQUETES DA AUTORIA DE OTELLA LEONARDO DA SILVA LIMA, INTERPRETADOS POR FLORITA TOLIPAN E JOSÉ EUGENIO DE MACEDO SOARES. A SNRA. CASSIO HORTA (ROSINA DA RIMINI) É A CANTORA.

OUTRAS FIGURANTES DE "ETERNA PRIMAVERA", ONDE SILFIDES, ROSAS "GRENAT", ROSAS "COR DE ROSA", ROSAS "CHÁ", REPRESENTADAS POR GENTIS SENHORITAS DÃO UMA NOTA DE POESIA E GRAÇA AO ESPETÁCULO, QUE, COMO TODOS OS ANOS, CONTA COM A COLABORAÇÃO DAS JOVENS DA NOSSA SOCIEDADE.

MARIA HELENA VECCHIO E LUIZ DOS SANTOS "NO TEMPO DOS VICE-REIS". MARIA HELENA É NO QUADRO, UMA DAS FILHAS DO CORONEL OLIVEIRA LOPES (SNR. WALTER WILLEMSSENS HEILBORN), E LUIS DOS SANTOS JACINTHO INTERPRETA O PAPEL DE DIRCEU DE MARILIA.



OPAR DE LUVAS



23 **E**LE ficou um pouco surpreendido ao ver a jovem ginásial entrar na loja tendo sob o braço uma pasta cheia de livros. Mas pensava que ela vinha fazer qualquer comprinha para sua mãe.

Na realidade, a adolescente, de caracois louros, não tinha outro desígnio, além de matar o tempo, senão dedicar-se ao seu esporte favorito, isto é esgotar até o fim a paciência das pessoas.

— Certamente, senhorita — respondeu êle à sua pergunta. — Temos luvas. Quais deseja: da Suécia? Cabrito?

— Cabrito? — disse ela mostrando tôda a sua candura nos olhos grandes. — Oh! não gostaria nada de usar luvas cortadas da pele desses infelizes animalzinhos.

Ele teve um sorriso otimista:

— Senhorita, é uma maneira de falar. Esses cabritos não passam por vêzes de velhos bodes

— Então por que dá êsse lindo nome de cabrito a luvas de bodes velhos? — Não é sério.

— Escute, senhorita, se teme que o bode seja muito novo ou o cabrito demasiado velho, posso-lhe mostrar a mais variada espécie de artigos. A camurça usa-se muito nesta estação.

— Não gosto daquilo que se usa muito.

Seu sorriso foi um pouco forçado, mas assim mesmo foi um sorriso. Imperturbável na sua paciência, replicou:

— Então prefere da Suécia?

— Suécia! Mas o que é que isso significa?

— E' ainda uma maneira de falar para designar uma certa espécie de luvas. Estou certo de que gostará delas.

— E o nome do animal?

— Palavra que não sei. Vou-lhe mostrar um par...

— Sim... mas gostaria de saber se as luvas da Suécia são tão suecas como os fósforos!

— Senhorita, não se deve procurar compreender a origem das expressões comerciais. Assim, diz-se fazer um "virement" ou um endôso e ninguém lhe procura dar outra significação senão aquela que o comércio lhes dá.

Abriu uma caixa e ofereceu um par de luvas à jovem.

— Não, disse ela. São de um cinza um pouco sombrio.

Então êle subiu a um banco, apoderou-se de outra caixa e propôs outras luvas que eram de um cinza muito claro. Depois trepou numa escada, agarrou terceira caixa e tirou umas luvas marron. Eram muito escuras. Mergulhou por detrás de um balcão, entreabriu quarta caixa e ofereceu luvas "beurre frais".

Sujavam-se muito. Mas, como teve piedade do suor que corria pela fronte do vendedor, a ginásial declarou com uma vozinha doce que as levaria.

Um sorriso reconhecido iluminou o rosto do homem.

— Custa sete shillings e seis pence o par, disse.

— Bem, respondeu ela, levo um.

— Um par, perfeitamente.

— Não, uma luva; a direita.

O sorriso reconhecido desertou da face congestionada do vendedor.

— Oh! senhorita, é impossível — disse êle peremptoriamente. — Nunca nos pedem uma só luva. E nós não as desemparelhamos.

— Só lhe pedem um par? — repetiu ela com um tom da mais pura inocência. — Como é engraçado! Mas eu não preciso senão da luva da mão direita.

— Enfim, senhorita, o que quer que a gente faça com a luva esquerda?

— Palavra, caro senhor, eu quando compro luvas não me importa nada saber o que fazem das que não compro. No caso presente, trata-se de um dos meus tios, que é maneta, e nesse caso ficaria bem embaraçado se tivesse um par de luvas!

O vendedor replicou, exasperado:

— Senhorita, não lhe posso fazer nada. E' absolutamente impossível deixar uma luva desemparelhada.

— Na verdade não o compreendo, principalmente quando estou pronta a pagar o preço de um par por uma só.

O sorriso reapareceu no rosto do vendedor.

— Ah! muito bem, senhorita... Já compreendí! Isso muda completamente a questão... Com muito prazer: pediu-me a luva direita, não é? Ei-la...

Mas a ginásial apanhou a pasta dos livros e com um ar altivo concluiu:

— Perdão, senhor; disse-me que não desemparelhava as luvas; repetiu-o até duas vêzes... E agora oferece-me a luva direita... Não é coerente e vejo-me obrigada a ir a outra casa... Apesar de tudo há de reconhecer que é um pouco forte ver indicada na sua loja "Grande Especialidade em Luvas" quando nem está apto a vender-me uma só... Passe bem, meu caro senhor...

A ginásial, com um gracioso movimento de cabeça, cumprimentou, sorriu e partiu. Dois minutos mais tarde, a caixa dava vinagre a respirar ao vendedor, caído no chão.



MODELOS RITA HAYWORTH



PARA AS TARDES DE SOL — A "ESTRELA" DE "MODELOS", JUSTIFICANDO O TÍTULO DO FILME, OFERECE AOS LEITORES ALGUNS SUGESTIVOS FIGURINOS PARA A ESTAÇÃO
ENTRANTE. AO ALTO, UM GRACIOSO "MAILLOT" EM TECIDO ESTAMPADO, PRÓPRIO PARA AS TARDES DE SOL, NA PRAIA OU NA "TERRASSE", REALÇADO COM UM
VITÓSO CHAPÉU DE BRAS LARGAS, EM PALHA LEVE.



25 PARA INTERIOR — VESTIDO LEVE, COM PEQUENO DECOTE, MANGAS CURTAS E CORTE SINGELO. A ELEGANCIA NATURAL DE RITA HAYWORTH REALÇA EXTRAORDINARIAMENTE NESSE BONITO MODELO.

PARA O CAMPO — TODOS OS MODELOS ARQUIREM UM ENCANTO ESPECIAL! APRESENTADOS PELA "ESTRELA" DA COLUMBIA. ENFEITES DE BORDADO NAS MANGAS E NO DECOTE, E TAMBEM NOS BOLSOS DA SÁIA. BRAÇOS INTEIRAMENTE NU'S.



PARA O ESPORTE — NAS MANHÃS PRIMAVERIS, DE MUITO SOL, CONVIDANDO PARA LONGAS CAMINHADAS E À PRÁTICA DE EXERCÍCIOS, ESTE DELICIOSO "SHORT" DE RITA HAYWORTH É MAGNÍFICO. VEJAM COM QUE ELEGANCIA ELA SABE ESPREGUIÇAR-SE TAMBÉM.

PARA O AR LIVRE — AINDA UM PRIMAVERIL VESTIDO DA "ESTRELA" DE "MODELO". TECIDO SIMPLES, ESTAMPADO E FLORIDO, MANGAS LEVES, ABERTAS NO ANTE-BRÇO. CINTURA ALTA. E TUDO, COMO SEMPRE, ENFEITADO PELO MAIS LINDO SORRISO DE HOLLYWOOD.



Como Alvarus viu o Salão



O Salão de Belas Artes continua provocando os mais descontraídos comentários. Mesmo encerrado, as apreciações repontam de todos os cantos, em violentos entre-choques de acadêmicos e modernistas. Damos, nesta página, um "comentário — humorístico" de Alvarus, o conhecido caricaturista patricio.

CATALOGO

- 311 — Kattenbach (Luis). Ele, Ela, o Outro... e o arranha-gato.
- 124 — Helios Seelinger. — "Campanha submarina".
- 454 — Dacosta. — "Entreposto do peixe".
- 455 — Dacosta. — "Homenagem a Braque".
- 367 — Diana Barberi Nisticó. — "Na fila do leite".
- 388 — Henio. — "Cristo olhai para isto!".
- 16 — Cozzo (Humberto). — "Uma família de circo".
- 48 — Moraes (João Batista). — "Carôllo avô".
- 184 — Oswaldo Teixeira. — "A hora do pato".
- 295 — Erbo Stenzel. — "Ribeirão das Lages".

Voz Bastidores Femininos

No conceito moderno de beleza, é muito difícil determinar com exatidão onde reside o encanto da mulher. Não há cânnon propriamente determinado, não se pode mesmo dizer quais as proporções antropométricas exatas para este ou para aquele tipo. Um corpo esguio de formas mais ou menos regulares, harmoniosas; o aspecto sadio, bons dentes, boa pele, uma cabeleira lustrosa, um olhar atraente de olhos limpidos, umas mãos finas de unhas bem tratadas são dons inestimáveis que constituem cem por cento da beleza moderna. Ora, estas graças da natureza são, hoje, coisas fáceis de conseguir, com uma boa alimentação, vitaminas, sol, ginástica, higiene e cuidados científicos propria-

mente ditos de beleza. Mas os três principais detalhes, nesse particular, vem a ser: Mãos, Pés e Pescoço. Geralmente a cutis, os cabelos, a silhueta são as preocupações máximas da mulher. Talvez por serem qualidades que dão logo na vista. Contudo, podemos garantir com segurança que nos detalhes está o segredo de um grande encanto. Cuidem as nossas leitoras de apurar, ao máximo, esses três detalhes e terão conseguido metade da sedução pessoal exigida em toda mulher elegante. Daremos, nos próximos números, maiores esclarecimentos sobre o tratamento bem cuidado dos pés, das mãos e do pescoço. Por hoje, vale esta advertência. — MARY.

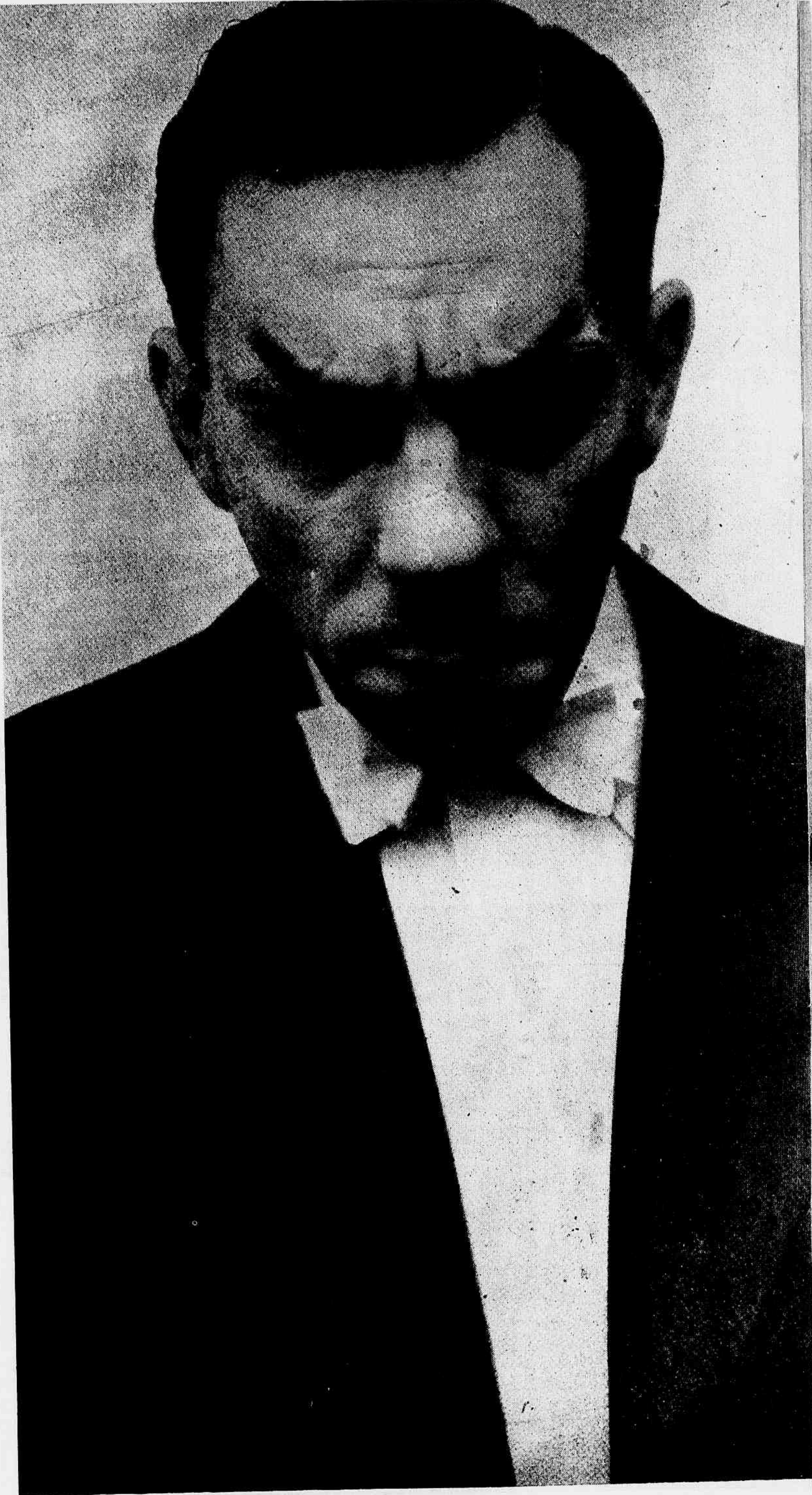
JOAN FONTAINE
(Paramount)



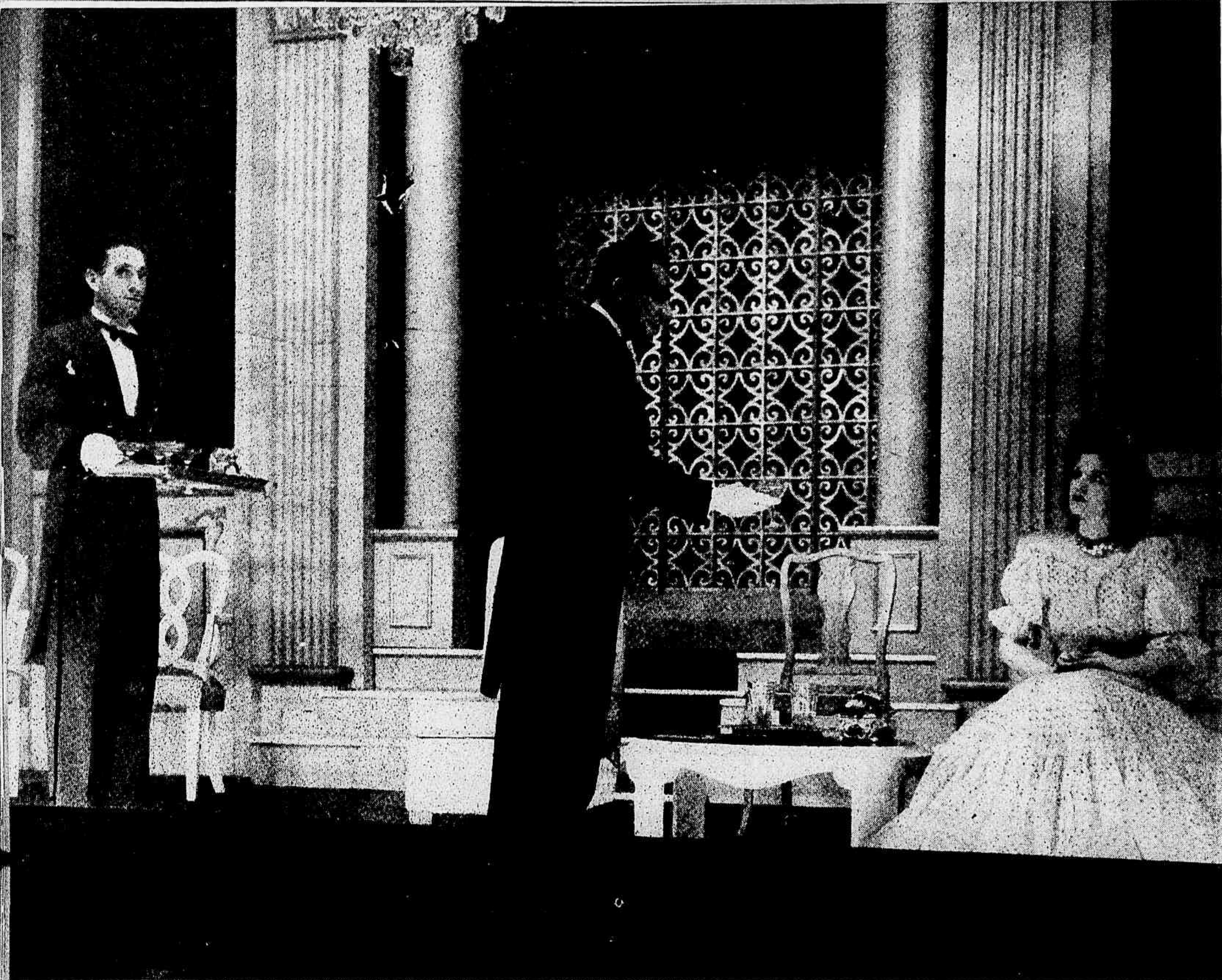
PROCOPIO INTERPRETA MOLNAR

O reaparecimento de Procopio faz-se justamente quando a temporada teatral de 1944 vive o seu "climax". Poucas vezes tantos e tão homogêneos conjuntos de comédia se têm reunido na capital da República, mas havia um "claro", e muito grande, para Procopio. Nosso público tem acompanhado a carreira desse ator patricio com a mais viva simpatia e sabia de antemão que sua nova série de espetáculos ia, por força, enquadrar-se no espírito mais elevado, no ritmo seguro e caprichado em que temos assistido ao desenrolar da estação. Que ha platêa para todos está provado, quando nada menos de cinco teatros vivem lotados, na maioria dos dias da semana, todos encenando peças de declamação. E, o que mais valôr tem, com uma sensível minoria para o teatro que obedece á simples finalidade de divertir, porque o tempo do "rir a bandeiras despregadas" está passando, si êle já não estiver muito distante. Dulcina e Odilon no Ginástico, teatro ingrato mas prestigiado por essa companhia; Bibí no Phoenix, Delorges no Rival, Jaime Costa no Gloria e também agora Procopio no Serrador formam um núcleo de elencos afinados, de excelentes grupos artísticos presididos por um proposito firme e seguro de caprichar na apresentação de seus espetáculos. Não surpreendeu a ninguém, portanto, o sucesso da estrêa de Procopio, que este ano voltou dividindo as responsabilidades do seu cartaz maior com a atriz Norma Geraldty, moça e de longo futuro á sua frente. "Procopio-Norma", eis como se apresentou a companhia do grande comediante brasileiro, cuja popularidade já se estendeu além fronteiras, triunfador em palcos portugueses e em outros sul-americanos. "O Diabo", de Ferenc Molnar, peça de classe, que ha trinta e um anos passados foi representada aquí no Rio, por Ermette Zaccóni, foi o original de estrêa e que serviu, de modo invulgar, para a revelação dos atributos artisticos de Norma, sobre dar a Procopio uma de suas grandes oportunidades no desempenho de um tipo malicioso, cheio de subtilezas e de contrastes espirituais. No dr. Covak, foi Procopio, ao mesmo tempo, um diabólico personagem que, procurando forjar divergencias entre todos e particularmente entre os que se amam, resulta ver frustrados seus planos infernais. E o "anjo desgarrado do Senhor", longe de provocar discordias, faz repôr nos eixos o que primitivamente havia desconcertado. Não chega a consumir-se o adultério que desde as primeiras cênas se adivinha. Nem se realisa o matrimônio que, certo, resultaria mal sucedido. E quem sabe si a pequena, modelo do pintor incorrigivel e frivolo em suas conquistas, não terminou também, mesmo depois da peça concluida, aos braços do homem a quem tanto amava!

Foi enfim "O Diabo" um dos bons espetáculos da temporada. E Procopio quanto os seus comediantes mereceram os aplausos com que o público os distinguiu, na peça cuja síntese damos, páginas adiante.



DOUTOR COVAK, PROTAGONISTA DE "O DIABO", DE FERENC MOLNAR, NA INTERPRETAÇÃO DE PROCOPIO FERREIRA. O MESMO PAPEL FOI DESEMPENHADO POR ZACCONI, NO TEATRO MUNICIPAL, HA TRINTA E UM ANOS PASSADOS.



1 O conflito está armado em circunstâncias muito delicadas. Elza é noiva do pintor Jorge, rapaz frívolo, para quem as mulheres não significam mais que efêmeros caprichos. Agora mesmo, Gilka, seu antigo modelo, foi destronada da condição de favorita de Jorge. Mas uma terceira mulher, Iolanda, está em vésperas de se tornar a amante de Jorge. Quando aparece o Diabo, na pessoa do dr. Covak, um indivíduo misterioso e "infernai", as coisas dão para complicar-se. Oferecendo uma taça de "champagne" à noivinha Elza, diz-lhe o Diabo: — "Está tudo muito certo, mas a Senhorita não se casará com o Jorge, posso garantir-lhe..." — Elza defronta-o, estranhando o modo irônico com que lhe fala aquele "sujeitinho", de cuja existência não havia ainda tomado conhecimento. Não casará, por quê? Jorge deixará todas as mulheres por sua causa... Esse, pelo menos, é o seu modo de pensar. Todavia, o Diabo sorri, matreiro, de olhar satânico...

2 E Iolanda? Que papel desempenha nessa trama do Diabo? Um papel importante... Ela é a mulher de Laio, o banqueiro poderoso. Antiga enamorada de Jorge, é quem lhe "arranja" o noivado com Elza, talvez para mais facilmente o ter sob seus cuidados... Presume-se que Iolanda e Jorge vão tornar-se amantes, depois de muitos anos de idílio platônico. O perigo está iminente. Mas o Diabo aparece... O Diabo faz "das suas"... Para ainda mais aguçar os ciúmes entre ambos, simula apaixonar-se também por Iolanda... E naquela noite de luzes, músicas e certas discussões irreverentes, qual deles — o Diabo ou Jorge — deve tirar a capa de Iolanda? Dois homens brigando por causa de uma mulher... Tipo de coisa comum! Iolanda revolta-se e diz-lhes, sobranceira: — "Homens! Todos desfrutáveis!" — e sai, deixando-os entregues à discussão. Jorge, inciumado, quer tirar uma desforra do outro. Vai matá-lo, talvez... Mas — vale mesmo a pena matar por tão pouco?

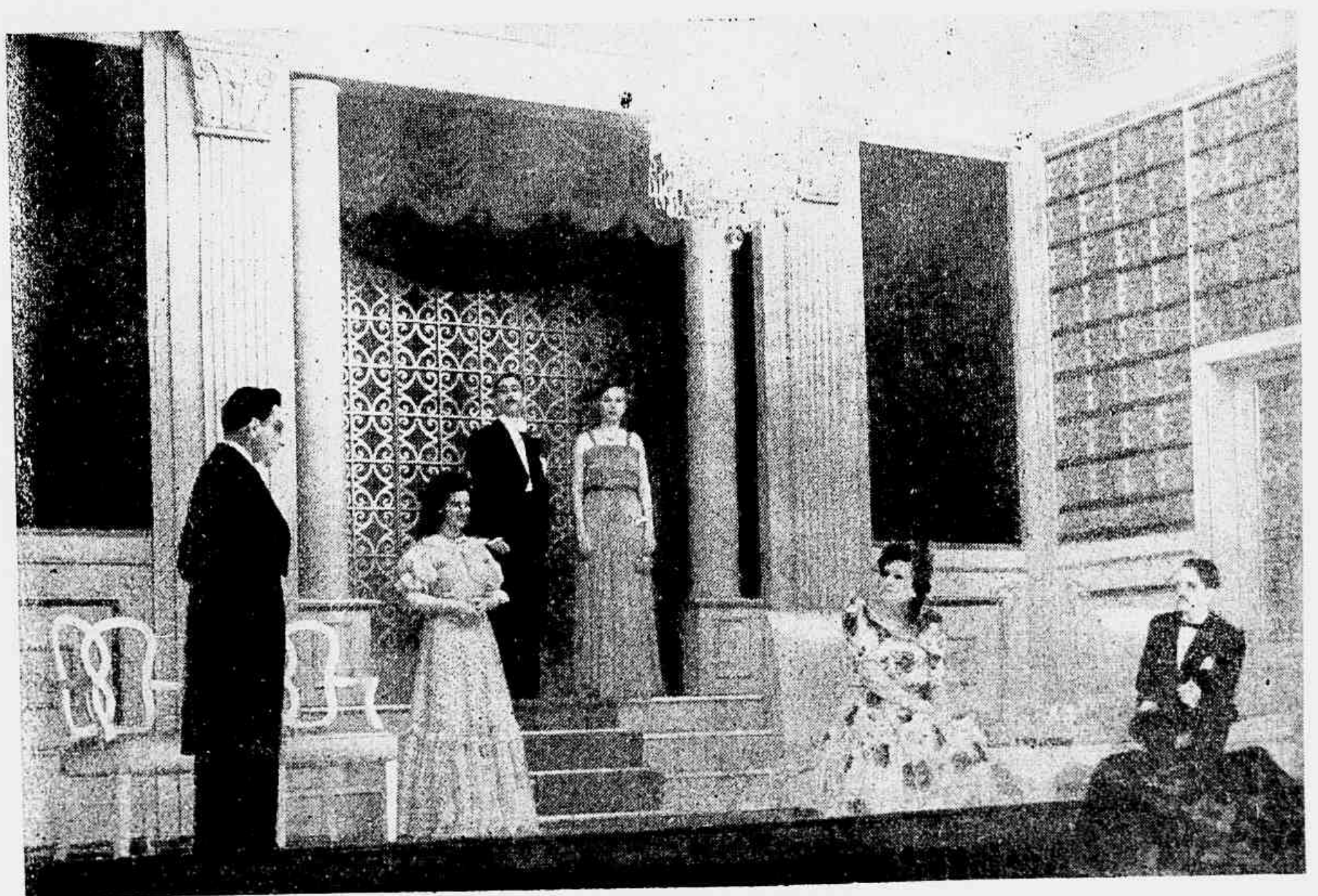


3 Ela, ela... e os outros. Desta vez, no plural, "os outros". Iolanda, Jorge o pintor, Laio o marido e o Diabo. Ah, o Diabo!! Esse maquiavelico personagem que está sempre onde não devia estar e que tudo faz pela discordia universal... Nesse momento, ambos, Jorge e o Diabo, vêm de pleitear a honra de aliviar Iolanda dessa imponente capa com que compareceu à "soirée". Mas quando ambos consideram a partida ganha, surge o marido... Realmente, é a Laio que Iolanda se dirige, dizendo-lhe: — "Querido... Por favor... Ajude-me a tirar a capa, sim"? Laio atende e a conduz ao salão. O Diabo enfia as mãos nos bolsos e ri...



4 Afinal, quem vai levar a melhor? Existe uma carta preciosa, que Iolanda escreveu a Jorge, e que está em poder do Diabo. Jorge quer conhecer-lhe o conteúdo, arde em curiosidade e suplica esse precioso documento, enquanto ela, arrependida, por sua vez pede ao Diabo que lhe devolva a carta... Sua Excelência, imperturbável, solene, olha de relance para a mulher que não sabe a quem entregar o coração. Ela provocou o casamento de Jorge com Elza para satisfazer seus interesses sentimentais. E o Diabo que faz? Limita-se a dizer-lhe: — Creio que "isto" só poderá interessar a seu marido... E se entregar a carta ao marido, que sucederá?

5 Mas naquela casa a maledicência ocupa um vastíssimo lugar. Seu "espaço vital" é enorme. Quando se juntam, as visitas "tezouram" Deus e todo o mundo. Nem o Diabo escapa... Damas e cavalheiros implicam com o misterioso personagem. Ele diz-lhe verdades, duras verdades, mesmo afrontando a frase repetida do mocinho de bigode lustroso: — "O senhor é muito impertinente, sabe? Muito, muito impertinente"! — "E a pequena Elza, que vem de receber uma proveitosa lição de cinismo dada pelo Diabo, aprecia o duelo de insultos... Em dado momento faz-se silêncio. Um silêncio prolongado. E o Diabo: — "Este silêncio, senhores e senhoras, demonstra apenas que já falaram mal de toda a gente.. — Elza ri. — "O senhor é muito, mas muito impertinente"! — repete o cavalheiro de bigodinho lustroso...





6 Agora Iolanda arrepende-se. Bem pensado, si Jorge casar-se com Elza ela o terá perdido... O pintor não está muito disposto a corresponder-lhe. Ela detesta todas as mulheres que pössam aproximar-se d'aqule homem, o único a quem realmente sempre amou. De boa vontade faria cancelar o noivado, mas talvez seja tarde. Sente estar desamparada, precisa de um conselho, vai-lhe na alma um impeto de revolta — e olha, de frente, o problema. — "Não foi a senhora mesmo quem procurou arranjar o casamento de Jorge com Elza?" — interpela o Diabo. Ela revolta-se...

8 O Diabo é assim mesmo. Surge quando menos se espera, detraz de um biombo onde ninguém o viu entrar, de uma poltrona onde estava adormecido desde muito tempo... E quando Iolanda resolve procurar novamente a Jorge, para solucionar o seu caso, talvez para dizer que o ama e lhe pertencerá haja o que houver... o Diabo aparece. Trocam novas ironias. Falam da vida, da alegria de vivê-la... — "O senhor acredita que a vida seja uma coisa séria"? O Diabo sorri. Ora, a vida, a vida! O essencial é vivê-la... Mas Jorge deve aparecer, de um momento para outro. Ele é a Vida...



7 Alí está, sentada, imóvel, um "caso" que passou na vida de Jorge. O modelo Gilka foi a "favorita" de Jorge. Viveram dias de inesquecíveis emoções. Ele dizia-lhe: — "Você é tudo para mim... Ninguém a substituirá em meu coração"... E no entanto, agora, Jorge não a recebe mais. Nem quer vê-la. Elza, a noiva, olha o futuro. O mesmo poderá acontecer consigo, algum dia... — "Eu gostei muito d'êla..." — murmura Gilka. E a moça resolve ali mesmo cancelar o noivado. Não quer ser, mais tarde, uma pobre mulher abandonada igual a Gilka... Desta vez o Diabo perdeu a partida.

9 E finalmente, tudo se resolve. A carta, a famosa carta que Iolanda ora quer, ora não quer entregar a Jorge, está em mãos do Diabo. — "Aqui tem sua carta"... — êle diz-lhe, quando já estão dispostos a dar o assunto por terminado. Ora, uma carta poderia recomençar toda a trama do Diabo. E o Diabo age como acertadamente lhe dita o coração, um coração do inferno... Todos seguem o seu destino. Vão continuar vivendo os seus pequeninos dramas, Iolanda voltará para os braços do marido. Elza rompeu o casamento. Jorge continuará vivendo seus "casos" transitorios. E o Diabo faz o epílogo da Vida... do Amor...



O NUMERO DE COINCIDENCIAS, NESTA HISTÓRIA, É VERDADEIRAMENTE INACREDITÁVEL. POREM NÃO DEIXA, POR ISSO, DE SER VEROSSIMIL...

COINCIDENCIAS...

Adaptação de um conto de
LARRY LONDON

Se eu principiasse a história pelo fim, ela perderia todo o interesse, e ganharia, por outro lado, um pouco de pitoresco. Creio, porém, que vale mais sacrificar o pitoresco do que revelar, logo de início, o desenlace. Isto posto, passemos logo à situação. Ou, melhor, antes desta descrevamos os personagens.

São dois, por enquanto, os personagens. O terceiro elemento — elemento feminino — virá mais tarde semear a discórdia, como é seu hábito. São, portanto, dois. E dois rapazes. Irmãos. Além de irmãos gêmeos. Além de gêmeos, parecidos, tão parecidos como dois grãos de feijão. Ora, dois irmãos são, em regra, desunidos. Ou, melhor, podem não ser desunidos, mas vivem às turras um com o outro. Acontece, todavia, que no caso que relatamos muito pelo contrário eles, longe de andar às brigas, viviam na maior paz, tratavam-se com uma cordialidade que, na verdade, só raramente se encontra entre pessoas que vivem na mesma casa.

Já temos, até agora, uma lista considerável de coincidências. São dois os irmãos e, sobre isso, são gêmeos, além de gêmeos, são parecidos. Bela situação para um conto!

Já prevejo a objeção: Onde a história? Vamos com paciência e calma. Poderia, por exemplo, remontar à infância desocupada dos jovens cujos destinos nos interessa, porém não quero cansar indevidamente, o leitor e dou, por isso, como explicado que eles viveram felizes, sãos, alegres; tudo o que de bom se pode desjar a alguém eles tinham sem mesmo dar a alguém o trabalho de desejá-lo para eles. Um paraíso a sua casa. Uma vida de príncipes a deles.

Onde a história? repete o leitor. Introduzido, agora, o pomo da discórdia, e já verá o leitor onde está o conflito.

O pomo da discórdia era, de fato, um pominho muito interessante. Tinha olhos azuis... Pomo de olhos azuis? Bem, já repararam que a linguagem é figurada e que o pomo é, nada mais, nada menos, do que uma mocinha de grandes encantos, que fez arrastar-lhe a asa os dois irmãos. Caso curioso foi o seu encontro.

Jam eles descendo a rua, como o faziam todas as manhãs, quando deram com ela à janela da casa fronteiria. Ora, nunca tinham visto aquela moça tão linda. Eram novos vizinhos. Ora muito bem. Era, ao menos, agradável, poder todas as manhãs, ao sair para o escritório, saudar aquela carinha alegre e bela.

Isso foi no primeiro dia. No segundo, despertadas as cobiças respectivas dos dois rapazes, cada um teve bastante cuidado de não chamar a atenção do outro para a beleza da casa defronte. Mas ambos, disfarçadamente, tiraram o chapéu. Belo cumprimento, não há dúvida. E receberam, em troca, um sorriso.

Em breve, estavam apaixonados. Apaixonados de verdade.

Como solucionar o caso? Eis formado o triângulo, despertado o interesse do leitor, que, contanto que não esteja envolvido no caso, acha muita graça nele, e eis-nos prontos para narrar as interessantes aventuras dos dois irmãos no encalço da bela. Uma observação, porém, quero fazer. Não vou, como em certas histórias policiais, desafiar a perspicácia do leitor, porém, estou certo de que posso dizer, com relativa segurança — tudo neste mundo é relativo — que o amiro terá uma surpresa no desenlace. Foi, aliás, por isso que o reservei para o seu lugar próprio, isto é o fim. Sempre consola ao miserável escritor saber que o leitor que joga o jogo respeitando as regras e não salta as páginas, para saber o resultado antes de ler o desenvolvimento, que não o interessa, consola saber que o leitor que não quer pregar uma peça ao escritor lerá até o fim, para saber o desenlace. E isso me deixa espaço para as minhas elucubrações. Fi a o leitor preso à história e dest'er'e e n'igo que ouçam uma ou outra opiniãozinha que guardo tsccondida para arejá-la em ocasião oportuna na presença de ouvintes que não têm ouero remédio senão ouvir. Coisa agra-

davel. Mas já basta de recheio. Passemos adiante.

Estavam os dois, como disse, apaixonados pela mocinha e não sabiam de que maneira deviam conduzir-se para conquistar-lhe os favores. Como? Eis o problema.

Começaram pondo em prática, sem resultados, o reverso de uma frase cheia de bom senso, e acreditando que a desunião faz a força eles atacaram sózinhos os objetivos, porém as operações não passaram de escaramuças sem maiores consequências. Bástia de vocabulário militar e vamos ao que interessa, surpreendendo-os a adorar a bela.

✱

Era de manhã. E, como toda a manhã que se preza, a deusa matutina tinha chamado a si o sol brilhante para iluminar-lhe os amores.

Carlos descia a rua, muito satisfeito de ter se esquivado de seguir o irmão ao escritório, e esperava que a bela estivesse só à janla.

— Bom dia, senhorita.

— Bom dia.

— Somos vizinhos, agora, e queria pôr-me à sua disposição...

— Muito obrigada...

— Então, disponha...

— Mais uma vez agradecida...

E Carlos, sem encontrar outras palavras para exprimir sua adoração, seguiu rua abaixo.

✱

Era noiteinha. E como toda tarde que se preza a deusa vespertina convocara romantica lua, para iluminar-lhe os amores...

Lúcio estava radiante. Tinha arranjado um pretexto para voltar sozinho para casa. Ia falar com a belidade.

— Boa tarde, senhorita.

— Boa tarde.

— Somos, agora, vizinhos, e queria pôr-me à sua disposição.

— Muito obrigada...

— Então, disponha...

— Mais uma vez agradecida...

E Lúcio, sem encontrar mais palavras para exprimir sua adoração, seguiu rua abaixo...

✱

Empilham-se as coincidências. Os irmãos amavam ambos com as mesmas palavras. Ora, isso nada tem de extraordinário. Por m s mpre é mais uma coincidênciazinha. Vamos adiante.

A timidez dos primeiros tempos, todavia, passou. E as conversas foram encompridando, encompridando, crescendo em progressão geométrica até que chegaram ao ponto de saturação, hora extrema do namoro, prelúdio do casamento, momento em que o pai começa a reparar as conversas repetidas, e chama o infeliz à sua austera presença para intimidá-lo com o clássico:

Quais são as suas interções?

Estavam as coisas nesse ponto quando a moça — la donna mobile — recebeu as declarações dos dois irmãos e aceitou a ambos. Isso, é lógico, degenerou num conflito tremendo cuja solução única e quasi impossível foi a nova coincidência.

✱

— Carlos, eu sou o camarada mais feliz deste mundo!

— Lúcio, mais do que eu você não é.

— Ela me aceitou, Carlos.

— Lúcio, ela me aceitou.

E ficaram os dois a encarar-se, não compreendendo bem, a princípio, a extensão da enormidade. Ela os aceitava a ambos?! O vil mulher! Com que então dava a mão a um, enquanto alisava a cabeça do outro?

— Não foi atôa que meu bisavô foi cangaceiro, disse Carlos. E Lúcio ecoou:

— Não foi atôa.

(Continúa na pág. 43)



ANTES das remodelações do centro urbano do Rio de Janeiro, na presidência de Rodrigues Alves, quem passava pela antiga rua Larga de São Joaquim no fundo desta deparava uma velha igreja, á ilharga da qual um edificio que dobrando a rua Camerino acabava na rua da Prainha?

Restituída ao culto havia pouco, a igreja era a de S. Joaquim, o edificio era o Ginasio Nacional, nome este a substituir o de Imperial Collegio de Pedro Segundo. Bem depois da proclamação da Republica, na presidência Nilo Peganha, o tradicional educandario recuperaria o primitivo nome, dado em 1837 por Olinda e Bernardo de Vasconcellos. E' inutil o sopro das paixões de momento querer apagar luz que se reacende, cedo ou tarde, a luz da justiça.

Após a Republica, matricula no Ginasio Nacional acolhia nele aluno novo, Jonathas Archanjo da Silveira Serrano.

Aos sete anos de idade perdera pai, o capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Souza Serrano, que, representando Pernambuco, fôra Constituinte de 1891.

Ao meio orfanado valeram mãe e avó materna, aquela D. Ignez da Silveira Serrano, esta D. Ignez Silveira, senhoras de estirpe e instrução.

Jonathas Serranos entrou proveitosamente a receber instrução no Ginasio Nacional preparado pela educação que somente o lar digno sabe ministrar em eficaz formação moral. Serrano cresceu em ambiente de intelligencia e de fé cristã e, vida inteira, confirmaria os exemplos e as lições do seu lar.

Ainda preparatorio, Serrano começou a lecionar particularmente, bem cedo conhecendo esta forma de magisterio, tão valioso na sua modestia quão injustamente despremiado.

Da docencia privada passava Serrano á docencia publica em reputados collegios do Rio de Janeiro. Iniciava segunda preparação para cometimentos de maior vulto que ambicionava emprender apoiando-se nas forças do estudo e da vontade, vigoradas na confiança em si mesmo.

Não o enganou esta. Como quem aspira a subir com segurança, Serrano armou-se aos poucos para provas de concurso, á espera de occasião.

Vaga uma cadeira de Direito Romano na Faculdade de Direito de Niteroi, Serrano concorreu, ao lado de competidor digno, e venceu no certamen.

Ao serem creadas duas cadeiras de Historia da Civilização no já Collegio de Pedro Segundo, Serrano inscreveu-se para disputar honrosa classificação em concurso constante de varias provas, além da apresentação de duas teses, uma de assunto á escolha do candidato, outra de assunto a ser versado por todos os candidatos.

As provas do concurso de Serrano no Collegio de Pedro Segundo chamaram atenção, valendo-lhe classificação em primeiro lugar entre concorrentes de valor.

Realizava Serrano o sonho por tanto tempo acariciado, o de professar na casa onde fôra aluno e onde lhe tinham sido mestres mais diletos Fausto Barreto e Henrique Monat.

Designado professor para o Externato do Collegio de Pedro Segundo, enquanto outro seu distinto competitor, João Batista Mello e Souza, o era para o Internato, Serrano entrou a lecionar com a competencia, probidade e assiduidade que sempre lhe assinalaram o magisterio.

Muito antes dera testemunho do seu interesse pelo ensino da Historia publicando um *Epitome de Historia Universal*, que, pela sua concisão e certeza de dados, mereceu e ainda merece acatitação pedagogica atestada por numerosas reedições, em prova evidente de renovado favor publico.

Os bons epitomes têm subido prestimo. Nem todos precisam conhecer exaustivamente. Não pateendo, saber pouco e certo vale muito, os especialistas que se aprofundem ou se afundem nos assuntos.

O *Epitome de Historia Universal* de Serrano precedeu trabalhos dele de importancia maior, assim a tentada *Historia do Brasil*, que publicou em 1931, datando o *Epitome* de 1913.

Outro estabelecimento de ensino do Rio de Janeiro a ouvir a palavra de Serrano, em lições de Historia Uni-

ESCRAGNOLLE DORIA JONATHAS SERRANO

versal, desbatizada em Historia da Civilização, foi o Instituto de Educação, de antigo nome Escola Normal. Serrano dirigiria o Instituto, trocando em si mesmo o professor sereno pelo administrador sem aspereza.

Presente sem cessar nos dominios da cultura nacional, Serrano deu de si repetidas provas de bom cultor de varios generos literarios. Cultivou poesia, conto, romance, repartindo incessante atividade no serviço de muita causa nobre de ordem pedagogica, social e moral, Serrano desses que de um labor passam a outro para descansar.

Uma das causas mais caras a Jonathas Serrano foi a da defesa da fé catolica recebida no lar e corroborada pela meditação no decurso da vida.

Para explicação ou defesa da fé catolica a pena de Serrano nunca lhe sahio da mão. Escrevia o que a convicção ia ditando. Caso preiso, a pena de Serrano se apre-



JONATHAS SERRANO
Rio de Janeiro 1885-1944.

sentava na polemica, a de genero cortez, tão diversa daquela na qual a sem razão costuma valer-se do improprio e das expressões grosseiras.

Com persistencia e sacrificio manteve Serrano, por muito tempo, publicação catolica, a *Revista Social*, orgão de boa imprensa e de bons colaboradores coajuvantes do esforço de Serrano.

Não era ele autor que por vêr suas obras bem recebidas pelo publico, desejadas por editores, se esquecesse de aperfeiçoal-as nas reedições. Ao envez buscava Serrano melhorar seus livros sobretudo didaticos. Era dele o cuidado de pelir e repolir. Da utilidade do cuidado Boileau deixou frisante aviso a escritores coévos e vindouros: uns e outros tantas vezes desobedientes ao conselho amigo.

Poucos dias antes da sua inopinada e prematura morte, Serrano publicava uma *História da Filosofia*, mostrando quanto estava a par do assunto versado, a abranger toda a vastibilidade da Filosofia, dos mais recuados tempos até os dias mais recentes. Serrano soube resumir sem confundir, o que é muito.

Dedicou-se Serrano a enaltecer a obra e a memoria de Farias Brito, o filosofo cearense. Não se lhe deu de ir ao Ceará para estabelecer com segurança biografica tudo quanto dissésse respeito a Farias Brito cuja memoria de pensador fixou em livro.

Outra dedicação de Serrano teve por alvo Julio Maria, o pregador redentorista que muito Brasil conheceu em peregrinação de eloquencia sagrada, a pregar sobretudo Cristo e seu divino exemplo humanamente tão pouco seguido.

Formado em Direito, na Faculdade de Ciencias Juridicas e Sociais do Rio de Janeiro, dele recebeu Serrano uma medalha de ouro em fim de curso de distinções. Entretanto, que conste, Serrano jamais pensou em advogar ou propôr-se á magistratura para a qual tinha tantos dotes.

Distinguido por seus mestres de Direito, de dous guardava Serrano especial recordação pelas provas de apreço deles recebidas, aqueles mestres o visconde de Ouro Preto e o Dr. João Manoel Carlos de Gusmão.

Nunca tendo pensado em advocacia ou judicatura, Serrano, nascido para professor, timbrava em o ser. Por dilação, contudo, sempre buscou acompanhar a evolução do Direito já no mundo, já no Brasil.

Em afanosa vida, o desempenho assiduo de multiplos deveres, Serrano ainda achava tempo para pertencer a associações literarias, consagrando-lhes interesse trabalhos, presença e continua colaboração.

Assim aconteceu no Instituto Historico e Geografico Brasileiro, cuja benemerita natureza e cujos continuados fins Serrano comprehendeu e servio, participando não só das sessões do Instituto como dos congressos que a sociedade promovia.

Em discurso de recepção no Instituto Historico, a 12 de Agosto de 1919, se não esqueceu Serrano de enaltecer o magisterio, dizendo:

"O ensino não é — qual pensa muita gente de polpa — dever penoso de mestres, passiva audição de alumnos. Intercambio de idéas e experiencias é obra collectiva e commun de discentes e docentes. A melhor maneira de aprender é ensinar. A observação erasmiana é, e será sempre, um theorema psychologico de quotidiana comprehensão". Palavras de quem podia dizer porque praticava quanto dizia.

No seu discurso de recepção evocou Serrano uma figura cara ao Instituto Historico, a do seu antigo presidente, o visconde de Bom Retiro, grande do Imperio nobiliarquicamente, grande do Brasil por notabilissimos serviços.

No fim de vida, não esperada tão curta, Serrano dedicou atenção e cuidados a outra instituição literaria do Rio de Janeiro, a Academia Caribea de Letras. Nela preencherá a vaga de Alvarenga Fonseca, teatologo e amigo do teatro. Apesar da obra e das tendencias do antecessor, serem opostas á obra e á tentancia do successor, soube este bem trazer o perfil de Alvarenga Fonseca, dando o que a este pertencia de justiça.

Em Serrano eram inatos sentimentos de justiça e gratidão. Para exemplificar: em certo tempo não recebeu Serrano contestar Carlos de Laet, o qual replicou, escusado dizer com que armas de polemista. Sem se atemorizar por isto, Serrano replicou desassombrado.

Vão-se os tempos, Serrano presta concurso no Collegio de Pedro Segundo, Laet é um dos juizes do certamen. Em todas as provas confere ao candidato as mais elevadas notas, com elas concorrendo para a classificação destacada.

A amigo mais de coração, disse Serrano, a proposito do seu concurso de Historia, "Não esqueço a nobreza do Laet. Deslembado de antigo dissentimento, idoso, compareceu a todas as provas de concurso, realizando á noite, até tarde, e não raro com tempo chuvoso. Conferiu-me sempre a nota mais elevada".

Laet e Serrano já não existem. A morte fulminou Serrano na tribuna. Feriu-o logo no cerebro, arrebatando-lhe a palavra no ultimo vôo do pensamento.

Na mocidade Serrano poetou. Aplique-se-lhe o verso de Gonçalves Dias:

DESCANSA, OH! LUTADOR QUE ASSAZ LUTASTE!



SRTA. MARTHA SIRAU, FIGURA DE GRANDE PROJEÇÃO NA ALTA SOCIEDADE DE ITOUPAVA SECA, BLUMINAU, STA. CATARINA.



A DECLAMADORA SRA. MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA, NOME DE INCONFUNDIVEL RELEV E PROJEÇÃO EM Nossos MEIOS ARTISTICOS, QUE HOJE REALISARÁ SEU RECITAL, COM UM SELECIONADO PROGRAMA NO QUAL ESTÃO INCLUIDOS TRABALHOS DE CASSIANO RICARDO, CONDE DE MONSARAZ, MARTINS FONTES, CRUZ E SOUZA, RIBEIRO COUTO, E COM ACOMPANHAMENTO DE ORQUESTRA SOB A REGENCIA DO MAESTRO ELEAZAR DE CARVALHO.



A ROBUSTA MENINA RITA APARECIDA, DILETA FILHINHA DO CASAL DIRCE MARQUES E EMILIO IMPELIZZIERI, RESIDENTES EM S. PAULO, QUE FESTEJARAM EM 19 DE OUTUBRO A PASSAGEM DO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE SUA GALANTE PRIMOGENITA.

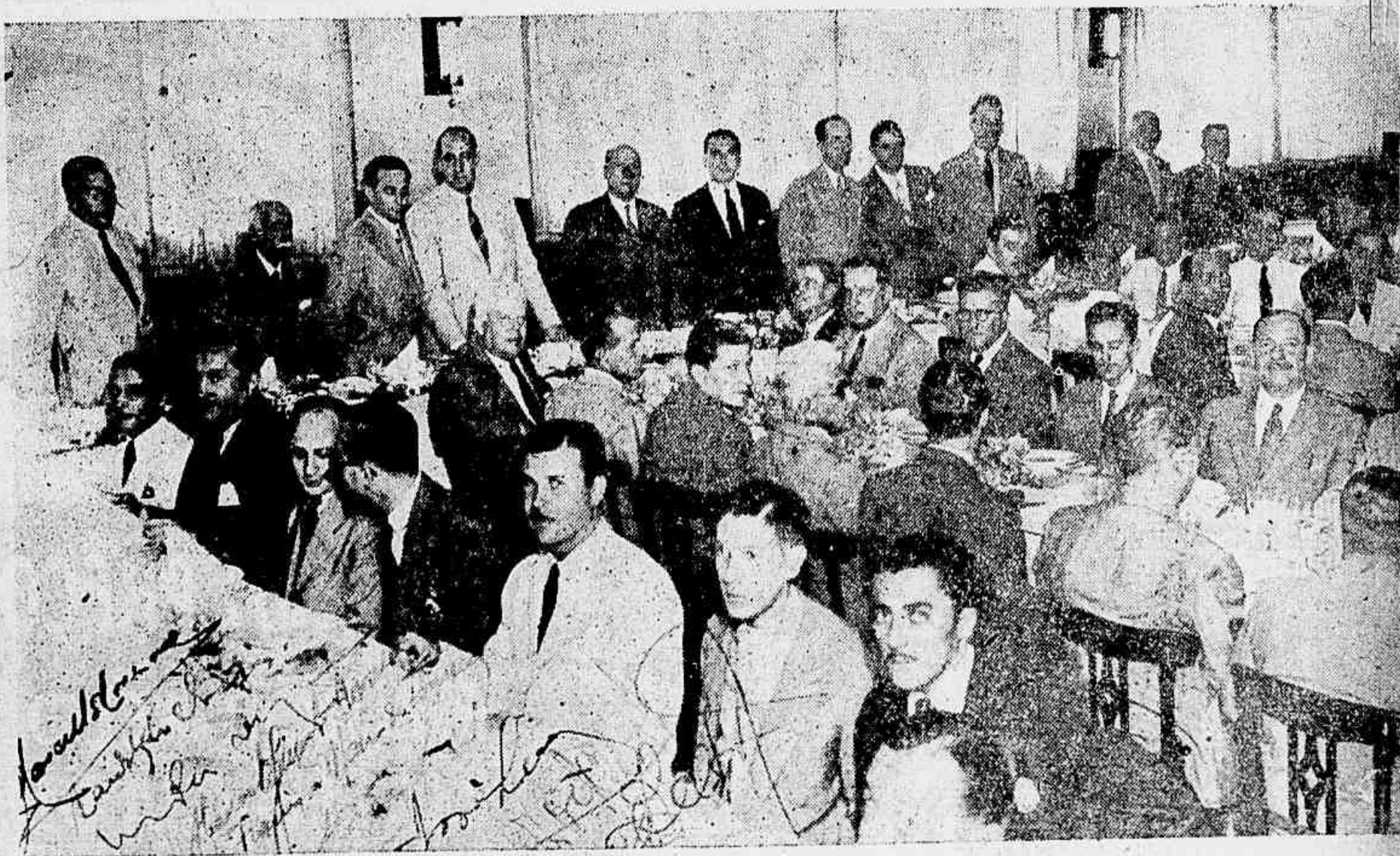


NOVA ESCOLA DE ENFERMAGEM — Ao inaugurar-se o estabelecimento modelar que é a Escola de Enfermagem de Niterói, o ministro Gustavo Capanema pronunciou eloquentes palavras salientando a necessidade da formação de um maior número de enfermeiras de alto padrão em nosso país. Vêem-se na fotografia: da esquerda para a direita, o dr. Adelmo de Mendonça, diretor de Saúde do E. do Rio, a sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, o titular da Educação, o sr. Ernani do Amaral Peixoto e o dr. E. Christopherson, representando o Serviço Especial de Saúde Pública, que empresta assistência técnica à Escola de Enfermagem.

FIGURAS E FATOS



O Touring Clube do Brasil recebeu a visita do dr. Horacio Arredondo, ilustre chefe da Administración General de Turismo da República do Uruguai. Nossa gravura fixa um momento dessa visita, vendo-se o ilustre hóspede à cabeceira da mesa, tendo à esquerda o dr. Juvenal Murtinho Nobre, presidente do Touring Clube do Brasil. Nos demais lugares, os srs. Berilo Neves e Edgar Chagas Doria, diretores daquela instituição, Umberto Stramandinoli, do seu Departamento de Turismo, e Oscar Lins Caldas, funcionário do DIP.



CONFRATERNISAÇÃO: — Almoço oferecido no Ginástico Português, em 14 de Outubro próximo findo, ao Sr. Manoel Henrique da Silva, Presidente do Instituto do Pinho, pelo Centro de Materiaes de Construção e Sindicato de Atacadistas de Marmore e Granitos. De pé, entre outros, os Srs. Randolfo Chagas, Marcilio Moraes, Manoel Jacinto, Moreira da Fonseca, Manoel Henrique da Silva, Ciriaco José Luiz e Heitor Beltrão.

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SEculo DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIA

USAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

CRISE

(Continuação da pag. 15)

linha acumulado desde sábado, dia em que não ia ao escritório. Depois do meio dia! Meio dia! Via Lucia descendo as escadas beijando-o e perguntando: Trouxe aquilo que pedi?

Tinha que acabar de fazer as malas depressa. Era preciso passar no escritório quanto antes... Mas... Ora essa, eram ainda sete horas e o chefe não chegava nunca antes das oito... Oito horas... Ela preciso acabar as

malas, engulir um café de qualquer maneira, para que ficasse bem desperto e partiu depressa, o quanto antes...

Mário não soube logo da novidade. Quando leu a notícia nos jornais telefonou para a casa que Júlio tinha alugado porém não obteve resposta. Com certeza fôra ter com a mulher! Coitado! Como deve estar sofrendo! Terá conseguido o dinheiro para a passagem! Eu poderia emprestar-lh'o facilmente!

Júlio não perdeu tempo. Imediatamente, correu ao escritório onde trabalhava e pediu para falar com o patrão.
— Ele ainda não chegou...
— Esperei.
— Sentou-se.

Um dia quando ainda estávamos no Brasil ela me disse: Se eu morrer antes

de você eu quero que você se case outra vez. Ele dissera: Bobagens, eu vou morrer muito antes de você. E ele retrucara talvez... E agora sabia, sentia que ela estava longe, desamparada, morrendo... Era preciso arranjar a passagem imediatamente...

— Pode entrar. O Sr. Thompson já chegou...

Júlio não esperou que tornassem a convidar. Entrou.

James Thompson levantou os olhos da carta que estava lendo e ficou surpreso ao ver diante de si o jovem engenheiro brasileiro:

— Que deseja?
Júlio imediatamente contou-lhe o que se passava.

— Compreendo que o senhor deve estar transtornado, porém não o aconselho a fazer esta viagem assim tão depressa sem primeiro telegrafar e esperar a resposta: talvez o estado de saúde de sua esposa não seja tão grave quanto o senhor supõe. e... Afinal de contas somente num caso extremo eu poderia permitir que o senhor quebrasse os seus contratos conosco, atrasando o trabalho... E, além do mais, quanto ao dinheiro adiantado que o senhor me pede: e eu bem sei que precisa dele, que é um caso sério, mas, o senhor compreendo, se nos vai deixar desamparados, sem terminar o seu trabalho, não podemos de modo algum fornecer ao senhor o quanto que necessita...

— Mas...
— Sr. Ribeiro o senhor compreende que...

— Não compreendo nada. O senhor não está vendo que esse é um caso de vida ou de morte, que eu tenho que arranjar esse dinheiro de qualquer forma... Mas tarde voltarei. Quando ela se restabelecer eu farei tudo o que os senhores quiserem, trabalharei quanto tempo quiserem, de graça até, para pagar a minha dívida...

— O senhor não está sendo razoável,

Sr. Ribeiro. Que garantia teremos de que o senhor voltará ao seu serviço? E' preciso refletir. Não podemos dar ao senhor esse dinheiro sem mais nem menos. Aliás não é um assunto que me caiba decidir. Se o senhor quiser esperar até a reunião da diretoria, amanhã, talvez consiga fazer com que compreenda que o seu caso é grave e convença os diretores a abrir uma exceção para o senhor. Porém, antes disso, creio que é impossível. Particularmente, eu me prestaria a adiantar já essa soma se dispusesse dela, porém... O dinheiro de que disponho é da companhia e não posso dar-lhe uma coisa que não me pertence...

Júlio não ouviu mais nada. Saiu.

Continua na pag. 44

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

IND. QUIMICAS TONKIL, LTDA.
C. Postal 1405 — Rio de Janeiro

Loção DISCRETA
CONTRA CASPA
Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

**ATAQUES EPILÉPTICOS
OU NERVOSOS**
NOVO TRATAMENTO

O tratamento mais eficaz e seguro que a medicina tem hoje em dia para os ataques nervosos ou epiléticos é o que se faz com MARAVAL—solução. Este poderoso medicamento, graças à feliz combinação de elementos opoterápicos e vegetais de sua fórmula, restitui em pouco tempo a saúde, a alegria e o sossego aos doentes. MARAVAL—solução—é verdadeiramente o tratamento racional e científico dos ataques nervosos e epiléticos.

Não encontrando MARAVAL—solução—nas Farmácias e Drogarias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

MARAVAL

SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!
MELHOR PELO PRÊÇO E PELA
EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

DE MUSICA - VELHAS NOVIDADES



Em São Paulo...

« sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

Foi, faz pouco tempo, fundada em S. Paulo uma sociedade idêntica à já existente no Rio de Janeiro e que adotou o nome de Música Viva. Tem ela como objetivo único dar à música moderna a publicidade que merece, explicar por meio de artigos em jornais e revistas, e de conferências, o que é a música moderna; dissipar, com audições repetidas e concertos frequentes, os preconceitos que ainda restam contra a música dos compositores contemporâneos. A propósito, queria lembrar aqui alguns conselhos de Deems Taylor, notável crítico e compositor americano. Disse ele, em resposta a um rapaz que lhe escreveu uma carta, pedindo que explicasse porque não podia suportar a música moderna. Dizia o jovem que gostava de Beethoven, admirava Bach e Mozart, mas que sua compreensão e admiração não iam além de Debussy. Deems Taylor respondeu replicando que um tratado sobre música moderna e como ouvi-la não poderia escrever por três razões: não tinha espaço, não tinha tempo e sua cultura não era suficiente. Em seguida, afirmou que, na sua opinião, o maior empecilho à compreensão e apreciação da música contemporânea é essa espécie de medo que o público tem, um preconceito que ele descreve com uma imagem pitoresca: é como essas pessoas que dizem que não gostam de uma coisa sem nunca a terem provado, como essas pessoas que dizem: "Não gosto de limonada; nunca tomei limonada, mas não gosto de limonada". E por que esse medo? pergunta ele. Será temor que a nova música venha pôr abaixo os compositores do passado? Que Strauss deponha Bach, Stravinsky desbanque Beethoven ou Debussy faça com que Wagner seja relegado ao esquecimento?

Taylor demonstra que as liberdades tomadas pelos modernos nada tem de modernas. Acompanhou as infrações contra a harmonia e a quebra da melodia através dos séculos, até à antiguidade. Que novidade velha! E afirmou que regras nunca houve em música; só as há fabricadas por teorizadores e quasi nunca as grandes composições cabem dentro de seus estreitos limites, transcendendo-os mesmo quando aparentemente se curvam às suas exigências. Isso é lógico. Não foi porque se teve a três ou quatro regrinhas que Bach foi Bach. Nem o admiramos somente por isso. Dissonâncias e cacofonias que poderiam, à primeira audição, parecer insuportáveis são, muitas vezes, artifícios admiráveis, pois concorrem para dar um sabor diferente à música. É difícil explicar. Mas tomemos um exemplo. O tema da rosa no "Rosenkavalier" de Strauss pode servir. Uma série de acordes com acompanhamento dissonante com as cordas. Pois bem, é a dissonância que dá o maravilhoso colorido ao tema.

Há muito mais a dizer. Mas uma coisa resta que não pode ser esquecida: é o apelo à paciência e a compreensão do público. Se não entender ou não gostar, ouça de novo, procure interpretar o que está ouvindo. E não preste atenção ao que diz o compositor, que fala sobre suas obras porque, em geral, tentando justificar-se, não é fiel ao próprio pensamento. Música é uma linguagem e se pudéssemos exprimir idéias musicais com palavras, nesse caso a música desapareceria. Ouça a música moderna, pela primeira vez, como quem está ouvindo uma língua estranha. À medida que a pessoa vai se habituando com ela, percebendo o significado das palavras antes incompreensíveis, irá aprendendo a amá-la.

Ouvir, ouvir sempre, com vontade de compreender, com o espírito aberto. E sem medo. A música moderna é violenta às vezes, mas é a nossa música, e a música de nossos tempos atribulados.

Os moços de S. Paulo, que empreenderam a tarefa difícil de fazer com que o povo compreenda a música que exprime o que o próprio povo sente em uma linguagem que lhe é desconhecida, tomaram a si uma responsabilidade muito grande e enfrentaram árduo trabalho. Mas, com esforço e perseverança, muito provavelmente vencerão.

Já nos EE. UU. a música moderna tem aceitação maior. Tanto que os nossos compositores contemporâneos encontram, às vezes, acolhida mais calorosa lá do que aqui. Vila Lobos é tocado por orquestras famosas com maestros universalmente conhecidos. Há pouco, Rubinstein gravou a suite 'A prole do Bebê'. Camargo Guarnieri foi recebido com entusiasmo. O próprio Mignone figura em programas de concertos na América do Norte. A quem devemos isso? A um grupo de escritores como Deems Taylor, como Elie Siegmeister, como Wallace Brockway e muitos, muitos outros, e a um punhado de artistas corajosos, que aplaudiram a música

moderna, tocaram a música moderna, interpretaram e discutiram a música moderna, até que o ruído estrondoso das vozes fosse, pouco a pouco, diminuindo, para dar lugar a um silêncio, a princípio intimidado, mais tarde admirado e, finalmente, aplausos delirantes.

ROBERTO LYRA FILHO

Los apreciadores
DOS PRATOS SABOROSOS
— ASSEGURAMOS QUE,

todos os alimentos
preparados com Maizena
Duryea são deliciosos e
de fácil digestão. Maizena
Duryea é um auxiliar indispensável da arte culinária.

MAIZENA DURYEA
torna os alimentos
mais saborosos.
À VENDA EM
TODA PARTE

41 L.T.A.



**ARRID EVITA MANCHAS
E ODORES NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege você contra o mau odor e a sua roupa, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID
O desodorante que mais se vende

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

*Lábios preciosos
como joias*



**MODELO
VICTORIA**

As mulheres que usam VANESS fasci-
nam com seus lábios delicadamente
pintados.

Se o baton que V. usa não empresta
a seus lábios esse encanto vital que
conquista a admiração de todos os ho-
mens—experimente o baton VANESS.

A superioridade do VANESS consiste
em sua base de "Creme-Veludo", que
nunca resseca, conservando indefini-
damente o frescor e a suavidade dos
lábios—preciosos como joias.

Van Ess
Baton - Rouge
P4

"Varnos depressa, seu ascensorista!
Aí vem o tal que não usa
LIFEBUOY!"



Quantas vezes odores desagradáveis, que você não sente, mas os outros sim, estabelecem barreiras ao seu triunfo! Vença por completo! Use Lifebuoy, cujo elemento purificador especial, **ASSEGURA SEU ASSEIO CORPORAL!**

LIFEBUOY
SABONETE DE SAÚDE

O ODOR DE LIFEBUOY
DESAPARECE
ANTES DE VOCÊ SE VESTIR, MAS...

...sua ação protetora permanece!
Faça esta fácil experiência: lave as mãos com Lifebuoy e enxágue-as bem. Veja, então, como já desapareceu seu odor antisséptico. Contudo, por muito tempo ainda, permanece sua ação protetora!

LIFEBUOY

LINTAS LHS 82-052

Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedi-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfiguram por toda a vida o sua fisionomia.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que penetra rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis
BANKETS

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

Livros

OS COLOSSOS DO CONTO DA VELHA E DA NOVA RUSSIA, páginas de Puckin, Gogol, Dostoiévski, Tolstoi, etc., traduções de Frederico dos Reis Coutinho, Líbero Rangel de Andrade, J. da Cunha Borges, Manoel R. da Silva, Alfredo Ferreira, Edison Carneiro, Gilberto Galvão e José Dauster — Rio de Janeiro, 1944.

OS COLOSSOS DO CONTO DA VELHA E DA NOVA RUSSIA

Mais um volume de contos escolhidos. Desta vez, russos apenas. E alguns, não só pela extensão mas também pela índole e o estilo, antes mereceriam a qualificação de novelas.

Quasi todas as histórias aqui contidas vêm da velha Rússia ou da Rússia anterior à Revolução. Esta palavra valia aos que a usassem em letra redonda a Sibéria, o calabouço, em muitos casos a condenação a não escrever mais uma palavra, a não viver um minuto mais. Em jornais e livros, nada que se assemelhasse a ensinamento, empreendimento destinado à mudança do estado de coisas... E' sabido quanto sofreram aqueles mesmos que, como Tolstoi, pregaram a reforma social pela evolução da cultura, a educação do sentimento, a gradual difusão da justiça, da bondade do amor entre os homens. Todas essas fórmulas eram pelas autoridades tidas como perigosas e, portanto, merecedoras de punição. E os escritores se limitavam a narrar sem se atreverem a doutrinar. Por isso mesmo, as obras de ficção contidas no presente volume são, em geral, dolorosas e sem a compensação da esperança. Os autores relatavam aquilo que viam, impedidos de expender aquilo que pensavam. Falta a estas histórias a indignação, o protesto do comentário. Mas o seu efeito, a sua influência nos espíritos não deixou inteiramente de ser salutar. Na mais estrita exposição das coisas inventadas ou o mais simplesmente possível tiradas do real, faziam sentir a necessidade e a possibilidade de se entrar por outro caminho para se alcançar diverso fim. Por isso exerceram a sua missão espiritual e até hoje a sua lição é proveitosa para os homens desejosos e capazes de aprender.

OS SILENCIOS DO CORONEL BRAMBLE, crônica de guerra de André Maurois, texto "revisado" e versos traduzidos por Máio Quintana — Porto Alegre, 1944.

ANDRÉ MAUROIS



OS SILENCIOS DO CORONEL BRAMBLE

COLEÇÃO NOBEL

Não se trata dum romance nem duma reportagem; por isso e aproveitando a extensão dada ao termo na imprensa literária, lhe chamamos crônica.

André Maurois representa-se nestas páginas pelo homem de letras Aurelle, adido como intérprete a um corpo de exército inglês. Compõem os capítulos, por entre rápidos episódios de campanha ou quadros sintéticos da linha de frente, as palestras ao chá da tarde e durante os sédes, entre o coronel do regimento, um médico-major, um sacerdote, o referido Aurelle e um ou outro personagem eventual. Nessa intimidade quotidiana se fala um pouco de tudo — até da guerra. Travam-se controvérsias sobre literatura e arte, política, religião; lançam-se paradoxos, contam-se anedotas; frequentemente o celebrado *humour* britânico se deixa admirar, e, de vez em quando, Aurelle, mais ou menos separado dos companheiros, compõe alguns versos. O coronel fala muito menos que os outros, mas faz muito mais barulho, porque trouxe consigo um fonógrafo, adora certas músicas e, volta e meia, põe o disco no aparelho compenetrado ou irônica, a pretexto de homenagem a qualquer dos presentes. São, no original, páginas sutilmente observadas, traçadas com singular elegância, comovidas às vezes, sempre espirituosas. Chega-se à última, com sincera pena de o livro ter acabado.

O sr. Máio Quintana que, segundo uma das impropriedades nos últimos tempos e por pedantismo sem base, introduzidas na linguagem corrente, "revisou" este texto, deixou escapar desacertos e traduções mais que à letra, as quais, para quem não conheça mais ou menos familiarmente o francês, chegam a tornar certas passagens extravagantes e até incompreensíveis. Aqui temos, por exemplo: "a velha tinha a mão dura", no sentido de furtar, sonegar, "para casamento é preciso dois... lamento ter ardeito isso... Se quer que o major Parker o vomite chore ao contemplar uma fotografia... comandadas pelo pequeno doutor... Quando eu era menino fazia muitas vezes mandaletes para o senhor cura... E coisas de colegial que vai ser reprovado em francês, primeiro ano: Tasse de thé, xícara de chá, passou a ser "taça de chá"; *coup de poing*, soco, murro, ficou sendo "golpe de punho", etc.

GLÓRIAS BRASILEIRAS, biografias e panegíricos (2.ª série) de Chiquinha Neves Lobo — São Paulo, 1944.



A Sra. Chiquinha Neves Lobo empreendeu um sistema biográfico que abrangerá tantos quantos lhe seja possível reunir, os grandes vultos brasileiros das letras, das ciências, das armas, da religião, da política. Imediatamente se vê o propósito de dar a esses trabalhos o atrativo da variedade. Em vez de os dividir por assuntos ou categorias, teve a escritora o cuidado de os entremear, fazendo que a um homem de Estado sucedesse um militar, a um poeta um industrial ou um inventor, um sacerdote, um músico etc. O primeiro tomo das *Glórias Brasileiras* compreende Ruy Barbosa, Olavo Bilac, Machado de Assis, Santos Dumont e Carlos Gomes. Vêm agora, nas presentes cento e vinte páginas, Oswaldo Cruz, Barão do Rio Branco, Mauá, José Bonifácio, Anchieta, Castro Alves e Caxias. Está já em adiantado preparo a nova série. E muitas outras se hão de seguir, se Deus der vida e saúde à autora, como veementemente lhe desejamos.

Com a feição dada a estes capítulos, certamente a sra. Neves Lobo não visou os eruditos em História nem, em geral, as pessoas de ilustração e exigências superiores; fez obra de divulgação; pensou nos jovens leitores bem como nos adultos amigos de se instruir e a quem os meios, as condições de vida não permittem fazer aquisição e tornar verdadeiro conhecimento das grandes obras de cada especiali-

Nova

dade. Pela mesma razão o seu estilo singelo e bastante despretençioso, apesar da frequência dos pontos de exclamação, se torna o mais apropriado para o êxito da obra. Por uma nota liminar se vê como a autora foi estimulada pela "grande e honrosa" aceitação que do professorado, da crítica e do público mereceu o primeiro volume. Teve a clareza que o êxito deste segundo a anime a escrever o terceiro — e assim por diante.

DESFILE DE CIGARRAS, paródias caipitas por A. Tavares de Lacerda — Rio de Janeiro, 1944.

Não iremos às do cabo, qualificando de genial a idéia que o sr. Tavares de Lacerda teve, de verter para o português em uso na roça mineira ou paulista uma série de poesias que vem cronologicamente desde Camões até à sra. Cotina Rebuá. Mas foi, sem dúvida, uma excelente lembrança. Este cultor do verso caipira pratica a sua especialidade com destreza e graça raras hoje em dia. A tanto, em verdade, o ajudam engenho e arte.

O sr. Tavares de Lacerda faz mais, mais ou melhor, do que transpor simplesmente as peças escolhidas da locução das cidades ou "do morto" para o linguajar daquelas remotas e adoráveis regiões. Quando no original se desprezavam as regras da métrica estabelece o sr. Lacerda a cadência, a harmonia sem a qual os versos... deixam de ser; onde o outro autor não quis ou não soube pôr as rimas adiciona essas, não indispensáveis mas sempre preciosas, elementos musicais; e assim aquele cuja função parecerá de todos os parodistas, se torna um colaborador importante e uma espécie de mestre. Se alguns dos charados poetas modernos as pudessem aprender com ele...

Nem toda a gente confederará, talvez, como deve, a joia de arte e de sentimento que é o Soneto de Natal, de Nicolado de Assis; por isso achamos necessário reproduzi-lo antes dos quatorze versos com que o sr. Tavares de Lacerda o imitou:

Um homem, — era aquela noite amiga.
Noite cristã, berço do Nazareno, —
Ao relembrar os dias de pequeno,
É a viva dança, e a lépida cantiga.

Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquela mesma noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe saiu este pequeno verso:
"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

Um peccadê, na noite abençoada,
Aquele noite que Jesus nasceu,
Se a lembrando de antigas traquinadas,
As dança, as reza e o mais que assuceleu,

Teve tenção de pô numa toada
A sodeade do tempo que viveu,
Naquela mesma noite abençoada,
Noite serena que Jesus nasceu.

Pegô na viola... Ai, que vontade lôca
De abri o peito! mais, as nota rôca,
Uma por uma, no gogô morreu.

E entonce, a pelejô tempo esguccido,
Das corda só tirô este gemido:
"O Natale mudô ou mudei eu?"

POESIAS, de Valdemar de Vasconcellos — Porto Alegre, 1944.

Poeta e artista, de alta emotividade e técnica intransigente, dá-nos o sr. Valdemar de Vasconcellos um livro em verdade precioso, raro. Pertence à categoria dos poetas que, na expressiva de João de Almeida, realmente fazem versos. Também lhe cabe a missão de reagir, entre os fieis à velha poesia — e o adjetivo vem aqui a aceção de eterno — contra a corrente dos iconoclastas, ora ególatras ora pornográficos, que, por estarem gosando dum triunfo especial, de rode, de corrilho, se julgam senhores da época e em plena, imperecível glória. Está visto que, nem todos os adeptos sinceros da doutrina poética a que se devem tantas obras imorredouras, estão, só por isso, a caminho da imortalidade. Muitos poemas, corretamente metrificadas e rimados, trazem em si própria a condenação do inconsistente, do efêmero. Dos outros, porém, dos pretensos poemas, de conceito extravagante e forma arbitrária, nenhum, de certo, escapará. Já a tal corrente, no mapa da livraria, desce a olhos vistos. Não tardará, como tantas outras que tem aparecido por idênticos motivos e para análogos fins, a secar de todo. E a ninguém, nem aos próprios que a alimentaram, deixará saudades.

O sr. Valdemar de Vasconcellos alia à elevação imaginativa e à nobreza sentimental o esmero clássico de todos os que, por bem entenderem a arte, bem a estimam. E frequentemente o inspira o amor à terra do Rio Grande, a cuja imagem e semelhança se fez rimado. O soneto que abre o livro, Terra natal, bem define, em todas as feições, a sua individualidade:

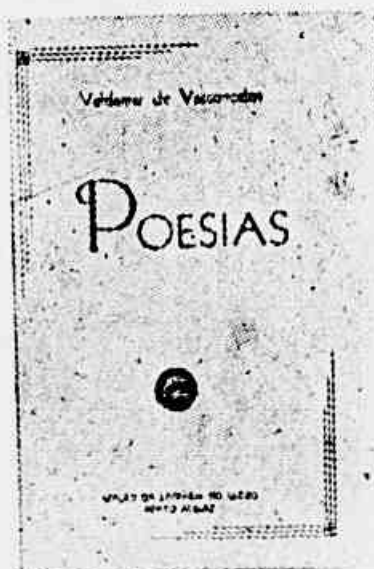
Numa provincia de épicas façanhas,
de vida pastoril e doce clima,
evocam-se ao fogão velhas campanhas,
e o imigrante feliz lavra e vindima.

Ali, coretas, nos plainos e montanhas,
ao homem se submetem, que os estima,
numa fusão de imagens e peanhas,
como em trovas de amor funde-se a rima.

E se pedir a vossa fantasia,
além do que é humano, o que é magia,
olhai a terra em leve ondulação:

Na coxilha, onde verde que floresce,
hercúleo peito a arfar que sobe e desce,
pulsa na própria terra um coração!

J. L.



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Tão bonita...

Isso é porque ela ainda possui os verdadeiros aliados do encanto: Cremes de Beleza Yardley e Pó-de-Arroz Bond Street. Certamente, todos os produtos de toucador Yardley virão de novo com a paz.



Yardley
de Londres



O CORONEL JONAS CORRÊA, ACOMPANHADO DO SR. CARLOS LUZ, INAUGURA A EXPOSIÇÃO DE DESENHO NO "FOYER" DO TEATRO MUNICIPAL.



O 1.º SARGENTO LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA, DO 2.º B. C., RECEBE O PREMIO QUE LHE FOI CONFERIDO PELA CAIXA ECONOMICA.

A "SEMANA DA ECONOMIA" DE 1944

DAMOS hoje, início a uma reportagem da SEMANA DA ECONOMIA de 1944, que, como nos anos anteriores, transcorreu com grande brilhantismo. E, ao começar, queremos fazer um registro especial à data de hoje que assinala o 85.º aniversário da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro. A 4 de Novembro de 1861 era fundada essa benemerita instituição, cuja trajetória iria exercer tão destacada influência na economia privada da nossa população, com especial relevo nos últimos anos, em que, através de campanhas memoráveis, a maior das quais a SEMANA DA ECONOMIA, conseguiu impôr nas massas, de maneira surpreendente, o hábito salutar da poupança, contribuindo, por essa forma, com uma parcela considerável para o engrandecimento do País.

Cumprido o dever dessa grata referência, iniciamos o relato dos festejos da SEMANA DA ECONOMIA, que foram abertos com o tradicional sorteio de cautelas de máquinas de costura e cadernetas de depósito, realizado a 25 do mês último no salão da Biblioteca da Caixa Econômica, presentes os srs. Carlos Luz, presidente dessa instituição, Veiga Faria, Ariosto Pinto, Dario Crespo, e Arlio Mazzei, diretores, altos funcionários e jornalistas. Dentre 1.323 cautelas que concorreram ao sorteio, 20 foram contempladas com a quitação, cujas numéros foram amplamente divulgados pelos jornais, atingindo o valor global desse resgate a importância de Cr\$ 14.220,00. Foram também aquinhoadas varias cadernetas de economia, da série mecanizada, da 4.ª série e de economia escolar. A 26 verificou-se, no Teatro Municipal, a inauguração da Exposição de Desenho, seguida da Festa dos Professores, que reuniu uma mocidade estudantil vibrante e entusiasta, e durante a qual foram entregues numerosos premios dos certames escolares instituídos pela Caixa Econômica, inclusive do vitorioso PROGRAMA DOS NOVOS. A nossa principal casa de espetáculos apresentava aspecto festivo, inteiramente lotada pelos estudantes e suas famílias, que não regatearam aplausos aos vitoriosos dos aludidos torneios.

A cerimonia foi presidida pelo coronel Jonas Corrêa, secretario geral de Educação do Distrito Federal, presentes diretores da Caixa Econômica. Receberam os premios as diretoras das Escolas que mais se distinguiram na CAMPANHA DOS 100%; foram entregues: ao Colegio Pedro II a taça PROGRAMA DOS NOVOS, como vencedor coletivo desse grande torneio; ao Instituto de Educação o premio MELHOR CORO ORFEONICO; ao Instituto La-Fayette o premio MELHOR CONJUNTO ORQUESTRAL, e os demais premios individuais daquele certame. Seguiu-se então uma parte artistica, no desempenho de alunos das nossas escolas secundárias, aberta com o Hino do Programa dos Novos e encerrada com o Hino Nacional, e que constou de dezesseis interessantes e numerosos aplaudidissimos pelos presentes.

O dia 27 foi assinalado pela Festa dos Militares, realizada no auditorium da A. B. I. Como nos anos anteriores, foram premiados com Cadernetas de Economia os militares de terra, do mar e do ar, pertencentes a corporações sediadas na Capital, que mais se distinguiram durante o corrente ano. Numerosas praças e sub-oficiais da Marinha, do Exército, da Aeronautica, do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar estavam presentes ao ato, ao qual compareceram altas patentes, sendo a cerimonia presidida pelo general Mauricio Cardoso, Chefe do Estado Maior do Exército. Dando início à festa falou o sr. Carlos Luz, presidente da Caixa Econômica, que teceu um hino de louvor ao soldado combatente do Brasil, que em terras de além mar está cada vez mais elevando o nome da Patria, honrando a nossa tradição de bravura e dignidade. A seguir foram entregues aos contemplados as Cadernetas de Economia, encerrando os trabalhos o general Mauricio Cardoso, que agradeceu à Caixa Econômica essa demonstração de apreço pelas classes militares.



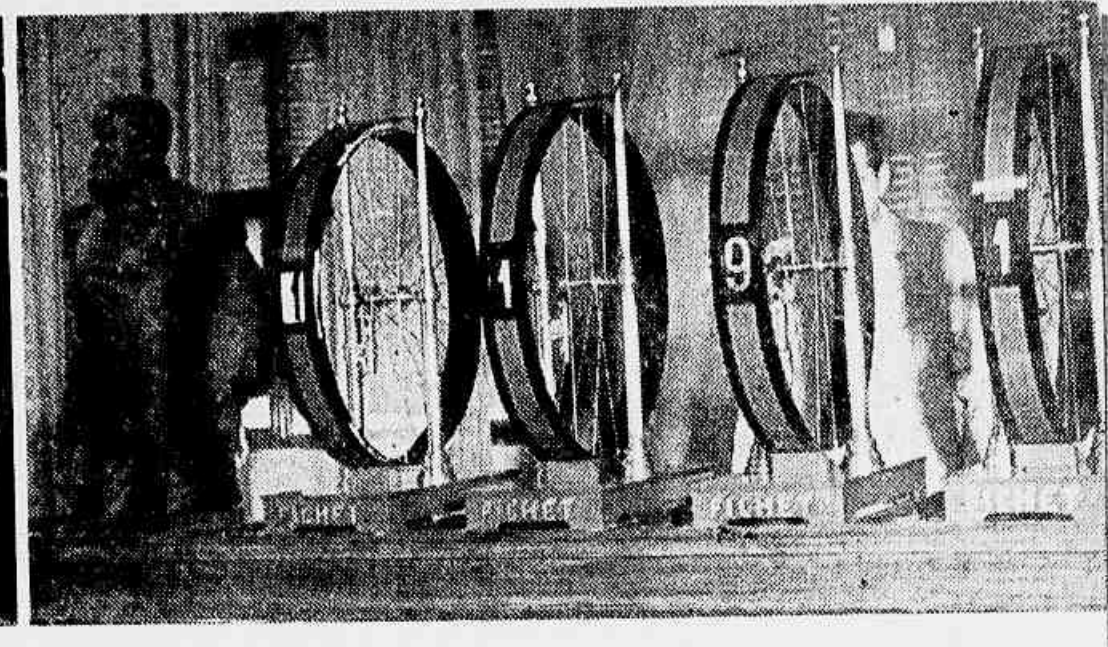
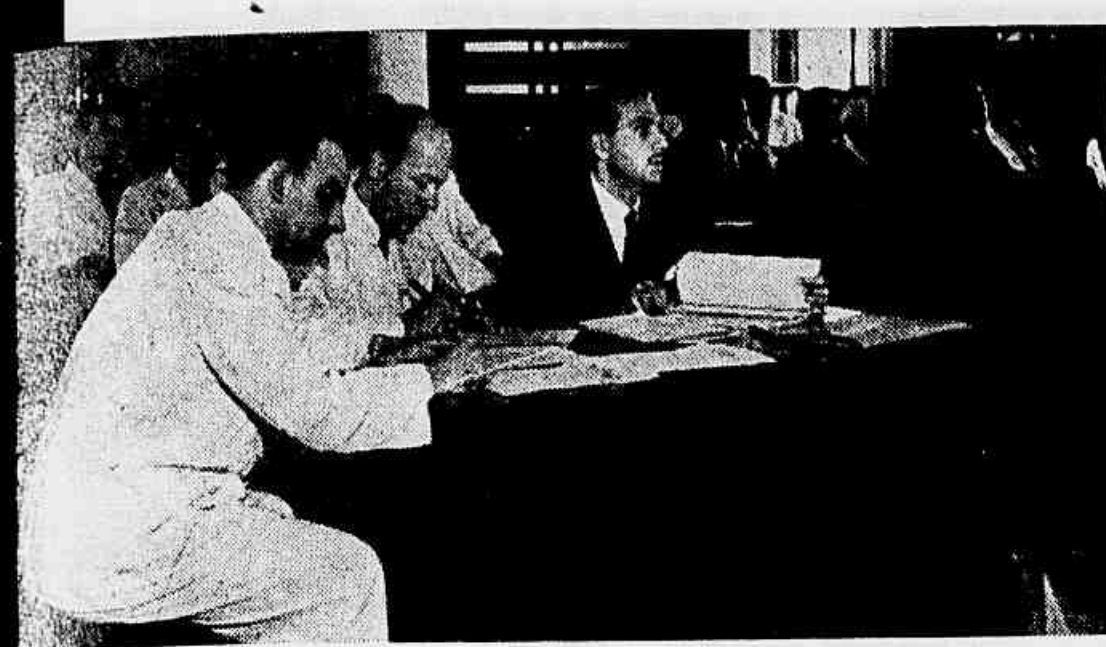
AS DEPENDENCIAS DO TEATRO MUNICIPAL ESTAVAM LITERALMENTE CHEIAS PELOS ALUNOS DAS NOSSAS ESCOLAS PRIMARIAS E SECUNDARIAS, QUE VIVIAM DE ENTUSIASMO E ALEGRIA COM O DESENNOLAR DA "FESTA DOS PROFESSORES".



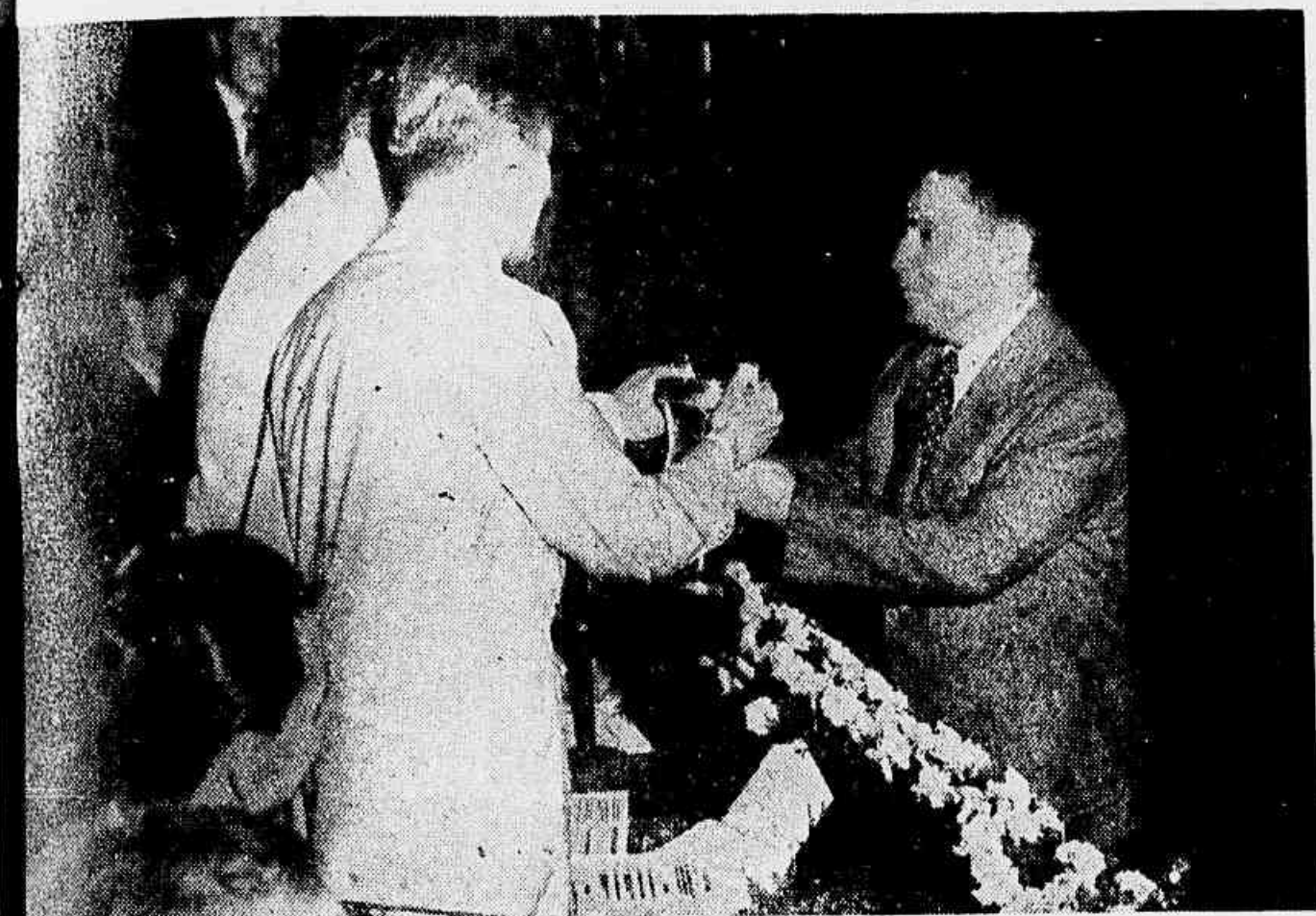
CONJUNTO DE ALUNOS DO COLEGIO PEDRO II, QUE REPRESENTOU, NA "FESTA DOS PROFESSORES," A PEÇA DE PEDRO BLOCH "O POETA DA SAUDADE", OBTENDO RUIDOSOS APLAUSOS.

A MESA QUE PRESIDIU A FESTA DOS PROFESSORES, REALIZADA NO TEATRO MUNICIPAL, VENDO-SE O SR. CARLOS LUZ QUANDO AGRADECIA O CONCURSO DE EDUCADORES E EDUCANDOS.





VÊMOS ACIMA TRES ASPECTOS DO SORTEIO DE CAUTELAS E CADERNETAS DE ECONOMIA, QUE, COMO DE HABITO, ABRE AS SOLENIDADES ANUAES DA "SEMANA DA ECONOMIA".



O PROFESSOR JOÃO RAJA GABAGLIA, REPRESENTANDO O DIRETOR DO COLEGIO PEDRO II, RECEBE DAS MÃOS DOS SRS. CARLOS LUZ E CORONEL JONAS CORRÊA A "TAÇA PROGRAMA DOS NOVOS", CONQUISTADA BRILHANTEMENTE POR AQUELE EDUCANDÁRIO EM UM TORNEIO DISPUTADÍSSIMO COMO FOI O "PROGRAMA DOS NOVOS" DESTE ANO, DE EMPOLGANTE TRANSCURSO, AO QUAL CONCORRERAM 29 ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DESTA CAPITAL, SELECIONADOS ENTRE OS DE MAIOR EXPRESSÃO.



A OBJETIVA DA "REVISTA DA SEMANA" SURPREENDEU OS SOLDADOS HAROLDO RAMOS E SILVA, PLÍNIO CONSONI CHIEPETTI, SEBASTIÃO FERREIRA E O CABO SIMÃO ABDALLA ANDRÉ, DA AERONAUTICA, TROCANDO IMPRESSÕES SOBRE OS PREMIOS QUE ACABAVAM DE RECEBER, QUE REPRESENTAM O PONTO DE PARTIDA PARA A REALIZAÇÃO DE UMA PECUNIA. COMO ESSES, NUMEROSOS OUTROS MILITARES FORAM AQUINHADOS NA "SEMANA DA ECONOMIA".



O PRESIDENTE DA CAIXA ECONOMICA ENTREGA AO PROFESSOR LEONEL GONZAGA, DIRETOR DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, O PREMIO "MELHOR CÔRO ORFEONICO".

O CÔRO ORFEONICO DO GINÁSIO "MELO E SOUZA", QUE EXECUTOU O HINO DO "PROGRAMA DOS NOVOS".



O CORONEL JONAS CORRÊA ENTREGA À SRA. EURIDICE CORRÊA JORGE DA CRUZ, DIRETORA DA ESCOLA 6-6 PORTUGAL, O PREMIO QUE LHE COUBE NA "CAMPANHA DOS 100%".

A MESA QUE PRESIDIU À FESTA DOS MILITARES, NO AUDITORIUM DA A. B. I.





A GUERRA TROUXE UM GRANDE ESTÍMULO PARA TODOS OS SETORES DE ATIVIDADE NA GRÃ-BRETANHA. TAMBÉM AS ARTES, COMO A PINTURA, ENCONTRARAM FORTE INSPIRAÇÃO NOS TEMAS DE TRABALHOS DE GUERRA, COMO VEMOS NESTE QUADRO DA PINTORA DAME LAURA KNIGHT, UMA ARTISTA DE EXCEPCIONAL TALENTO.

ESTE É UM DOS QUADROS DE DAME LAURA KNIGHT (ROYAL ACADEMICIAN) ARTISTA QUE JÁ CONSEGUIU UM RENOME INTERNACIONAL. ESSA TELA FOI PREMIADA PELO GOVERNO BRITÂNICO E MOSTRA DOIS MEMBROS DO "WOMEN'S AUXILIARY AIR FORCE", AMBAS CONDECORADAS COM A MEDALHA MILITAR POR ATOS DE BRAVURA.



A Guerra dá Nova Vida à Arte Britânica

Por *Kenneth Monkman*

(Do B. N. S. para A REVISTA DA SEMANA)

Londres. — Ao irromper a guerra atual os valiosos quadros existentes nas galerias de arte da Grã-Bretanha foram retirados e ocultos no interior do país, a salvo das bombas. Muita gente pensou que os artistas agiriam de acordo com os mesmos princípios, isto é que voltariam as costas ao conflito e continuariam a pintar os assuntos pacíficos que os artistas pintam há séculos — flores, rostos, animais, cenas campestres e outros similares.

Mas esta guerra tem sido diferente de qualquer outra, na nossa história. Não só as armas são mais rápidas e mais terríveis, como também todos nós estivemos no campo de batalha. Todos experimentamos a fumaça e o fogo. Também vimos todas as boas coisas que a guerra produz: a inacreditável coragem de homens e mulheres comuns, a resistência, o altruísmo e o elevado sentimento de camaradagem observado entre pessoas que sofrem em comum.

Os artistas passaram igualmente por essas novas experiências e por isso, ao invés de voltarem as costas à guerra, sentiram-se estimulados e puseram-se a pintar incendios, ruínas, os aviões que, como passaros, voavam no alto dos céus, o povo caminhando em filas para os abrigos anti-aéreos, mulheres fabricando tanks e bombardeiros. Pintaram essas e uma centena de outras coisas, não apenas como as viam, mas como as sentiam.

Muitos dos artistas mais jovens foram convocados e alguns ingressaram nas brigadas de bombeiros e nos serviços anti-aéreos. Mas continuavam a pintar sempre que dispunham de uma oportunidade. Outros, os que já tinham nome feito, foram empregados pelo governo como artistas de guerra oficiais, sendo enviados para o mar, em navios de guerra, para aeródromos, para a França ou para o Oriente Médio. Um dos mais belos quadros assim pintados, de Charles Cundall, mostra a evacuação das praias de Dunkerque. Nenhum aparelho fotográfico traduziria o drama desse amplo panorama de areia salpicada de bombas explodindo, aviões destruídos e milhares de vultos em cáqui esperando a vez de embarcar para a Grã-Bretanha.

Um outro quadro inesquecível é "O Mar Morto", de Paul Nash. John Armstrong, simbolizou a sua fé no futuro, mesmo quando o bombardeio atingia o auge, pintando uma tulipa serena e formosa, contra um fundo de devastação. E, como esses, há milhares de outros quadros produzidos pelos artistas britânicos durante a guerra. Nem todos eles são boas pinturas, mas o fato de nenhum ter sido recusado é significativo. Cada um deles foi pintado porque o artista era presa de um sentimento suficientemente profundo para desejar manifestá-lo a outras pessoas com suas tintas e suas telas — mesmo apesar de telas e tintas serem difíceis de obter nestes tempos de conflito.

Que dizer do público, esse público com o qual o pintor deseja partilhar as suas experiências? Indubitavelmente houve um grande aumento no número de pessoas que, depois da guerra, gostam de contemplar um quadro. Em-

bora a Galeria Nacional, de Londres, esteja sem as suas obras primas de renome mundial, há sempre ali exposições de quadros de guerra e multidões correm para vê-los. Quatro exposições similares percorreram o país e outras foram enviadas aos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelandia.

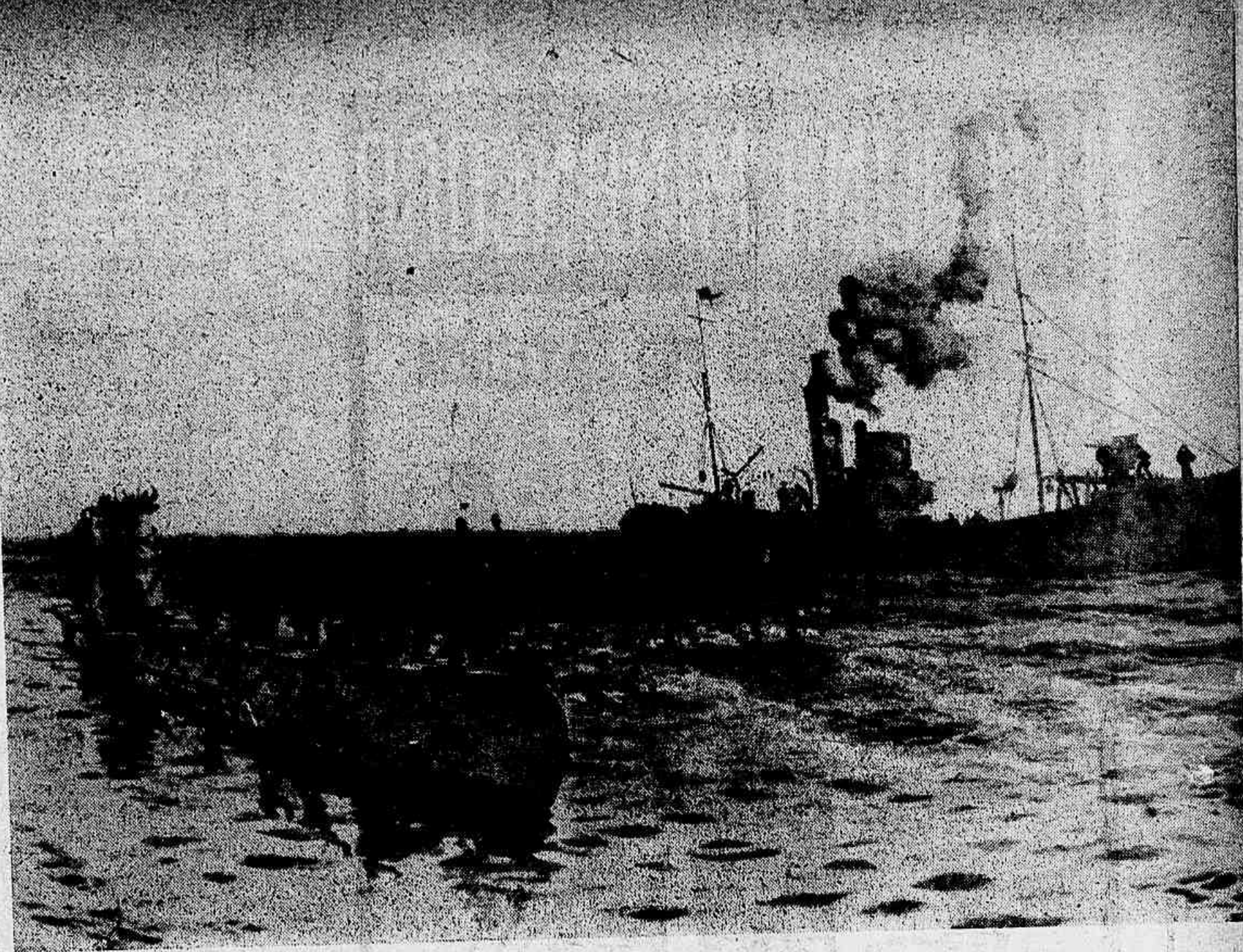
Muitas dessas pinturas de guerra foram igualmente reproduzidas numa série de livretos que alcançaram uma grande venda. Outras são encontradas sob a forma de cartões postais.

O crescente interesse pela arte foi ainda mais salientado em meados deste ano, quando a Galeria Nacional fez uma exposição de obras primas, dos impressionistas franceses. Os salões estiveram repletos de visitantes, durante a semana da exposição.

Tudo isso é significativo porque pode muito bem prognosticar um grande reavivamento da pintura na Grã-Bretanha, depois da guerra. A pintura inglesa tem um encanto próprio para oferecer à civilização, e o fato de se encontrar atualmente no bom caminho para chegar a um outro dos seus melhores períodos constitui uma das surpresas da luta, essa luta que trouxe tantas surpresas desagradáveis.

CHARLES PEARS, (ROYAL INSTITUTE OF OIL PAINTERS) É UM DOS CORIFEUS DOS ARTISTAS QUE SE DEDICAM A MOTIVOS DA MARINHA. O QUADRO REPRODUZ A RENDIÇÃO DE UM SUBMARINO AO NAVIO AUXILIAR "LADY SHIRLEY" E OBTVEU O PRÊMIO EM 1942. PEARS TEM ALGUNS QUADROS DA MARINHA NO "IMPERIAL WAR MUSEUM".

A INGLATERRA TEM EM STANLEY SPENCER UM PINTOR DE FORTE PERSONALIDADE. ESTE É UM DOS SEUS QUADROS SOBRE A GUERRA PREMIADOS PELO GOVERNO BRITÂNICO EM 1940 E PERTENCENTE A UMA SÉRIE DE AUTORIA DO ARTISTA FOCALISANDO A CONSTRUÇÃO NAVAL. SUAS OBRAS SÃO EXIBIDAS EM GALERIAS DE ARTE DE MUITOS PAÍSES.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro segredo
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro cabeludo

CRISE

Continuação da pag. 36

— Será possível! Sozinha numa terra estranha e ninguém compreende que eu tenho que ir vê-la, que não posso deixá-la morrer sem ao menos falar-lhe uma última vez. A única coisa que preocupa esse cavalheiro é o interesse da Companhia. Quem, meu Deus? Quem poderia me socorrer, num momento como este?

Será que Júlio conseguiu o dinheiro? Terá se lembrado de recorrer a mim? Pensou Mário.

Naquele momento Júlio percorria as ruas de Londres à procura de quem o ajudasse...

Todos, todos, contra mim. Até essa mulher que vai passando aí pela rua parece olhar-me com desprezo. Terá o aspecto de um louco? Parece que sim. Pelo modo que me olham? É bem possível afinal. Basta para enlouquecer um homem o que me tem acontecido.

É preciso, antes de tudo, assegurar a passagem. Irei ao aeroporto e tentarei falar com o chefe, talvez espere mais um pouco, pois ainda não tenho o dinheiro da passagem. E se a venderem a crédito?

— Sinto muito, cavalheiro. O senhor não veio até meio dia. Havia uma pessoa esperando e eu vendi a passagem! — Mas... Mas é um caso de vida ou de morte!

Rotenol
NAO HA MELHOR SABONETE
DE TOA QUAL FOR O PREÇO

— Bem... Um momento. Creio que posso arranjar um meio. Mas será mais caro. O senhor terá que pagar quase o dobro...

O dobro?! E eu nem tenho o dinheiro!

Como, como obter o dinheiro?
Como? como? como?

Será que Júlio já partiu? Temo que ele tenha se precipitado e feito alguma tolice! Mário estava realmente preocupado com a sorte do amigo...

M. MAURICE DEMOLEIN



Trancorreu no dia 24 de outubro o aniversário natalício do sr. Maurice Demolein, diretor da Caixa Geral de Empréstimos e da Cia. de Fiação São Bento, de São Paulo, figura grandemente estimada não só nos círculos comerciais e industriais da Paulicéia, como também no seio da colônia francesa, onde o seu nome se tornou largamente conhecido e admirado, como o de um grande patriota, em virtude de sua atitude enérgica e decidida, pondo-se ao lado da causa de De Gaulle, ainda nos dias negros e incertos da queda do território metropolitano da França.

Onde? Onde? Onde arranjar o dinheiro?

Não era possível que não houvesse em toda aquela cidade uma única pessoa que estivesse disposta a emprestar-lhe aquela pequena quantia em dinheiro! Quem haveria de ser?

Não. Definitivamente não. E no entanto... Uma tentação passara pela sua cabeça? Faltava aquilo? Mas era uma indignidade! Não. Tudo que havia de reto, de direito no seu caráter se rebelava contra aquela ideia. Mas não era possível! Não. Porém tinham feito uma injustiça. Ninguém quisera ouvir o seu pedido. O mundo estranho fizera ouvidos de mercador às suas súplicas. Não teria o direito, em face disso, de desrespeitar o mundo que o abandonara. Não teria, em face disso, o direito de infringir as leis desumanas daqueles homens? Daquele que o olhara friamente. E dissera, com ênfase:

— E' impossível?! Absolutamente impossível!!!

Sim. Nada havia de mal. Mais tarde repararia o que fizera. Era isso! Repararia mais tarde o seu crime. Era simples o que pretendia fazer e, ao mesmo tempo, era arriscado. Tudo dependia da sua presença de espírito.

— Sim. Uma pessoa que me ceda a passagem. Minha esposa está doente, muito doente, no estrangeiro. Preciso ir para junto dela e não posso, não tenho meios de obter uma passagem...

Uma senhora com ar bondoso disse-lhe:

— Tome o meu lugar, meu filho. Eu ia fazer uma viagem de recreio. Posso esperar até amanhã.

Ele beijou-lhe as mãos, grato. E ela foi providenciando para que o bilhete fosse transferido.

Chegava a hora mais perigosa. Era necessário toda a presença de espírito.

Teria coragem, saberia fingir a necessidade alma despreocupada. Para que eles não desconfiassem?

— Quer dar-me a passagem?
O empregado não teve dúvidas. A desistência da senhora bondosa permitia que tudo fosse solucionado sem que a companhia tivesse que se aborrecer...

Chegou o instante do pagamento.

Por que minha mão treme?! Eles vão notar, meu Deus!

Júlio assinou o cheque com um floreio. Era um cheque no valor da passagem e estava dirigido ao Banco Central onde ele sabia muito bem que tinha em depósito muito menos da metade da importância. Mas conseguira afinal o que intentava. Era impossível que tivessem notado que ele estava tremendo. Conseguira a passagem e, ansioso, apertando-a nas mãos tremulas encaminhou-se para o aeroporto. As suas malas já estavam lá, prontas. Dentro em breve partiria o avião.

Decididamente não ficarei tranquilo se não souber o que Júlio fez. Se ele partiu para junto da esposa pelo trem — o que não é provável — não o encontrarei mais; porém, se está esperando o avião que o levará em algumas horas para junto dela, então ainda está esperando a hora da partida pois só um avião parte hoje para Cannes. E parte à noite. Mário vestiu-se e saiu.

A hora nunca mais chega. Vejo-a fria, fria e moribunda, na mesa de operações. Porque o piloto não deu o sinal? Ainda conversa com os companheiros alegres e satisfeitos e não suspeita o que se passa comigo! É uma das piores angústias que o homem tem que suportar o fato de estar sofrendo e ver o mundo inteiro indiferente. Parece aquele que sofre que tudo deveria parar em sinal de respeito à sua dor e poucos são os infelizes que suportam risos perto do lugar onde sofrem...

— Mário!

Não! VOCÊ NÃO É UM FRACASSADO de há muito você procura...

...descobrir um remédio para a esse mal que o deprime moral e fisicamente per nite a sociedade CATUASE COMPOSTA é o remédio preparado com um grande vegetal de nossa flora, cujas propriedades estimulantes e vitalizadoras em combinação com o cálcio da "limbêda" e hormônios cerebrais estimulam a circulação no combate à debilidade nervosa muscular viril, astenia (fraqueza nervosa), de ânimo... Não encontra-lo na sua farmácia, peça ao depositário Caixa Postal, 1371 — São Paulo.

CATUASE COMPOSTA

Mário! Uma nuvem toldou o olhar de Júlio e ele julgou durante uns segundos que iria desmaiar porém não desmaiou. Antes espertou ao ver o amigo. Fôra inútil o seu sacrifício? Por simples precipitação na sua angústia puzera em perigo a sua honra e arriscara a sua liberdade, sem se lembrar que o amigo bem poderia emprestar-lhe o dinheiro que precisava.

— Mário!
— Júlio!
— Você!

— Até que enfim. Procurei você por toda a parte. Li o telegrama nos jornais. Enquanto o amigo o confortava, Júlio só tinha um pensamento: tarde demais, tarde demais, tarde demais...

Duas filas de cadeiras e, em frente, o juiz. Um banco. O banco dos reus.

— Não é verdade que, no dia trinta de janeiro último, o acusado presente, Júlio de Novais Ribeiro, às quatro horas da tarde lhe deu, em pagamento de uma passagem pelo avião expresso, para Cannes, este cheque que aqui vê?

Era o rosto do promotor... O promotor mesmo ou estava confundindo com o empregado? O empregado usava um pince-nez. E o pince-nez, naquela hora, ele não sabia porque, dava um ar de inevitabilidade à sua condenação. Ele fazia objeção após objeção. E as suas objeções, uma após outra, o juiz recusava a aceitar. Condenado.

O juiz, para dar a sentença, e levar a aquele barrete que ele dizia as palavras da fórmula de sentença de morte: para ser pendurado pelo pescoço até que sobrevinha a morte. O hrrr das fórmulas legais! Mas não era a morte que ele seria condenado. Peior que a morte! Deshonra. Via o patrão, com aquele ar de justo, de cidadão irrimavelmente respeitador das leis dizer: E' mais um deuses desequilibrados! Não quis nem esperar um pouquinho... Louco! Desequilibrado! Ele sentia que naquele momento estava perto da lucura. No entanto nunca fora tão lúcido. Nunca raciocinara com tanta clareza. Nunca medira com tanto cuidado os prós e os contras. Enquanto o amigo falava ele pensava na chance que tinha de escapar livre. E a medida que o tempo passava e que o avião não partia iam, uma a uma, desaparecendo as chances de que só muito tarde fosse descoberta a fraude... Via-se preso... Preso...

— Júlio, você não está ouvindo o que eu digo!

— Hein?

Surpreso, voltou à tona da realidade do mergulho profundo que dera nos seus pensamentos.

Só mais uma formalidade. Exame dos passaportes. Exame dos passaportes e depois partida... Partida...

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

BLOMBINE

FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS

— Seu passaporte?

Ele teve um sobressalto como algum criminoso que sente nas costas o peso de uma mão e já pensa ser o guarda que o vem prender.

— Meu passaporte? Aqui está.

O tenente era careca e o seu crâneo lúcido brilhava á luz da lâmpada. Júlio era o último a ser examinado. Todos os outros passageiros já estavam a bordo. Só faltava ele... Só ele...

— Seu passaporte não está em ordem.

Pela espinha de Júlio uma descarga fria correu. Quis falar e a voz não veio.

— Não está em ordem. O senhor quer ir para a França e não fez visar o seu passaporte no consulado francês.

— Maldito esquecimento!

Seria possível? Preso? Não. Somente impedido de partir. Impedido de partir. E ela? E sua amada que ele abandonara naquela hora? Não! Ela estava morrendo. O crâneo lúcido do oficial brilhava á luz da lâmpada.

— Não pode partir!

Havia, sobre a mesa, um peso de ferro. Júlio viu o peso e o seu olhar resvalou para o crâneo do oficial. Alguns segundos depois sem que Júlio soubesse como aquilo acontecera, o crâneo estava manchado de sangue, havia sangue por toda a parte e o corpo deslizava lentamente, caindo ao chão, numa poça.

O avião arrancou. Júlio, como um alucinado, lembrou os últimos instantes. A voz que perguntara:

— Tudo em ordem?

E ele, de dentro, respondendo, imitando a voz do capitão:

— Tudo em ordem!

E a revolta para ver se não estava manchado de sangue. E o carimbo que ele utilizara para carimbar seu passaporte.

O avião seguia como um passarinho tranquilo e celere pelo céu azul da França e dentro dele Júlio e o seu delírio.

Com uma manobra graciosa atelou.

Júlio escondendo-se atrás de umas bagagens escapou antes que chegassem as autoridades. Poderia ser preso por não estar com o passaporte em ordem...

Estacou. Diante dele, a esposa, carinhosa.

— Foi um engano, meu amor! Foi um terrível engano! Eu não tive nada! Já e salva. Fui a única pessoa que não se machucou.

— E a menina? Nossa filha?

— Uma contusão sem importância! Ele viu vermelho, um vermelho brilhante! Nem era ver melhor, era pura. Não, escarlate. Sim sangue escarlate. Escarlate. Sangue. E ouviu uma voz: Morte, morte, morte!

A esposa deu um grito, ao vê-lo desvairado.

Ele deu um passo para trás, Cambaleou. Caiu.

Ela aproximou-se. Pegou-lhe a mão, auscultou o coração. Estava morto.



Nas cores: Branco • Rosa • Raquel •
Ocre-claro • Ocre-escuro • Ocre-rosé •
Gitane e Péche.

Perfumado como a brisa da manhã, nos prados em flor... de delicadíssimos tons, que se confundem com a cor natural da cutis, o pó de arroz Orygam de Gally *realça a beleza* e aumenta a sedução, atraindo admiração e elogios.

Use Orygam de Gally e verifique por si mesma porque é tão famoso e preferido este pó de arroz — finíssimo, aderente e da mais alta qualidade!

Pó de Arroz

ORYGAM de GALLY

PF

À VENDA EM TODO O BRASIL

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a impregnar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente.

DÔRES NOS PÉS, PERNAS E CALCANHARES?

Pés cansados e doloridos; dores nos pés e nas pernas, semelhantes a reumatismo; calosidades, ou calcanhares sensíveis — estes são os sinais de debilidade ou caída dos arcos.



IA-S-32

Os Suportes de Arco DR. SCHOLL e exercícios apropriados aliviam as dores, eliminando sua causa — a distensão dos músculos e nervos — e fazem os arcos caídos retornarem à posição normal.

Anatômicamente ajustados nas Lojas Dr. Scholl. Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicures científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO - RUA AROUCHE, 71 - S. PAULO

SUPORTES DE ARCO

REMÉDIOS

CALÇADOS



Beleza!...
tesouro da mulher

Conservai a formosura
de vossa cutis

macia, aveludada,
isenta de rugas,
panos e cravos.

LEITE DE AMENDOAS

"MENDEL"

cientificamente prepa-
rado, tem o mágico
poder de fazer do rosto
feminino a recomen-
dação muda da
personalidade.

FEITOSA

LEITE DE AMENDOAS
MENDEL

Dist. LEONCITO AMBRAN
Av. Rio Branco, 109 - 4.º - Rio



Modelos



Dra. HELENA N. DAHER

CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

ORIGINAL VESTIDO DE
JONATHAN LOGAN EM
SEDA ESTAMPADA COM
CINTO DE VELUDO PRETO
E UMA FITA DE VE-
LUDO NA FRENTE, SOLTA
(PRESA APENAS NO DE-
COTE E NA BARRA DA
SÁIA). DUAS FIVELAS DE
METAL NO CINTO.

A' ESQUERDA — MOTIVOS
DE PASTILHAS VERMELHAS OR-
NAM ESTE CONJUNTO PRIMA-
VERIL DE BLUSA E CHAPÉU.

A' DIREITA — CONJUNTO
ORIGINAL DE BOLSA E CHAPÉU
EM FINA PALHA, DE LISTRAS
AZUES E BRANCAS.

CABELO BRANCO?
LOÇÃO
Brilhante

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

COINCIDENCIAS...

(Continuação da pág. 33)

Sede de vingança, ódio no coração, todos os sentimentos que agitam e transfiguram, desencadearam-se no peito dos dois sinceros namorados, com o furor hereditário do Manuel Guilherme, canaceiro que não perdoava desfeita.

Correram os dois a confrontar a bela com o duplo resultado de seus amores.

Disse Carlos.

— Quero falar com Isabelinha!

E Lúcio falou:

— Desejo falar com Isabelinha!

Foram introduzidos na sala de visitas pela criada, uma negra de olhos arregalados de eterna expressão de susto.

Logo veio a bela, e começou a tempestade. Os ciclones que agitam os mares e ceifam vidas não causam mais estrépito do que a indignação dos dois que, ante a bela, trovejaram insultos, e ameaçaram castigo do céu, purgatório, etc, etc.

Mas nesse momento a coincidência máxima os estatelou. Belinha pediu licença, safu uns instantes, e voltou, trazendo pela mão uma imagem viva sua tão semelhante a ela quanto os dois irmãos se pareciam. Estava explicado o caso. Cada uma namorava um deles e as duas haviam aceito o respectivo namorado, cada uma de per si.

O espanto dos dois irmãos foi enorme.

Imediatamente, puzeram-se de joelhos e rogaram perdão pela sua grosseria, ao que elas retrucaram que estavam perdoados.

O leitor, sem dúvida acha que está tudo acabado, porém mal sabe ele que o melhor ainda não chegou. Atingiu a embrulhada o ponto máximo quando, perdoados ambos, Carlos virou-se para Lúcio, e disse:

— Qual é a minha?

E Belinha olhando a irmã, exclamou:

— Qual será o meu!

Bem disseram os convidados maliciosos, no dia do casamento duplo:

— Isso vai ser uma trapalhada...

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol.

Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME

RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos

DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

Novo método para melhorar a pele em 14 dias!

— Método MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

O maravilhoso método embelezador que oferecemos a todas as mulheres, consiste na Nova Massagem Fricção Palmolive, feita com a rica, cremosa e vitalizante espuma do sabonete Palmolive que lhe garante uma nova beleza em 14 dias apenas!

O novo método massagem Palmolive foi posto à prova por 36 especialistas em beleza da pele, em 1.285 mulheres de todas as idades e possuidoras de todos os tipos de pele. No Brasil, 81% das mulheres que experimentaram esse novo método, obtiveram resultados verdadeiramente surpreendentes.

O Sabonete Palmolive é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma, os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis e retardar as rugas. Palmolive tem uma espuma diferente, cremosa, que penetra profundamente nos poros, limpando-os das impurezas e fazendo-os respirar livremente.



Que é o método massagem fricção Palmolive



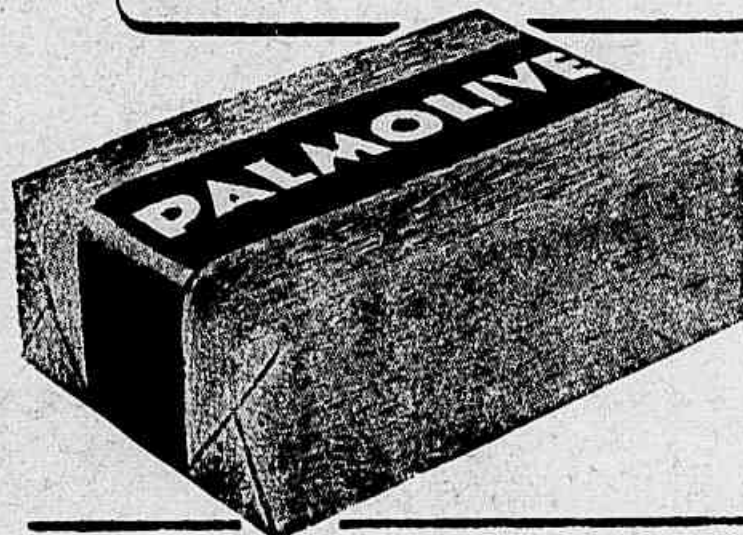
1.º - É lavar e ensaboar muito bem o rosto com sabonete Palmolive para que os poros fiquem livres das impurezas e recebam melhor a Massagem Fricção.



2.º - É lavar novamente o rosto para retirar a espuma e, em seguida secar, sem esfregar. — Essa operação deve ser feita de manhã, ao levantar, à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia! Durante 14 dias seguidos!



3.º - É embeber uma pequena toalha comum na espuma cremosa e espessa de Palmolive e fazer, suavemente, a massagem, em todo o rosto, durante 1 minuto — exatamente 60 segundos.



EIS OS RESULTADOS QUE SE OBTÊM COM A MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

Com o Novo Método Massagem Fricção Palmolive, aplicado durante 14 dias seguidos, de manhã, ao levantar e à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia, você conseguirá:

• Pele mais clara • Cutis aveludada • Menos manchada • Menos seca • Menos oleosa • Maciez e suavidade • Pele sadia.

Comece este novo e positivo sistema de usar Palmolive, ainda hoje. Em 14 dias você terá uma nova juventude, uma pele mais fresca, clara e encantadora.

Standard Propaganda

MENTHOLATUM

Acalma

QUEIMADURAS

Contusões e Ferimentos

'DEPRESSA, MARY! TRAGA-ME MENTHOLATUM'

OS comprimidos DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pímulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

PRISÃO de VENTRE?



VARIZES

EM SENHORAS
E HEMORRÓIDAS EM GERAL

Novo Tratamento sem Operação

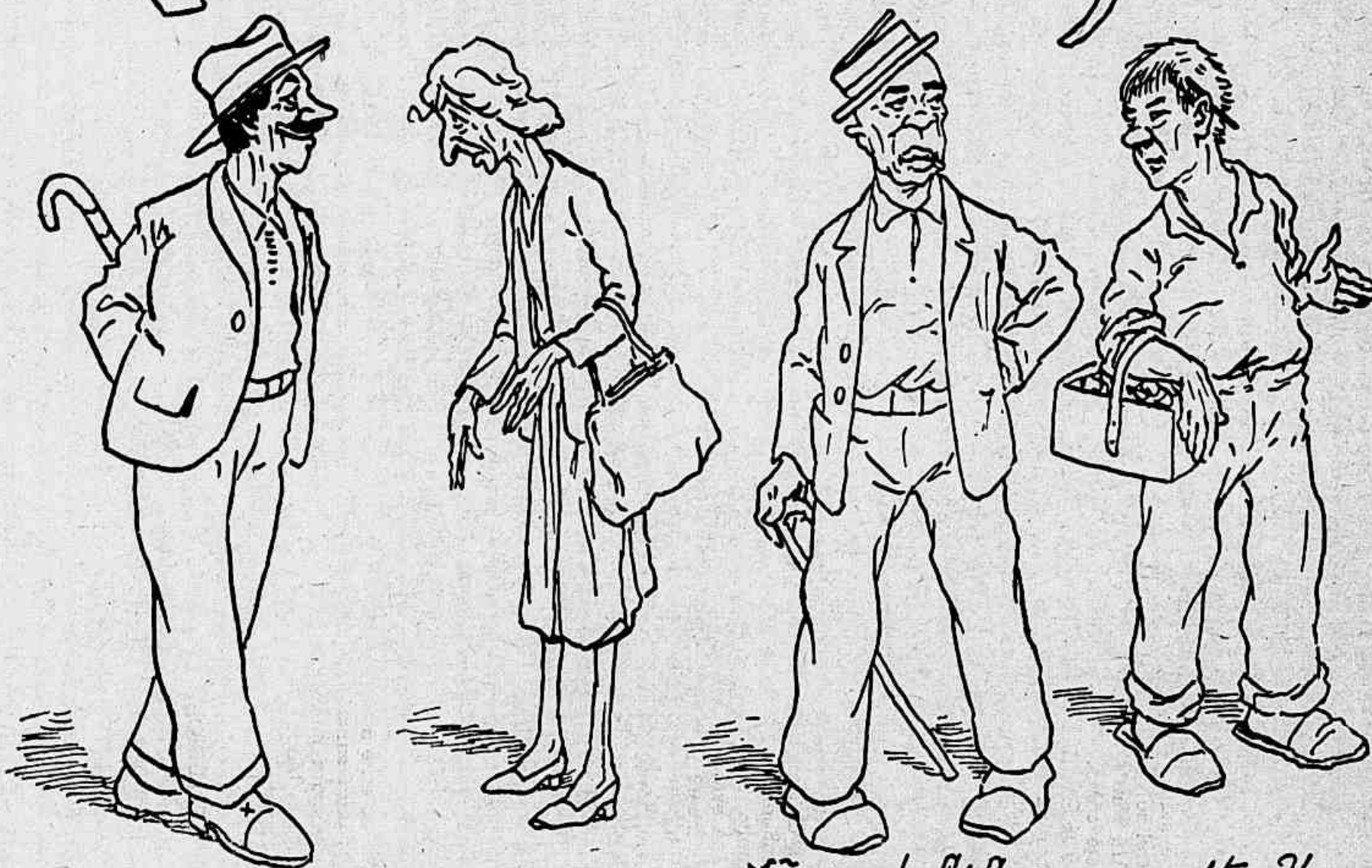
Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorriários internos e externos, inclusive os que sangram. Não encontrando nas farmácias ou drogarias, peça diretamente ao depositário: CX. POSTAL 1874 (um-oito-sete-quatro) - São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
N.º 1-Fluxos abundantes
N.º 2-Falta de fluxos

Tempos duros...



-Ha quanto tempo não tenho carne!
-Está se vendo.

-Não vende fósforo em pacotes?!
-Claro. Não ha mais eleições.



-Perdi duas hortas na fila do leite!
-Não se metesse co'a alhorda da fila



-Como se escreve açúcar?
-Não se escreve. Pisca-se...



-Rejeitou a manteiga de fora?
-Sem dúvida Estava racionada.



-Onde encontrar "batata"?
-Na literatura...

Raul

LESLIE — Chamou-me, capitão...

WEHRINGER — Vai-te daqui!...

LESLIE — Sim, meu capitão...

WEHRINGER — Espera... (pausa) Aproxima-te!...

Contra-regra: passos.

WEHRINGER — Sabes onde encontrar flôres como estas que estão nas mãos de madame Westbury?

LESLIE — Não, capitão!

WEHRINGER — Ah! Não sabes, pedaço de asno! Toma lá dez marcos! Vais me comprar o que houver de melhor e me trarás isso aqui a toda velocidade.

LESLIE — O senhor disse?

WEHRINGER — Estúpido!... Que é que tens na cabeça?

DENISE — Oh, capitão Wehringer... Ele mesmo assim... custa a compreender as coisas...

WEHRINGER — Vai comprar o que eu disse... senão vais-te haver comigo!...

LESLIE — Sim, senhor...

WEHRINGER — Levarás o que acabo de encomendar-te ao salão do castelo... Madame Westbury... convido-a a tomar uma taça de champanha que tenho reservado desde ontem para a senhora...

DENISE — Sinto muito, capitão... mas...

WEHRINGER — Que estás fazendo aí parado, idiota? Que disse eu que fosses fazer? Estás olhando para a minha cara? Vai onde te mandei...

DENISE — Não ouviu, hortelão?!... Que desobediência é essa!...

WEHRINGER — Ah! Brincas à minha custa, patife!... Vou mostrar-te o que faço com aqueles que desobedecem...

DENISE — Por favor... esse homem é um tanto retardado... Logo que for possível pedirei a papai que arranje outro para o seu lugar... Leon!... Não ouviu o que o capitão disse?

LESLIE — Perdão, minha senhora... estava esperando apenas a sua ordem...

DENISE — O capitão ou eu é a mesma coisa... Vamos, capitão... estou ansiosa para saborear a champanha que tão galantemente reservou para mim...

WEHRINGER — Oh!... Madame Westbury... A senhora é a sedução em pessoa... Vamos... Tenho tanta coisa a dizer-lhe... Vamos...

INTERLÚDIO

WEHRINGER — Rogo-lhe que se sente, madame Westbury...

DENISE — Obrigada...

WEHRINGER — Prefere o salão aqui da biblioteca ou deseja ir para o terraço do castelo, madame?

DENISE — Oh, capitão... Estou muito bem aqui... Capitão... mas... creio que o capitão tem algo de importante a me dizer, não é assim?

WEHRINGER — De fato, madame Westbury...

DENISE — E'... é sobre esse hortelão que papai contratou para o nosso serviço de horta?

WEHRINGER!... Madame!... Poderia eu então ocupar meu espírito com um idiota daqueles!... Madame, estou apaixonado pela senhora.

DENISE — Oh!...

WEHRINGER — Sim, madame... Sou viúvo... Há dois anos que perdi a minha esposa... Madame é viúva há poucos meses... de forma...

DENISE — Perdão, capitão Wehringer... mas eu não pretendo me casar, por enquanto...

WEHRINGER — Não fale assim, Denise... Somos viúvos... Você agrada-me infinitamente... Desde aquele dia que me beijou, Denise... não posso esquecê-la por mais que faça para isso... Sentí o amor naquele beijo... compreende? Jamais sentí por outra mulher aquilo que estou sentindo por você, minha encantadora bretã...

DENISE — Por favor, capitão... está magoando-me as mãos... por favor...

WEHRINGER — Somos viúvos... perfeitamente livres para conseguirmos a felicidade, Denise...

DENISE — Perdão, capitão... não menosprezo os seus sentimentos, mas ainda sou muito fiel à memória de meu querido Leslie!

WEHRINGER — Denise... perdão... Não digo isso por um egoísmo sentimental, muito justificável a um homem que está deveras impressionado pelos encantos duma linda mulher como você... mas essa fidelidade por seu marido é ridícula!

DENISE — Não, capitão... a minha fidelidade é uma prova do quanto amo ainda aquele que continua no meu coração e na minha memória!...

WEHRINGER — Deve pensar como seu irmão, o sr. Alain de Kergueven, Denise... olhar-nos com mais simpatia... Ele pelo menos compreende a colaboração franco-alemã!... Por que então não colabora você, querida? Você ficou viúva... eu sou viúvo... A Alemanha é vencedora... A França, satélite do astro germânico... Terminada a guerra, Denise... então... nos casaríamos legalmente... Haveria assim uma união entre teutos e gauleses para a harmonia... para o bem dos dois países reconciliados!... E então?

DENISE — Compreendo... capitão... Enquanto não termina a guerra... eu e o capitão... seríamos...

WEHRINGER — Sim... o casamento seria efetivado legalmente depois da guerra.

DENISE — Vou pensar, capitão...

WEHRINGER — E' cedo, querida... Não se vá ainda...

DENISE — Pelo amor de Deus!... Deixe-me, capitão...

WEHRINGER — Tenho saudades daquele beijo, Denise... Quero outro!...

DENISE — Deixe-me!... Não permitirei...

WEHRINGER — Não irá sem que me dê um beijo!...

DENISE — Basta!... Solte-me!...

WEHRINGER — Estou louco por você, Denise!...

LESLIE (distante, forte) — Capitão Wehringer!...

DENISE — Oh!...

WEHRINGER — Que quer você aqui, estúpido?... Quem o mandou entrar sem bater?

LESLIE (lentamente) — Capitão Wehringer... as flôres que me pediu para comprar...

DENISE — Oh!... As flôres... obrigada, capitão Wehringer... Que lindas que são...

WEHRINGER — Saia, você!...

DENISE — Não!... Espere, Leon... Irei com você!... Até à vista, capitão... Muito sensibilizada pelas flôres... Vamos, Leon... quero que você dê um jeito na roseira perto da minha janela que está ficando muito sacrificada... vamos... vamos...

INTERLÚDIO

IVES — Receio pela tranquilidade de madame Westbury, sr. Alain...

ALAIN — Por que? Esse capitão Wehringer continua a cortejá-la?

IVES — Está se excedendo, senhor... E receio também por uma reação violenta por parte de meu general!... O senhor seu pai está disposto a muita coisa...

ALAIN — Não!... Meu pai... meu pai deve se controlar... Ele se perderá... e arrastará todos nós à perdição...

IVES — Mas se algo deve acontecer, sr. Alain, eu estarei ao lado do meu general até o último instante!...

Contra-regra: pancadas na porta.

PICOT (por detrás da porta) — Sr. Alain...

IVES — O maldito!...

ALAIN — Vamos!... Nada de, cenas... nada de cenas... Abre a porta...

Contra-regra: passos que se afastam; ruído de maçaneta.

IVES — Entra...

PICOT — Obrigado...

Contra-regra: passos cambaleantes.

PICOT — Boa tarde...

ALAIN — Boa tarde, Picot... Que é que há contigo, rapaz?

PICOT — Nada... nada... Ouça, senhor...

IVES — Posso sair, senhor de Kergueven?

ALAIN — Pode, Ives...

PICOT — Sr. Alain... Olhe!... Ele cuspiu quando olhou para a minha cara!

IVES — Perdão, sr. Alain... acho que ainda nós os franceses temos o direito de cuspir... Acho que as autoridades não distribuíram cartão de racionamento para êsse fim!...

PICOT — Espere... Não se vá antes de ouvir uma palavra...

Contra-regra: passos cambaleantes.

IVES — Fala, bicho!

ALAIN — Ives, por favor!

IVES — Perdão, sr. Alain... Os meus sentimentos patrióticos não se prendem absolutamente às minhas obrigações de criado... Só tratarei êsse traidor da forma que está testemunhando...

PICOT — Tem razão... tem razão... Assim como eu não gosto de você, você tem o direito de não gostar de mim...

ALAIN — Pode ir, Ives...

PICOT — Não... quero dizer duas palavras a êste homem... Estou cheio dêle até aqui!

IVES — Fala imundo!

PICOT — Obrigado!

IVES — Fala duma vez!

PICOT — Sabe que é que você ouvirá nos últimos instantes da sua vida, velho?

IVES — Ah!... Depois de traidor, profeta!

PICOT — Isso mesmo... estou vendo... Vendo como se estivesse acontecendo... Ouvirá a minha gargalhada antes de receber o chumbo do pelotão de fuzilamento (rindo) Era só isso...

IVES — E cuspirei olhando para você nessa hora...

PICOT (rindo) — Ah!... Que bom... será a última vez que você fará isso...

IVES — Com licença, sr. Alain de Kergueven!

ALAIN — Pode ir, Ives...

Contra-regra: passos que se afastam.

PICOT — Posso sentar... posso sentar...

ALAIN — Pode, Picot...

PICOT — Me dá um pouco, sr. Alain...

Contra-regra: ruído de copos.

PICOT — E' bom... nunca provei vinho tão bom como êses das adegas de Kergueven...

Contra-regra: gorgolejar durante cinco segundos.

PICOT — Oh!... Espumante... maravilha... maravilha...

ALAIN — Bebe, Picot...

PICOT — Obrigado!...

Contra-regra: bebendo ruidosamente.

PICOT — Ahhhh!... Que vinhol... Que vinho, sr. Alain...

ALAIN — Que é que há por aí fora, Picot?

PICOT — Oh!... Tudo bem... tudo bem... quase que pegamos um espião... quase...

ALAIN — Soube disso... o doutor Zimmerman veio aqui em cima colher dados...

PICOT — Fui eu que sugeri ao doutor...

ALAIN — Então suspeita de mim, Picot?

PICOT — Eu... (ri) Por que fez essa pergunta?

ALAIN — Porque sinto que você quer justamente falar disso, corcunda!

PICOT — Está melhor do ferimento no joelho? (ri).

ALAIN — Eu... estou... estou...

PICOT — Como custa a ficar bom!... (ri).

ALAIN — Ouça uma coisa: você está se prevalecendo muito da proteção que lhe dispensa êsse chefe da Gestapo!... Mas se perder a cabeça, esquecer-me-ei de tudo isso, e boto-o pelas escadas abaixo a ponta-pés!...

PICOT — Oh!... Oh!... O senhor ficou zangado...

ALAIN — Basta de atrevimentos!...

PICOT — O senhor conhece uma loura alia..

ALAIN — Loura alta?

PICOT — Sim... tem uns olhos brilhantes... uma mulher e tanto?

ALAIN — Onde quer você chegar, corcunda?

PICOT — O senhor está muito nervoso...

ALAIN — Por que se referiu você a essa loura, Picot?

PICOT — Alta... bonitona... Tem um sinal debaixo do nariz... bem na ponta do lábio...

ALAIN — Essa mulher? Essa mulher, onde a viu você, Picot?

PICOT — Cuidado!... O senhor me arranca o braço, sr. Alain!...

ALAIN — Fale, por Deus!... Irene!... Irene! Como sabe você disso, corcunda infernal!

PICOT — Irene? Bonito nome... Irene!...

ALAIN — Onde está essa mulher, responde! Toma!... (passos precipitados).

Contra-regra: abrir de gaveta.

ALAIN (passos que se aproximam) — Tome!... Cerna trancos para você!... Onde se encontra essa mulher? Em Brest?

PICOT — Não!

ALAIN — Onde? Irene é minha esposa, Picot! Se deu os sinais exatos de minha esposa é porque você a viu!... Onde se encontra ela?

PICOT — Calma!...

ALAIN — Fale!... Fale duma vez!...

PICOT — Eu falei!... Mas o senhor está me sufocando...

ALAIN — Em que ponto da zona desocupada? Em Saint Maxime? Martenais?

PICOT — Está no salão do castelo... está conversando com o capitão Wehringer... e o coronel Duisberg... tomou conta dos alemães... ela é bonita!...

ALAIN — Aqui!... No castelo!...

PICOT — Chegou numa carruagem... tôda de branco... parece um anjo!...

ALAIN — Oh!... Irene, aqui!... Vou descer...

PICOT — Não!... Não precisa, sr. Alain...

ALAIN — Ela vem ao meu quarto?

PICOT — Eu vim aqui para saber se o senhor poderia recebê-la!...

ALAIN — Claro!... Corre, Picot!... Corre!...

PICOT — Que aflição... já vou... já vou...

Contra-regra: passos cambaleantes, risadas de Picot distante.

INTERLÚDIO

ALAIN — Irene!... Querida!...

IRENE — Espere, senhor meu marido... Nada de efusões... Nada de entusiasmos...

ALAIN — Onde vens, querida?... Senta-te... Onde vens?

IRENE — De Cannes...

ALAIN — E por que não me enviaste uma carta sequer... Não sabia o que era feito de ti!...

IRENE — Um pouco antes da entrada dos alemães em Paris tentei telefonar para aqui... Não havia meio... As comunicações já estavam cortadas... (suspirando) Oh!... Como pensei em ti, Alain... nestas horas trágicas... Mas que é isso, estás ferido, senhor meu marido?

ALAIN — Por que me tratas assim com tanta aspereza?

IRENE — Eu... oh!...

ALAIN — Depois de tanto tempo de separação... um beijo sequer...

IRENE (áspera) — Não me beijes... conversemos... (intrigada) Hun... evidentemente estou mesmo distraída...

ALAIN (curioso) — Por que dizes isso, meu amor?

IRENE — Essas muletas... Estás ferido, Alain? Ferido, meu pobre maridinho... o homem que foi ser soldado a contragosto!... Então te bateste como um leão... muito bem...

ALAIN — Por favor, querida... não venhas com ironias... bem sabes que tudo isso magôa... Não exageres... não falemos mais nisso... Tu estás aí, isso é o essencial... noite e dia penso em ti, Irene... não sabes quanto sofri com a tua ausência...

IRENE — O que! Tens um cigarro, meu marido?

ALAIN — Tenho...

Contra-regra: caixa de fósforos; riscar de fósforo.

IRENE (displícite) — Obrigada, querido... Vamos!... Não me toques... solta a minha mão!...

ALAIN — Mas que é isso, querida? Então é assim que me recebes?

IRENE — Conversemos como dois esposos que se respeitam, Alain... Conta-me o que aconteceu com você, até que foste ferido... Eu estava tão triste por não ter notícias suas... conta!... conta!...

ALAIN — Eu ofereci-me para um reconhecimento à linha dos alemães... Eu e cinco homens...

Técnica: música durante dez segundos.

ALAIN — Depois, obtive alta e licença para convalescer-me dêsse ferimento no joelho...

IRENE — Hum... e acabou a guerra... isto é, o armistício veio... e você ficou aqui no castelo...

ALAIN — E tu, Irene?

IRENE — Oh!... Eu não fui tão brava como tu, querido!... Tenho vergonha de te declarar, mas quando os alemães atravessaram o Somme, não ousei continuar em Paris!... Tive medo como tantos outros... Um amigo com sua esposa achou que eu me devia refugiar no Sul... Partí!

ALAIN — Para Cannes?

IRENE — Sim...

ALAIN (enciumado) — E êsses amigos, Irene? Quem eram êsses amigos? Eu os conheço?

IRENE — Que é isso, benzinho... enciumado... (rindo).

ALAIN — Quem eram êsses amigos, Irene?

IRENE — Que é isso, leãozinho... não vamos fazer cenas diante do estado maior alemão que é hóspede a prazo indeterminado do senhor general Kergueven!

ALAIN — Ouça, Irene... sei... sei que continuas a mesma Irene!... Vamos... tens razão... não devemos fazer cenas... sabes quanto te amo... Oh!... Não avalias quanto tenho sofrido, Irene... procurei de toda forma me comunicar contigo...

IRENE — Bem... passemos a um assunto mais objetivo, querido... os males do coração abordaremos depois... então o meu sogro aloja no castelo o estado maior alemão...

ALAIN — Sim... eles ocupam toda a casa.

IRENE — Estás então desmobilizado?

ALAIN — Sim...

IRENE — Que é isso, estás me respondendo de tão má vontade, querido...

ALAIN (indeciso) — Não... é que não gosto de me recordar de certas coisas... Imagina que nem os documentos ainda recebi!...

IRENE — Os documentos oficiais?

ALAIN (perturbado) — Sim... Há tal desordem na administração, com êsse desastre!...

IRENE — Bem... mudando de assunto!... Dormes aqui, Alain? E eu, onde vou me acomodar? Tens outro quarto neste andar?

ALAIN — Não... tudo foi tomado por eles... Mas por que perguntas isso? Não te agrada o nosso quarto?

IRENE — Nosso?

ALAIN — Sim...

IRENE — Perdão, querido... quero um quarto só para mim...

ALAIN — Que dizes, Irene! Ignoras então que o teu lugar é aqui, perto do teu marido?

IRENE — Não, querido... sinto muito, mas providenciarei com o estado maior para que me arranjem uma acomodação a meu gosto!

ALAIN — Basta!...

IRENE (soltando um grito abafado de dor) — Brutol... Tira a mão do meu braço!... Grosseiro!... Não me toques!...

Técnica: música impresionante.

ALAIN — Ficará ao lado do teu marido!

IRENE — Não!... Farei aquilo que muito bem me aprouver!...

ALAIN — Não!...

IRENE — Larga-me... não me beijes!... Detesto-te!... Bem sabes disso!...

ALAIN — Sei!... Estou cansado de saber que tens repulsa por mim... mas quero-te loucamente!... És medonha, Irene!... És monstruosa de alma!... Sei que levaste uma vida à vontade onde estiveste... sei de tudo isso, o coração dizia-me minuto a minuto na minha agonia... o ciume abriu-me uma úlcera incurável na alma, ouviste!... Mas mesmo assim te quero!...

IRENE — Solta-me!... Chamarei por socorro!...

ALAIN — Ninguém poderá impedir a um marido o afeto que nutre pela esposa!... Tens uma alma detestável mas és minha esposa!...

IRENE — Oh!... Que é isso? (dando uma gargalhada bem longa).

Técnica: cessar a música subitamente.

ALAIN — Páral... Teu riso me alucina!...

IRENE — Esqueceste das muletas, querido... como te firmas admiravelmente bem sobre a perna...

ALAIN — Estou melhor... de ontem para hoje estou sentindo melhoras bem sensíveis...

IRENE — Estavas há pouco rubro de emoção... depois de cólera... agora pálido. Nem o arco-iris... Dize, Alain: a tua perna está melhor assim? Tu fazes acrobacias surpreendentes para um homem ferido.

ALAIN — Sim... a minha perna já está boa, Irene...

IRENE — Já! (rindo).

ALAIN — Por que êsse riso, Irene?

IRENE — O já, querido...

ALAIN — O teu verdadeiro pensamento, Irene?

IRENE — Deixa-me ver o teu joelho... (pausa).

Técnica: música em back-ground.

IRENE (murmurando) — A rótula... não tem nada... nem um sinal de ferimento, querido maridinho!... Por que andas de muletas se estás perfeitamente bem?...

ALAIN — Por causa deles... são mais camaradas com um convalescente...

IRENE (mordaz) — Convalescente? Verdadeiramente curioso... O teu ferimento não deixou nenhuma cicatriz, meu amor...

ALAIN (perturbado) — Oh!... Também não foi coisa muito séria...

IRENE — Quando me contaste como tinhas sido ferido... o relato enfim de tudo que aconteceu com você na Linha Maginot até à tua chegada ao castelo de Benoet... disseste-me que havias sido tratado em Paris, no Hospital Sevrin, Boulevard Victor.

ALAIN (perturbado) — Justamente... Justamente... disse isso... por que, Irene?

IRENE — Nada... nada... querido... Então certamente te avistaste com a enfermeira chefe, a baroneza de Bresillac, não é assim?

ALAIN — Sim... Por que?

IRENE — Porque eu a conheço. Durante dois meses no inverno passado, minha amiga Renée Reville, que trabalhava sob as suas ordens, me levou muitas vezes para auxiliá-la e preparar os pensos. Eu conhecia toda a gente... quem te tratou?

ALAIN — Não me lembro mais do nome.

IRENE — Não sabes mais, querido... com tantas enfermeiras interessantes... e tu que és um entusiasmado apreciador de meninas bonitas...

ALAIN — Como queres que me lembres?

IRENE — Quem era o teu médico?

ALAIN — O médico... o médico... espera... ah!... O dr. Messet, me parece...

IRENE — Messet (rindo) Olha, querido... Eu conheci todos os médicos do Sevrin. Lá não havia nenhum dr. Messet.

ALAIN — Um nome assim... não me lembro agora... mas... espera... falo à minha esposa ou sou interrogado por um juiz de instrução?

IRENE — Em que sala estavas no hospital Sevrin? A dos soldados, no primeiro andar, onde havia 40 leitos?

ALAIN — Sim...

IRENE — Estás certo, meu querido maridinho?

ALAIN — Sim... por que?

IRENE — Porque no hospital Sevrin há apenas quartos para dez leitos para os soldados...

ALAIN (perturbado) — Quero saber por que me atormentas como um policial!

IRENE — Alain de Kergueven!... Temos muito que conversar...

ALAIN — Onde queres chegar!...

IRENE — Vais me ouvir sem um grito que seja, querido...

ALAIN — Vais me denunciar, Irene?...

IRENE — Não!... Não se aproxime de mim!... Não se aproxime!...

Técnica: música impressionante.

IRENE — Não me toques!... Eu chamarei por socorro!... Serás um homem perdido!...

ALAIN — Então... tu... tu, Irene!...

IRENE — Gritarei por socorro!... Gritarei!...

Técnica: interlúdio final de episódio.

ALAIN — Nada temas, Irene, não grites!... Não grites!... Não vou fazer coisa alguma contigo...

IRENE — Sim... Se tentares... se te atreveres, pagarás com a vida!... Eles estão lá em baixo!...

ALAIN — Disse-te que nada farei... Está bem... vou te revelar a verdade.

IRENE — Ainda bem... Voltas a ser o homem sensato com quem me casei...

ALAIN — Nunca estive em tratamento no Sevrin.

IRENE — Bem... bem... Cada vez mais complicado... Se fostes tratado em outro lugar por que dás o nome do hospital errado? Ao menos que é esse ferimento?...

ALAIN — Não fui atingido por estilhaço de obús.

IRENE — Não precisavas dizê-lo. Está visto. Podes enganar aos outros... mas não a mim... à tua esposa... (rindo).

ALAIN — Que pretendes fazer agora que és senhora do meu segredo?

IRENE — Escuta, Alain... Sinto mistério em tudo isso... Passaram-se coisas graves desde que perdemos o contacto um com o outro. Não achas que eu, a tua mulher, tenho algum direito de saber? Bem sabes que me interesse por tudo que diz de perto de ti... Sei que nem sempre fui boa contigo... Reconheço isso...

ALAIN — Irene... peço-te...

IRENE — Sim, meu querido... Tenho consciência dos meus defeitos... Mereço tudo que me disseres. Quando vivíamos em tempo de paz, as zangas e as incompatibilidades não tinham tanta importância... mas agora...

ALAIN — Termina... agora...

IRENE — Precisamos... devemos nos unir, meu marido... Por que desertaste, Alain?

ALAIN — Não desertei...

IRENE — Oh!... Não confias na tua esposa, querido?

ALAIN — Irene...

IRENE — Querido... peço-te... tem confiança... Se tens inquietações... (insinuante e meiga) Se tens inquietações, a quem poderás confiá-las senão a mim... A tua pequena Irene... Pensas que não te amo, mas enganas-te... amor...

ALAIN — Fala sinceramente, querida... Tu me tens feito sofrer horrivelmente... Tu bem sabes quanto te quero... Tenho por ti acima de amor... alucinação!...

IRENE — E eu amo à minha maneira... Não sei porque sou assim... Gosto de forma diferente... E' meu feitio... talvez tenhas sofrido muito por minha causa...

ALAIN — Oh!...

ALAIN — Há quanto tempo não vejo essa expressão carinhosa... suave... fascinante no teu olhar, querida... Quanto mais o tempo passa, mais sedutora te tornas... Sentí uma saudade mortal de ti, Irene... Tenho-te novamente nos meus braços... Sou feliz... Pensei que havia te perdido, Irene...

IRENE — Alain, meu Alain...

ALAIN — Como ansiei êstes instantes felizes!... Sentir entre as minhas mãos os teus cabelos, Irene... Beber a luz do teu olhar...

IRENE — Alain... Dize... Há uma sombra em ti... um segredo que te faz sofrer, meu amor... não é verdade?

ALAIN — Irene... (baixinho e comovido) — Irene... sim... uma sombra terrível...

IRENE — Então é verdade?

ALAIN — Sim... Sou um desertor...

IRENE — Desertor!... (passos).

ALAIN — Irene!...

IRENE — Espera, querido... vamos conversar... Se compreendi bem, és considerado morto ou prisioneiro na Alemanha.

ALAIN — Sim.

IRENE — Nada arriscas enquanto a justiça militar francesa ignorar que deixaste a linha de frente com uma falsa licença de convalescente.

ALAIN — Sim.

IRENE — E se soubessem que estás vivo, escondido aqui?

ALAIN — Eu seria submetido a Conselho de Guerra e condenado...

IRENE — Condenado?

ALAIN — Sim...

IRENE — A que?

ALAIN — À morte...

IRENE — Por deserção diante do inimigo? E se os alemães soubessem da tua verdadeira situação, meu querido marido?

ALAIN — Eles me prenderiam, seja para me mandar como prisioneiro para a Alemanha, seja para me entregar às autoridades francesas.

IRENE — Meu pobre Alain... Por que fizeste isso?

ALAIN — Pouco me importa o que fiz... Tenho-te agora junto de mim... Tornaste-te o meu mundo... Apertar-te bem contra o meu peito é a maior recompensa que posso ter da vida que tenho...

IRENE — Espera... Nada de pieguices...

ALAIN — Que é isso? Por que te esquivas... Como te transformaste!... Endureceram-se novamente os teus traços...

IRENE — Basta, já te disse.

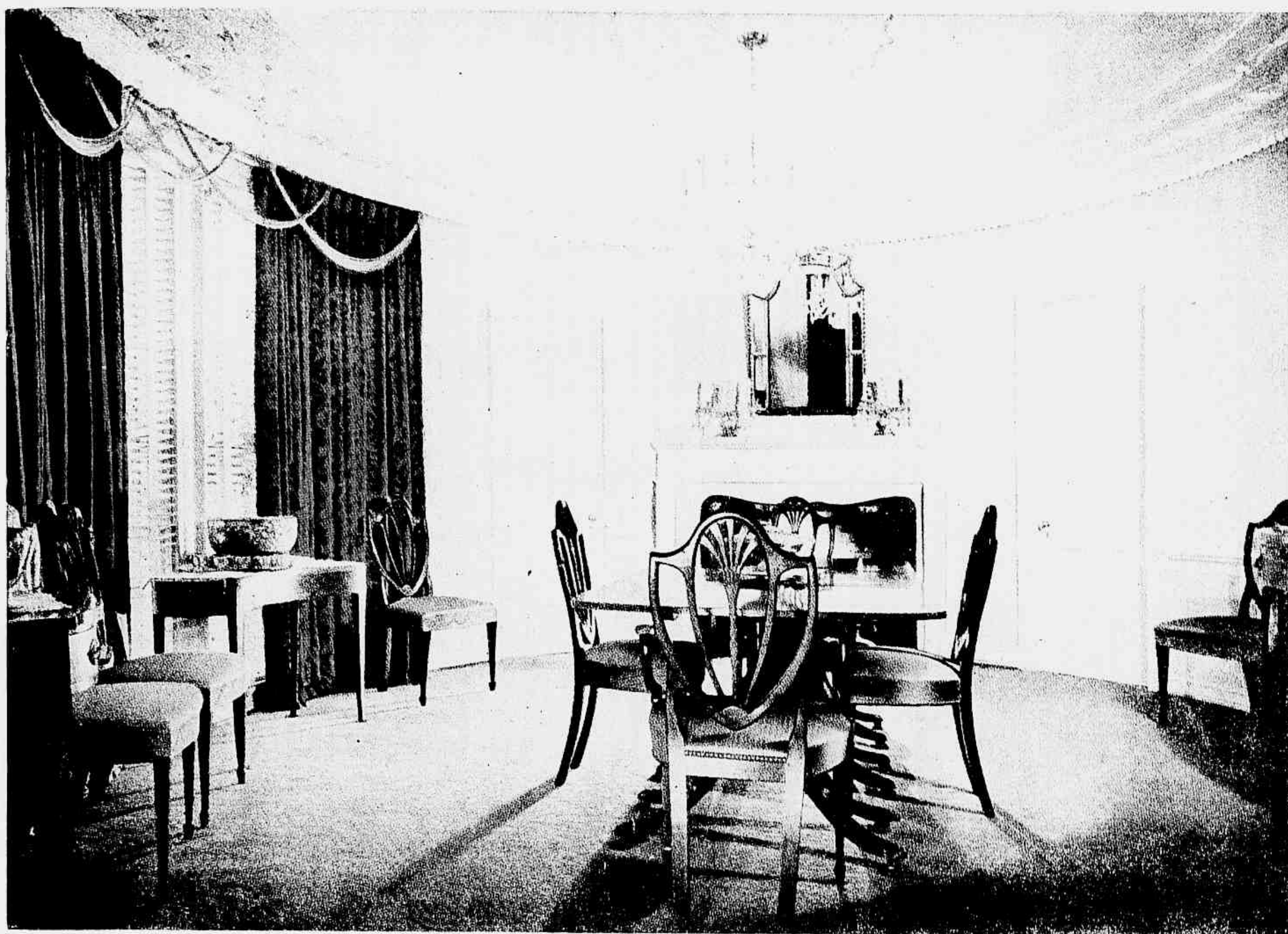
ALAIN — A tua atitude é ridícula... Por que recusas os meus carinhos?...

IRENE — Larga-me!...

ALAIN — Basta digo eu... Não suportarei mais êsses teus caprichos! Esqueces-te que sou teu marido!...

IRENE (rindo) — Não suportarás? (rindo) Dizes isso como tivesses o direito de dar ordens...

ALAIN — Disseste tudo... Dou ordens!... És minha esposa... tens de me obedecer!



Dining-Room Americano

A sala de jantar que o clichê acima nos mostra, embora não seja parte de um palacete luxuoso, reúne em si uma elegância tão fina que nos parece uma peça suntuosa e cara. É, entretanto, uma sala simples, mobilada confortavelmente mas sem exageros de adornos.

Os móveis, em estilo moderno, obedecem a uma homogeneidade perfeita, e os candelabros e vasos foram escolhidos cuidadosamente, de maneira a não quebrarem esta harmonia perfeita, à qual obedece também a linha arquitetônica da peça.

Este é um exemplo frizante do valor do senso artístico na ornamentação de interiores, onde a habilidade do decorador pode, com recursos não muito largos, preparar ambientes como este valendo-se apenas dos seus conhecimentos técnicos.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

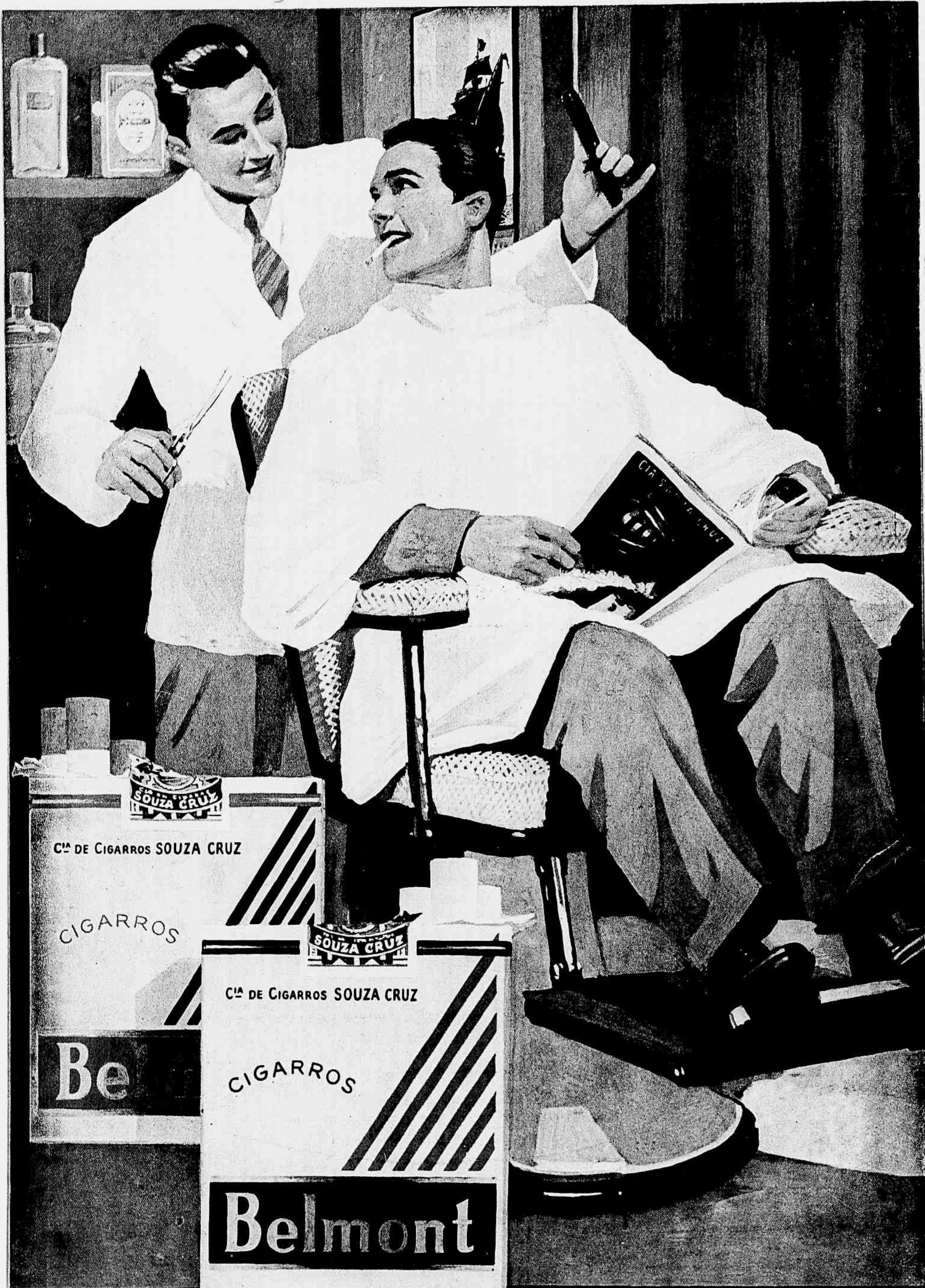
MARCA

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67 RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



★ CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ ★